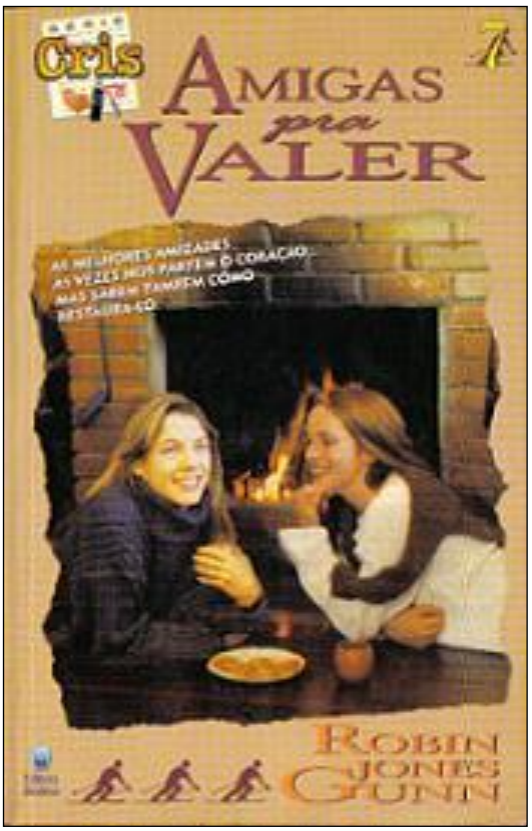


Serie Cris

Amigas Pra Valer

Editora Betania
Digitalização: deisemat
www.portaldetonando.com.br/forumnovo/

PDL
Projeto Democratização da Leitura
www.portaldetonando.com.br



Amigas Pra Valer

7

Robin

Jones

Gunn

Um Raio do Céu

1

- Através dos anos, muitas pessoas têm dado suas opiniões sobre amizade. Quero que esta classe trabalhe com base na apostila que distribuí, e escrevam uma redação de três páginas. Comecem com a frase "Uma amizade verdadeira é..." Podem usar o resto do tempo desta aula para começar o trabalho. Alguma pergunta?

Cris Miller, de dezesseis anos, correu a vista em torno da classe, e notou que sua amiga Katie tinha levantado a mão.

- Podemos usar algumas das citações dessa lista? perguntou Katie, agitando os cabelos ruivos enquanto virava a cabeça.

- É claro que sim. Agora, nada de conversa. Podem trabalhar no projeto.

Cris ajustou suas pernas compridas sob a carteira e olhou a apostila. A página estava cheia de dizeres de gente famosa, como Constantino e Aristóteles. Sorriu quando leu o que Charles Dickens tinha dito sobre amizades: "Amigos? Sim, por favor!"

Pegou uma folha de papel em branco e escreveu em cima: Uma amizade verdadeira é...

Veio-lhe à mente apenas uma palavra: Ted.

Não era exatamente o que estava procurando. Cris afastou a idéia e ralhou consigo mesma.

Vamos lá. Você tem um montão de amigos. O que está fazendo, pensando no Ted? Ele nem faz parte da sua vida mais. Pense, pense, pense! O que é uma amizade verdadeira?

Começou a escrever: "Amigo verdadeiro é aquele que está do nosso lado e..." Ted,

repetiu mentalmente. "... e sempre vê o melhor em nós. É alguém que gosta da gente, mesmo quando não gostamos muito de nós mesmos."

Então, sem querer, escreveu: "Meu amigo de verdade é o Ted Spencer."

Pronto. Ela tinha confessado.

Escrevendo isso, reconhecia abertamente que o Ted era seu verdadeiro amigo.

O que foi mesmo que o Ted dissera quase um ano atrás, quando colocara no seu braço a pulseira de chapinha com a inscrição "Para Sempre"? "Ofereço minha amizade. Prometo a você que é amizade para sempre."

Cris se lembrou de que ele tinha confirmado essa declaração dois meses atrás. Era cedo, de manhã, na praia deserta. Na noite anterior, sem querer, ela tinha concordado em namorar o Rick Doyle. E no dia seguinte, lá estava ela, numa madrugada nevoenta da Califórnia, tentando explicar ao Ted. Tentou devolver-lhe a pulseira, mas ele não aceitou.

"Não importa o que aconteça", disse ele. "Seremos amigos para sempre."

Então comunicou que estava de partida para o Havaí, onde iria tentar entrar na equipe do campeonato mundial de surfe. Ela não tivera notícias dele desde então.

Cris desenhou um coração bem pequenino no canto do papel e deixou as lembranças do Ted encherem sua mente. Daí a pouco, as margens estavam cheias de desenhos de uma bicicleta para duas pessoas, uma cesta de piquenique com gaivotas em volta, um buque de cravos, uma velha kombi Volkswagen, e, descendo o lado direito da página, uma cachoeira com uma ponte em cima. A estridente sineta, que anunciava o final da aula, trouxe-a de volta ao presente. Fechando o caderno, Cris agarrou os livros e parou à porta, esperando a Katie.

- Você terminou a sua? perguntou Katie, os olhos verdes faiscando como se tivesse um segredo importante.

- Na verdade, não, respondeu Cris, puxando para trás sua franja castanho-claro.

Estava deixando o cabelo crescer, e já entrava naquela fase de deixar louca, de tão comprida e desajeitada.

- E você, conseguiu? indagou à amiga.

- Quase, respondeu Katie ao descerem pelo corredor barulhento. Sobre quem você escreveu?

- Bem, ainda não decidi. Acho que vou ter de continuar durante o final de semana.

- Escrevi sobre a pessoa que considero o amigo mais verdadeiro do mundo todo, falou Katie com os olhos brilhantes. Quero que você leia, mas só depois que eu acabar.

De repente, Cris sentiu-se muito mal. Parece que a Katie escreveu sobre mim! Como se eu fosse sua melhor amiga. Katie tem sido uma rocha de proteção, uma amiga de verdade, e eu nem me liguei.

No almoço as garotas se encontraram no lugar de sempre, perto das mesas de piquenique, no lado de fora. Tempo suficiente para Cris bolar um plano. Queria fazer alguma coisa que deixasse Katie saber o quanto gostava dela.

- Katie, vou lhe fazer uma pergunta e quero uma resposta sincera.

- Está bem; desembuche!

- Quero saber o que você gostaria que fizéssemos juntas, só eu e você.

- Que é que você quer dizer?

- O que é que você tem vontade de fazer? Gostaria de fazer compras ou o quê? É só dizer.

- Parece que alguma coisa está errada, Cris. Nós sempre estamos fazendo as coisas juntas. Por que precisamos fazer planos especiais para alguma coisa?

Cris respirou fundo e enfiou o resto do seu sanduíche de volta na sacola de lanche. Não pensara que seria assim tão complicado.

- Posso ser sincera com você?

- Não, quero que você minta pra mim, respondeu Katie com deboche.

Em seguida, dando-lhe um empurrãozinho no ombro, disse:

- Brincadeirinha! O que deixou você tão séria assim? Está me assustando!

- Katie, você tem sido uma amiga de verdade pra mim. Sinto que eu não tenho sido tão boa assim. Você é a amiga mais legal que já tive.

- Legal?

- É, você sabe. Que nem no ano passado, quando meus tios me levaram a Palm Springs. Você não pôde ir por causa do jogo de futebol. Você foi tão legal sobre isso...

- Mas... interrompeu Katie.

Cris, porém, continuou, não dando chance à amiga de discordar.

- Depois, nas férias de verão, quando fui a Maui. Você sabe que eu queria levá-la, mas tive de levar a Paula, porque ela estava aqui de visita naquela semana. Minha tia organizou tudo, e não tive como dizer quem eu queria que fosse junto.

- Eu sei, Cris. Não precisa explicar.

- É isso que quero dizer! Você sempre me deu uma força. Foi legal sobre meus passeios a Palm Springs e Maui. Até mesmo quando a Paula foi grossa com você...

- Cris, você está dando a impressão de que eu fui uma espécie de heroína! Não foi assim, não. Eu estava morrendo de inveja de não poder ir com vocês.

- Mas não parecia. É isso que estou dizendo. Você sempre me apoiou. Sempre.

- Bem, quase sempre. Se você se lembra, não apoiei quando começou a namorar o Rick.

- Sim, apoiou. Só que não tinha uma opinião muito boa dele.

- Ainda não tenho. Mas não precisava dizer a você tudo que eu pensava dele. Você resolveu a situação muito bem, sem que eu fizesse um monte de comentários negativos.

- Não; foi bom você me ter dito aquelas coisas. Tinha de ouvir a sua opinião. E, como já lhe disse e provavelmente terei de dizer umas mil vezes, você tinha razão, Katie.

Namorar o Rick foi um grande erro.

- E como eu já lhe disse mil vezes, sair com o Rick não era o problema. Namorá-lo foi... Bem, se quer minha opinião sincera, foi a coisa mais boba que você fez em toda a sua vida.

Cris riu diante da sinceridade da amiga.

- É, parece que certas coisas a gente só aprende quebrando a cara. Sabe, ainda me sinto machucada quando penso nele.

- Por quê? Porque ele era um panaca e tratava você que nem lama?

- Não, o Rick não me tratou mal, você sabe disse.

- Certo. Ele só roubou a pulseira que o Ted lhe deu, vendeu-a para um joalheiro, e agora você teve de comprá-la de volta pagando prestações até o Dia de Ação de Graças*. Como sou burra! falou Katie e deu um tapa na testa. Acho que é assim que toda garota sonha que o namorado vai tratá-la. Só me falta agora atingir esse nível de maturidade que leva a entender relacionamentos assim tão profundos, amáveis, emocionalmente enriquecedores.

* Dia de Ação de Graças, Thanksgiving: a quarta quinta-feira de novembro. É um dos principais feriados americanos. É quando celebram a sobrevivência dos primeiros colonos inleses na Nova Inglaterra e dão graças a Deus por todas as bênçãos. (N. da T.)

- Está bem, Katie. Você tem razão. O Rick foi uma espécie de...

- Panaca de primeira categoria, totalmente besta, completou a outra.

- É, talvez a gente possa colocar a coisa nesses termos. Mas não era sempre assim. Há nele um lado carinhoso também. Não estou dizendo que quero sair com ele de novo, mas não sinto que meu relacionamento com o Rick tenha se desfeito.

- Você mandou ele desaparecer. Que mais existe ainda pra desfazer?

- Não dá pra explicar. Nem sei se eu entendo. Quero que ele compreenda por que

terminei com ele. Um dia desses quero sentar-me com ele e explicar tudo.

- Quer dizer, do jeito que você conversou sobre as coisas com o Ted naquela madrugada, na praia? Isto é, você pode dizer sinceramente que seu relacionamento com o Ted acabou e está resolvido?

Cris abanou a cabeça, sentindo o cabelo sobre os ombros enquanto abaixava os olhos. Lágrimas escorreram inesperadamente.

- Não, sussurrou. Não acabei nada com o Ted. Penso nele o tempo todo.

- E então? Por que não escreve pra ele? Mande um cartão. Um daqueles engraçados. Você me disse que na semana passada o seu tio lhe deu o endereço dele. O que é que está esperando?

- Não sei, respondeu Cris, piscando os olhos para deter o pranto. Vai ver que estou esperando um raio do céu.

- Então aqui vai, disse Katie, batendo na cabeça de sua amiga com um sanduíche embrulhado em papel alumínio. Considere isso um raio do céu, e esta é a mensagem: "Fazei o que deveis! Escrevei ao Ted!"

Cris sorriu, seus olhos azul-esverdeados fitando os de Katie.

- Já que é assim que você pensa, eu irei. Sairei e comprarei um cartão e o enviarei ao Ted hoje mesmo.

Katie sorriu em aprovação e comentou:

- Sabe, de vez em quando uma batida na cabeça com um sanduíche parece lhe fazer bem. Me lembre que eu devo fazer isso a cada cinquenta mil quilômetros.

Foi só na aula de Espanhol que Cris se lembrou de que a Katie não tinha respondido à sua primeira pergunta. Não lhe dissera o que queria que as duas fizessem juntas.

Durante as férias, as únicas horas que passaram juntas foram na igreja. Depois do início das aulas, Cris começara a trabalhar e ficava sempre ocupada nos finais de semana.

Na época em que Cris começara a namorar o Rick, Katie havia prometido uma "festa da camisola" na sua casa, mas a amiga não tivera nenhum final de semana livre, pois trabalhava todas as sextas-feiras e saía com o Rick aos sábados após o trabalho. Agora que o Rick estava fora do pedaço, Cris pensou que talvez pudesse ajudar a Katie a reunir as garotas e planejar uma festa, como no ano passado.

Cris dirigiu diretamente da escola para o shopping, onde começava a trabalhar às quatro. Seu patrão, Jon, recebeu-a com um largo sorriso.

- Adivinhe o que aconteceu! falou ele.

Tinha o cabelo comprido amarrado atrás num rabo-de-cavalo e estava, como de costume, de jeans e camiseta. Cris não notou nada diferente no Jon. Devia ser alguma coisa na loja. Ela olhou à sua volta, mas não viu diferença alguma.

- Desisto. Não sei o que pode ser.

- Vendi a jibóia hoje cedo, replicou Jon, dando um largo sorriso.

A simples menção do animal dava arrepios na Cris. Nunca esqueceria a noite em que a jibóia de cinco metros tinha escapado da gaiola e saíra a passear pelo *shopping.*

- Você parece contente por tê-la vendido, disse Cris. A Beverly me disse que ela estava aqui há séculos. Achei que nunca fosse vendê-la.

- É. Essa cobra já estava aqui havia muito tempo, não porque gostasse dela, mas porque ninguém queria comprá-la. Hoje de manhã um cara de Fallbrook chegou e pagou o preço total. Agora ela tem um novo lar, e eu estou felicíssimo, comentou Jon, pegando a prancheta de trás do balcão.

- Faz tempo que estou pretendendo lhe perguntar uma coisa, continuou ele. Você está contente com o seu horário, ou quer que eu mude para você poder passar mais tempo com o namorado?

Cris sentiu o rosto enrubescer.

- Ah não! Meu horário está ótimo. Não precisa mudar nada. Verdade.

Jon olhou-a direto nos olhos com o mesmo jeito de um médico que examina a garganta de um paciente. Então, como quem descobriu o que estava querendo saber, pousou de novo a vista na prancheta e disse:

- Que pena!

Cris sentiu-se confusa.

- Você acha uma pena eu não querer mudar o horário? Posso mudar ou trocar com outra pessoa, se precisar.

- Não; seu horário está ótimo para mim. É uma pena que você e o... - como era mesmo o nome dele? - tenham terminado.

- Rick, replicou, e assim que disse o nome, sentiu como se tivesse mordido uma framboesa azeda. O nome dele é Rick. Faz cerca de uma semana que acabamos tudo. Mas está tudo bem. Verdade. Somos apenas amigos.

Jon olhou-a mais uma vez nos olhos. Depois, com um largo sorriso, fez barulho com o clipe da prancheta, enfiou a caneta atrás da orelha, e dirigiu-se para o fundo da loja.

- É, parece que chega um momento que a gente tem de dizer adeus. Nem sempre é fácil, mas a gente tem de soltar a velha jibóia, deixar que outra pessoa cuide dela.

Cris estava prestes a defender o Rick, quando Jon voltou a encará-la e disse:

- Você sabe que estou me referindo à cobra, não sabe? Aquela velha jibóia.

- Certo. A cobra, naturalmente. Claro que sei disso.

Colocou a bolsa por trás do balcão e foi postar-se atrás da caixa registradora.

Rapazes. Quem precisa deles? Eu é que não!

Começou a arrumar o balcão, resolvida a concentrar-se no trabalho.

Eu mostro ao Jon e à Katie e a todo mundo que não preciso de rapaz nenhum na minha vida. E, suspirando fundo, murmurou: Agora, se ao menos conseguir convencer-me a mim mesma, estará tudo bem.

O Rei das Devoluções

2

- Com licença, disse à Cris o freguês da caixa registradora.

Ela já estava trabalhando havia mais de uma hora, mas esse era o primeiro freguês que falava com ela. Os outros tinham apenas correspondido ao seu sorriso e cumprimentando com resmungos e murmúrios.

- Poderia me dizer quando vocês vão receber mais mistura de painço? indagou ele. Parece que acabou; a caixa está vazia.

- Não tenho certeza, mas vou chamar o gerente.

Cris apertou um botão vermelho debaixo do balcão, e Jon logo apareceu, correndo a passos curtos.

Enquanto Cris explicava ao Jon que o painço havia acabado, viu com o canto do olho a Katie entrando na loja.

- Uma nova remessa chega na segunda-feira, disse Jon ao cliente. O senhor quer que telefonemos quando tiver chegado?

- Não, não precisa me ligar quando chegar, não. O melhor é vocês manterem um estoque suficiente para não dar desculpas esfarrapadas e me fazer ficar sem ração para os meus pássaros. Que espécie de gerente é você? Não consegue nem manter painço em estoque!

Com isso o homem saiu bufando da loja.

- Que é que há com aquele cara? Quem ele acha que é? perguntou Cris.

- Ah, eu não lhe falei? É um dos nossos melhores fregueses.

- Puxa! E como serão os piores?

- Sabe o que dizem: "O freguês sempre tem razão." É melhor não ligar, deixar rolar e ir em frente.

- Mas, Jon, ele foi grosseiro com você e disse um bocado de coisas ruins!

- Apenas semente de ervas daninhas. Talvez estivesse querendo jogar algumas no meu jardim. Não as quero.

- E então, o que é que você faz? Finge não perceber? Jon olhou-a como se Cris fosse bem criança e ainda tivesse muito que aprender.

- Se eu ignorar as sementes de ervas daninhas, elas brotam e crescem, não é mesmo?

- É.

- E é claro que não vou adubá-las e nem regá-las para me divertir e ver como são depois que crescerem. Cris concordou, acenando com a cabeça.

- Então eu as cato e jogo fora, disse Jon, usando os gestos apropriados. As ervas daninhas vão para o monte de lixo; não para o meu jardim.

Cris ficou imaginando como o Jon parecia simples. Nunca imaginaria que seu patrão, o gerente de uma loja de animais, tivesse tanta filosofia de vida.

Olhando para o relógio, Jon disse:

- Está na hora do seu intervalo. Pode tirar enquanto sua amiga está aqui.

- Obrigada. A propósito, o nome dela é Katie. Tirando a bolsa de trás do balcão e laçando-a ao ombro, Cris gritou para a amiga:

- Tudo bem, Katie. Ele já descobriu você. Não precisa mais fingir ser freguesa.

Katie estava atrás de um mostruário de livros de bolso. Só apareciam seus olhos verdes acima do livro que ela examinava: *Como treinar seu coelho a viver solto em casa em apenas vinte dias.*

- Prazer em conhecê-la, Katie, falou Jon enquanto as garotas saíam da loja.

- O prazer é meu, disse Katie por sobre o ombro.

Rindo-se, Cris perguntou:

- Você viu aquele cara que entrou logo antes de você e pediu painço? Viu a grosseria dele?

- Acho que ele devia estar com algum problema. Por aqui, disse Katie, puxando o braço da amiga. Vamos à papelaria comprar um cartão para o Ted.

- Puxa! Pra você e o Jon, minha vida é um livro aberto! Entraram na loja e foram à fileira de cartões.

- Você me deixa escolher o cartão, está bem? falou Cris.

- Claro, concordou a outra, parando em frente dos cartões humorísticos. Só estou aqui pra oferecer o meu apoio.

- E sua opinião.

- É. Minha opinião. Mas só se você a quiser, disse ela, pegando um cartão e lendo seus dizeres.

- Olha aqui! disse quase gritando, toda entusiasmada. É estee! É perfeito. Terminou a busca. Encontrei o cartão perfeito! Leia.

- Katie! ralhou a amiga.

- Eu sei, eu sei. Você só queria minha opinião. Bem, na minha opinião este é perfeito. Você não disse que o Ted tem uma prancha de surfe alaranjada?

Cris tirou o cartão da mão de Katie e examinou-o de perto. Na frente havia um surfista solitário, numa prancha alaranjada, na crista de uma onda enorme, gritando: "O surfe está na onda!" Todos os outros surfistas em caricatura na praia estavam agarrando suas pranchas e subindo em cima um do outro para tentar acompanhar aquele surfista.

O cartão se abria com a inscrição: "E então, o que rola no seu canto do mundo?"

- Bem, continuou Katie, para um cara que deixou a civilização pra surfar o inverno todo na praia de Oahu, não é o cartão perfeito? Acredita? Tem até uma prancha da cor da

do Ted! É coincidência ou é Deus?

- Está certo, replicou Cris, rindo. Você me convenceu. Este é o cartão perfeito para o Ted. Vamos comprá-lo, e eu lhe pago um sorvete de iogurte na sorveteria ao lado. Me lembra de lhe perguntar uma coisa.

Alguns minutos depois, as duas tomavam um iogurte gelado, caminhando de volta para a loja de animais.

- E então, o que você queria me perguntar?

- Você não me respondeu o que perguntei no almoço, lá na escola. Sobre o que queria fazer. Pensei que talvez pudéssemos organizar uma festa da camisola que nem a do ano passado. Sei que já é outubro, mas ainda podíamos fazer de conta que é festa de início das aulas.

Katie disse "não", abanando a cabeça.

- Já tentei três vezes organizar uma festa dessas, mas simplesmente não vai dar. Vai ver que é porque crescemos. Talvez a gente já seja muito grande para esse tipo de brincadeira, falou pegando mais uma colherada de iogurte. Sabe, a primeira festa da camisola de que participei, eu estava na sexta série. A maioria das garotas não se interessa mais.

- Por que não?

- Algumas já mudaram daqui. Outras estão de namorado ou trabalham nas horas que não estudam. Ninguém queria. Só eu.

- E eu, disse Cris. Confesso que eu estava preocupada com o Rick, com o trabalho, o castigo e tudo o mais quando as aulas começaram, mas agora estou querendo a festa. Mesmo se formos só nós duas.

Os olhos de Katie brilhavam.

- É mesmo? Quando? Pra mim qualquer dia está bom.

- Que tal amanhã? Dá pra planejar assim tão depressa?

- Claro! Posso ligar pra algumas garotas e comprar umas fritas, balinhas de chocolate e papel higiênico. A que horas você poderia chegar?

- Saio do trabalho às seis. Se meus pais concordarem, posso ir direto pra sua casa.

- Perfeito! Vou pra casa arranjar um espaço no freezer. Sabe, né? Esses preparativos todos para a festa...

- E por que precisa de espaço no freezer?

- É tradicional a gente congelar as roupas de baixo de alguém. De quem foi que fizemos no ano passado? Procuramos não pegar a mesma pessoa duas vezes seguidas.

Cris sorriu.

- Não me lembro. Mas faz de conta que fui eu, para não acontecer comigo este ano, tá bem?

Katie caiu na gargalhada, e Cris sabia que sua amiga estava animada com a ideia da festa. Sentia-se feliz porque, afinal, iam fazer o que planejaram. Mas também fez com que Cris se sentisse culpada pelas muitas vezes que tinha protelado os planos de Katie no passado.

- Eu encomendo a pizza às seis, para que esteja lá quando você chegar. Vai ser o máximo!

No dia seguinte à tarde, enquanto Cris trabalhava, Katie ligou para ela, falando dos planos. Cris estava nos fundos, marcando os preços nas latas de ração para peixes, o que lhe permitiu continuar trabalhando enquanto conversava.

- Estou com o saco de dormir e tudo mais dentro do carro, disse Cris. Meus pais foram super legais comigo e me deixaram ficar com o carro a noite toda. Só preciso voltar pra casa amanhã depois do culto. Só que eles não querem que eu dirija à noite, se sairmos "empapelando"* as casas. Só posso dirigir até sua casa e amanhã de manhã para a igreja.

*Costume e brincadeira de jovens americanos de enrolar papel higiênico no jardim de algum amigo ou conhecido, sem que esse perceba. Geralmente a "vítima" só descobre a bricadeira depois que eles já foram embora. (N. da T.)

- Tudo bem, disse Katie. Liguei para umas quinze colegas. Até agora, só três confirmaram, mas nunca se sabe. Pode ser que mais alguma apareça depois.

- Claro, disse Cris, querendo parecer otimista. Nunca se sabe quem vem, não é mesmo? Quem confirmou definitivamente?

- Eu, você e a Teri.

Cris sentiu-se desanimar quando percebeu que ela e Katie eram duas das três mencionadas. Katie merecia coisa melhor. Merecia uma casa cheia de amigas que a valorizassem como a amiga leal e verdadeira que era.

- A Teri vem? Verdade? Que ótimo! falou Cris, tentando disfarçar a decepção.

Ela tinha se candidatado a líder de torcida com a Teri alguns meses antes, e desde aquela época queria ter a oportunidade de conhecê-la melhor.

- Ela vai participar só de uma parte. Provavelmente não vai poder passar a noite toda. Sabe, né? O pai dela é pastor. Não gosta que os filhos fiquem acordados até tarde no sábado, porque uma vez o irmão da Teri ficou e, no domingo de manhã, dormiu sentado bem no banco de frente da igreja. Aí ele caiu no chão ou coisa parecida, dando o maior vexame. De qualquer maneira, a Teri disse que agora na família dela, no sábado, todos têm de estar na cama até as onze da noite.

- Ai! exclamou Cris.

- O que foi?

- Estava tentando abrir esta caixa e apertei o dedão. Não! falou Cris, começando a rir. Katie, você não vai acreditar!

- O quê?

- Adivinhe o que tem na caixa?

- O quê?

- Painço! É uma caixa enorme de painço, mas alguém escreveu "ração para peixes". Imagine só: podíamos ter resolvido a contento aquele caso de ontem. Tenho de contar essa para o Jon! A gente se vê lá pelas seis e meia. Vamos nos divertir à beça! Você vai ver!

Cris desligou o telefone e foi procurar o Jon. Sua colega de trabalho, Beverly, estava junto à caixa registradora, atendendo um garoto que contava moedas, verificando se tinha o suficiente para comprar um bauzinho de plástico para o seu aquário.

- O Jon está por aí?

- Deve voltar já. Foi devolver uma camisa. As pulseiras de prata da Beverly tilintavam no balcão enquanto ela contava as moedas.

- Ele não devolveu uma camisa na semana passada?

- Acho que era uma calça. Você ainda não notou como o Jon faz compras? Ele compra primeiro, depois resolve se gostou. É o rei das devoluções. Todas as lojas aqui do shopping já decoraram os números dos cartões de crédito dele, de tão acostumados que estão. Primeiro, quando ele compra as coisas, e em seguida, quando as devolve, explicou Beverly.

Em seguida virou-se para o menino e disse:

- Parece que faltam vinte e sete centavos. O rostinho do menino pareceu murchar.

- Eu só tenho isso! disse.

- Toma aqui, falou Cris, pegando sua bolsa. Tenho certeza que tenho os vinte e sete centavos. Pode dar pra ele, Beverly. Registre a compra.

- Obrigado, disse o menino, dando um largo sorriso para Cris. E, se eu mudar de idéia, posso devolver? Tanto Beverly quanto Cris riram e Beverly disse:

- Se você for devolver, tem de falar com o Jon. Ele é o rei das devoluções por aqui.

Naquele instante Jon entrou com uma sacola de compras em cada mão.

- Pensei que você tinha ido devolver alguma coisa, brincou Beverly.

- E fui. Agora, estou tentando resolver o que vou dar a minha irmã de presente de aniversário; um vaso (e levantou a mão direita) ou, um perfume, e ergueu o da esquerda.

Olhou firme as suas funcionárias, e perguntou:

- O que vocês acham que seria melhor?

No instante em que Cris respondeu "o perfume", Beverly disse: "o vaso".

- Vocês duas ajudam muito! comentou Jon, dirigindo-se para o fundo da loja. Ainda bem que só vou pôr no correio na próxima sexta-feira. Até lá vou decidir e aí devolvo o outro.

- Eu não lhe disse? indagou Beverly, jogando para trás sua comprida trança, que descia pelas costas. O rei das devoluções.

Naquele instante, Cris avistou um rapaz lá fora, no shopping. Parecia-se muito com o Rick. Dirigindo-se à vitrine da frente, ela fingiu entreter-se com o trinco da gaiola dos cachorros enquanto vasculhava a área com os olhos. Mas não viu o Rick em lugar algum.

Talvez eu tenha meu próprio rei das devoluções voltando para a minha vida. O Rick disse que só voltaria da universidade no feriado de Ação de Graças, mas não me surpreenderia se ele resolvesse me vigiar em segredo.

Soltando o trinco, percebeu que suas mãos tremiam. Que é que há comigo? Eu não devia me sentir assim sobre a possibilidade de ver o Rick. Vivemos na mesma cidade, e é mais que normal que nos encontremos uma ou outra vez, por acaso. Não tenho do que me arrepender, nem o que esconder.

Cris fechou o punho. Agora estava zangada. Rick exercia um estranho poder sobre ela desde que o ficou conhecendo, mais de um ano atrás. Na verdade, fora na noite da festa da camisola da Katie. As garotas tinham "empapelado" a casa dele e ele descera a rua, correndo atrás da Cris. Durante um ano inteiro ele a perseguira. Ela, finalmente, acabara namorando com ele. Mas depois o namoro terminou. Contudo era óbvio que ao

pensar nele sentia um aperto no estômago.

Por que sou assim? Será que isso é normal? Detesto essa sensação! Nunca sei quando ela vai acontecer, e demora tanto a passar...

- Cris! gritou Jon dos fundos. O que é que há com essa caixa de painço?

Daí a pouco Cris esquecia o Rick. Quando foi à sala dos fundos dar explicações ao Jon, as batidas do seu coração voltaram ao normal em questão de minutos.

Mas naquela noite, depois do trabalho, a sensação das mãos suadas voltou em cheio.

Passe os Chocolates!

3

- Quero pagar uma prestação da pulseira que vocês estão guardando pra mim, disse Cris à vendedora da joalheria. Todos os sábados ela ia lá após o trabalho, pagar uma prestação da pulseira do Ted, que o Rick tinha usado como entrada para uma pulseira que ele comprara para ela.

- Meu nome é Cristina Miller.

- Um momento, respondeu a jovem, uma loira alta.

Foi até o fundo da loja, onde conversou em voz baixa com o gerente. Este ergueu os olhos e, reconhecendo Cris, pegou uma caixa e foi até o balcão.

- Cris Miller! disse o homem, todo sorridente. Como vai você?

- Bem, obrigada! Vim fazer o pagamento semanal.

Ela não entendia por que ele estava tão amável, sorrindo para ela daquele jeito.

- Não precisa. É toda sua. Está inteiramente paga.

- Eeeh! Eu não entendi. Ainda tenho de pagar mais cinco prestações.

- Não, senhora, disse o joalheiro, colocando a caixa alongada na mão de Cris. Uma certa pessoa, que deseja permanecer anônima, veio e pagou tudo. Pode levar hoje mesmo.

- Quem? Quem é essa pessoa?

- Sinto muito. Não posso lhe dizer. Ele deseja permanecer anônimo.

- Ele? sussurrou.

Não deve ser o Rick. Ele nunca faria isso. Ou faria? Ele sabe o quanto fiquei chateada porque ele me roubou a pulseira. Será possível que devolveu a de prata que tinha me dado para eu poder levar de volta a de ouro?

- Tudo bem, continuou o homem. Pode colocá-la no pulso, Eu poli hoje à tarde. De graça. É uma linda pulseira.

Cris sentiu como se fosse um momento quase sagrado. Na verdade, era um momento que ela não desejava compartilhar com o joalheiro.

- Muito obrigada, disse, guardando a caixa na bolsa sem abri-la. Fico muito grata mesmo, falou e afastou-se depressa para não se sentir obrigada a abrir a caixa na frente dele.

Voltou correndo à loja de animais, de onde tencionava sair pela porta dos fundos para o estacionamento. Jon estava sentado à mesinha, na sala dos fundos, examinando a correspondência do dia.

- Boa noite! disse ao passar por ele. Até a próxima semana.

- Contente por estar com a pulseira de volta? perguntou Jon, sem levantar os olhos da correspondência.

Cris parou surpresa.

- Como soube?

Então ela compreendeu que Jon sabia que ela estava pagando prestações da pulseira porque o gerente da joalheria tinha telefonado para ele para verificar o seu crédito.

- Não foi você que pagou, foi? Porque se foi, bem, eu ia pagar até o fim. Vou repor-lhe o dinheiro.

Jon olhou para ela com expressão de quem não entendeu uma só palavra.

- Pode descontar do meu salário, sério. Toda semana, até a quitação do débito. Aprecio muito seu gesto, mas você não precisava fazer isso.

- Fazer o quê? indagou Jon, parecendo divertir-se com a tagarelice de sua funcionária.

- Então não foi você que pagou a minha pulseira? Então como é que sabia?

Abanando a cabeça, Jon sorriu:

- Eu vi a ponta do estojo em sua bolsa, quando entrou aqui. Como eu sabia que estava pagando uma pulseira no joalheiro, calculei que fosse essa aí.

- Ah!

- Divirta-se hoje na casa da Katie, falou Jon e voltou às contas.

- Vou me divertir. Obrigada.

Cris pegou a chave na bolsa e caminhou em direção ao carro.

Espera aí! Como é que o Jon sabia que eu ia passar a noite na casa da Katie?

Concluindo que seu chefe trabalhava de agente secreto nas horas vagas, Cris abriu a porta do carrinho azul que compartilhava com sua mãe e sentou-se. Dentro do carro aquecido, segurou solenemente a caixa da pulseira antes de abri-la. No momento, não importava quem pagara o saldo devedor. A pulseira de chapinha de ouro estava novamente em suas mãos.

Pai, sussurrou. Muito obrigada. Obrigada por permitir que eu conseguisse de volta a minha pulseira, e obrigada pelo Ted. Esteja com ele lá no Havaí, protegendo-o em tudo. E, por favor, conserta nosso relacionamento, para que voltemos a ser bons amigos de novo. Obrigada, porque sempre me escutas e te importas com todos os detalhes da minha vida. Eu te amo, Senhor.

Abrindo os olhos, levantou a tampa do estojo. No momento que viu a pulseira, perfeita, rutilante, com "Para Sempre" gravado nela, Cris encheu-se de júbilo.

Katie quase não acreditou na história quando, minutos depois, Cris estendeu o braço e exibiu-lhe a pulseira.

- Você acha que foi o Rick que pagou?

- Não; duvido. Suspeito que talvez tenha sido o meu patrão, Jon. Ele parece o tipo de pessoa capaz de fazer uma coisa dessas em segredo.

- Seja lá quem foi, é uma coisa totalmente de Deus. Espero que você nunca mais tire essa pulseira.

- E não pretendo mesmo! E a Teri? A que horas ela chega?

- Ela ligou uma hora atrás. Não vem. A mãe dela está doente e ela achou melhor ficar em casa para ajudar. Parece que somos só nós duas, falou Katie, apontando para a mesa da cozinha, abarrotada de petiscos.

- Acha que temos bastante para comer? indagou.

- Isso não é só pra nós, é?!!

- Minha mãe disse que os meus irmãos comem o que sobrar, mas eles saíram com papai e só chegam tarde. Vamos lá. Pegue uma fatia de pizza e um refrigerante. Podemos comer na sala. Aluguei uns filmes.

Katie parecia contente por estarem juntas, mas Cris sabia que sua amiga estava decepcionada por serem só as duas.

Nas primeiras duas horas, elas se recostaram no sofá, comendo e assistindo a um velho filme Disney sobre um "Fusca" que tinha personalidade própria. Era meio engraçado, mas na verdade um pouco chato.

Quando acabou o filme, Cris sentiu mais uma vez a tristeza na voz da Katie, quando perguntou:

- Quer ver outro filme ou vamos jogar alguma coisa?

- Tanto faz. O que você quer fazer?

- Tá com fome? Ainda tem muita coisa pra comer.

Cris encheu as bochechas de ar e deu tapinhas na barriga:

- Estou tão cheia, que não caberia nem mesmo uma batatinha, se você me obrigasse.

- Podíamos experimentar uns penteados novos.

- Sem essa! Nem olhe o meu cabelo. Desde que acabou aquele permanente velho e deixei as franjas crescerem, me sinto igual a uma boneca de palha. Parece que meu cabelo não tem jeito. Não sei mais o que fazer com ele.

- Eu gosto como ele está agora. Fica bem pra você. Natural. Não me leve a mal, mas quando estava curto, com aquelas franjas espetadas, não combinava com você, sabe, né?

- Eu já tive um cabelão bem comprido, quase na cintura.

- E por que cortou?

- Minha tia Marta me convenceu, dois anos atrás, quando vim do Wisconsin. Ela me disse que eu precisava adquirir um jeito mais da Califórnia.

Katie virou a cabeça de Cris de lado, examinando o cabelo da amiga.

- É; acho que gosto mais do seu cabelo comprido e sem franja. Você não disse uma vez que o Ted gostava dele longo?

Cris sorriu, concordando. A lembrança do comentário do Ted lhe agradou.

- E por falar em Ted, você já lhe mandou o cartão?

- Mandei hoje cedo, lá do trabalho.

- O que é que escreveu dentro? Quer dizer, só se você quiser me contar. Se for pessoal demais, tudo bem, eu entendo.

- Tem nada não. Não era nada de pessoal. Não escrevi muito. Eu lhe falei que estava pensando nele e orando por ele, contei do meu emprego na loja de animais. Coisas desse tipo. Desejei-lhe êxito na competição de surfe. Ele sempre está citando versículos da Bíblia, então, eu mandei-lhe um versículo de que gosto. Só escrevi a referência, para ele ter que procurar por si mesmo.

- Legal. É como mandar uma mensagem num código secreto. Que versículo foi? Ou é segredo? Não precisa contar, se não quiser.

- Claro que não é segredo, nem pessoal demais. Encontrei em Filipenses, que é um dos meus livros prediletos. Tem uma Bíblia aí? Eu lhe mostro.

Katie levantou-se e voltou do quarto um instante depois com a Bíblia na mão.

- Aqui, disse Cris, mostrando Filipenses 1.3. Começando aqui até a primeira parte

do versículo 7.

Katie leu em voz alta.

"Dou graças ao meu Deus por tudo que recordo de vós, fazendo sempre, com alegria, súplica por todos vós, em todas as minhas orações, pela vossa cooperação no evangelho, desde o primeiro dia até agora. Estou plenamente certo que aquele que começou boa obra em vós há de completa-la até ao Dia de Cristo Jesus. Aliás, é justo que eu assim pense de todos vós, porque vos trago no coração..."

- Cris, que coisa mais romântica!

- Romântica? indagou Cris, rindo. É um texto bíblico!

- Eu sei, mas essa última parte, "vos trago no coração", contém tanta ternura! Quando o Ted ler isso, ele vai largar a prancha de surfe, entrar no primeiro avião e vir correndo pra cá.

- Dúvido. Espero que quando o Ted ler isso, ele se sinta fortalecido e saiba que eu realmente gosto dele.

- E que você o leva no coração.

- Pare com isso, Katie! Não é só sobre o Ted. Diz "vós" - todos vocês - um monte de vezes. Esses versículos se aplicam também a você. Você é minha amiga, e dou graças a Deus por você todo o tempo.

- Eu também agradeço a Deus por você, Cris. Parece que está cada vez mais difícil encontrar boas amizades.

Katie fechou a Bíblia e colocou-a na mesinha de centro.

- Sei bem o que está dizendo. Acho que quanto mais as coisas vão mudando, mais temos que nos apegar aos verdadeiros amigos.

Katie acenou, concordando.

- Sabe? Sinto muito que isso aqui tenha acabado não sendo uma verdadeira festa da camisola, como as de antes. Vamos pensar em outra coisa que você e eu podemos fazer juntas. O quê você gostaria muito de fazer? Há algum lugar a que tem muita vontade de

ir?

Katie pensou por um momento e disse:

- Sabe, tem uma coisa que morro de vontade de fazer, mas não queria fazer sozinha. Queria que alguém fosse comigo.

- Eu vou, desde que não seja saltar de pára-quedas.

- Não, não é nada tão maluco assim. É esquiar. Sempre tive vontade de esquiar.

Cris engoliu em seco. Para ela, esquiar estava na mesma categoria de saltar de pára-quedas e todos aqueles outros esportes onde alguém se desloca em alta velocidade sem controle sobre o próprio corpo.

Katie olhou para a Cris, nariz sardento enrugado com a expectativa.

- E então, o que acha? Podíamos entrar para o clube de esqui, na escola, e viajar com eles até o lago Tahoe, no feriado de Ação de Graças. Não seria ótimo? Você perguntou o que eu realmente queria fazer, e esse é um sonho que eu sempre tive.

Cris sabia que a credibilidade de sua oferta de fortalecer a amizade com a Katie dependia de sua resposta. Estava em seu poder alegrar a amiga ou frustrar seu sonho.

- Ainda tem tempo de entrar no clube de esqui? Eles já não começaram? indagou Cris, adiando um pouco mais sua resposta.

- Segunda-feira agora é o último dia para inscrições. Eles se reúnem na escola depois das aulas, na classe do Prof. Riley. Fui na semana passada, porque queria entrar. Mas não estava a fim de passar um final de semana inteiro na companhia do pessoal que está no clube.

- Você não me disse que tinha ido.

- Pensei que você não se interessaria. Acho que foi uma idéia maluca.

- Não! É uma ótima idéia. Podemos fazer isso. Podemos entar para o clube de esqui. Só que eu nunca esquiei. Eles deixam gente inexperiente entrar?

- Eu também nunca esquiei. Perguntei na semana passada. Disseram que no vale Squaw, onde eles vão, tem instrutores para principiantes como nós. Podíamos aprender esqui as duas juntas.

Katie parecia tão animada que Cris concordou, embora ainda relutasse.

- Está bem, disse. Vamos fazer nossa inscrição na segunda-feira..

- Radical! exclamou Katie, colocando uma tigela de balinhas de chocolate no colo e começando a jogar uma mão cheia na boca. Você vai ver. Vai ser uma experiência maravilhosa! Finalmente, vamos conseguir fazer uma viagem juntas.

Criss tentou reprimir seu nervosismo e sua incerteza. Iria fazer isso pela Katie; então estava tudo certo. Não devia ser tão covarde com relação a aventuras. Não havia se saído bem quando dirigira na estrada de Hana, nas férias passadas, no Havaí? Claro que não morrreria só por causa de umas aulas de esqui!

- E agora, o que você quer fazer? São só nave e meia. Quer empapelar a casa de alguém? Podíamos fazer máscaras de beleza de clara de ovo e aveia, talvez. Ou assistir E o vento levou.

- Esse é o outro filme que você alugou? E nem me disse! Pensei que fosse outra aventura Disney. Adoraria ver. Só assisti uma vez e qerdi o final porque dormi. Vamos ver, vamos! Não estou a fim de "empapelar", e de que adianta fazer tratamento de pele quando estamos nos empanturrando de chocolate e pizza?

De um salto, Katie colocou o filme no vídeo.

- Então, sua escolha para hoje é essa "maratona" desse filme antigo e mais petiscos! Sabia que devia haver uma razão para nos darmos tão bem! Temos o mesmo gosto em festas da camisola.

Voltando ao seu cantinho no sofá, Katie colocou o saco de dormir sobre as pernas. Virou-se para Cris, que agora estava com a tigela de chocolates, e disse:

- Vamos lá, futura coelhinha do esqui. Passe os chocolates!

Rindo, Cris pensou: Covardinha de esqui seria mais exato.

"Amigos? Sim, Por favor!"

4

- E quanto essa viagem vai custar? perguntou o pai de Cris na segunda-feira à noite.

- Por volta de cem dólares, mas estamos fazendo uma campanha para angariar dinheiro e não vamos precisar entrar com tudo isso. Verdade.

Cris queria transmitir idéia de confiança. Estava um pouco mais segura após a reunião do grupo de esqui, a que fora naquela tarde. Parecia que seria muito divertido, e Katie estava exultante.

O pai de Cris estava ajoelhado, com uma chave de fenda na mão, tentando consertar a poltrona reclinável, virada e com suas peças separadas. Ele coçou os cabelos ruivo-acastanhados com ponta da chave de fenda.

- É muito dinheiro, Cris. Quanto você espera ganhar com a campanha, e como vai fazer?

- Vamos vender tabletes de chocolate a dois dólares cada. Um dolar cobre o custo do chocolate e um dólar é para a viagem. Qier comprar uma? falou em tom de brincadeira ao pai, que ela sabia, poderia vetar a viagem se achasse que ela não deveria ir.

- Eu quero um chocolate, gritou o David do seu canto, onde tentava fazer o dever de Matemática. Me dá um?

- Vai ter de pedir a sua mãe quando ela chegar do supermercado. É ela que tem umas reservas secretas de dinheiro por aqui. Não sei onde ela esconde.

- No freezer. Vem cá e eu lhe mostro, disse David, saltando do sofá. É naquela lata onde está escrito "gordura".

- Fique quieto aí, filho, e termine a tarefa. O pai voltou a concentrar-se na poltrona,

murmurando para si:

- Imagine só, em todos esses anos, eu nunca soube onde ela guardava. Até meu menino de dez anos sabe que o que eu pensava ser banha de bacon é, na verdade, o seu tesouro.

Naquele instante tocou o telefone, e David saltou.

- Eu atendo!

- Não se preocupe. Eu já peguei! disse Cris, segurando o telefone de parede da cozinha.

- Cristina, querida, começou a voz do outro lado. Como você está? Eu e seu tio Bob estávamos comentando que faz tempo que não temos notícias suas e queremos saber como estão todos vocês aí.

- Estamos todos muito bem, tia Marta. E vocês?

- Tudo bem. E os estudos, como estão indo? Você já arranjou novos amigos depois que desistiu de ser líder de torcida?

Cris sentiu-se mal com essa referência à questão da liderança de torcida, mas alegrou-se de poder dizer à tia que entrara para o clube de esqui. Sabia que era um tipo de atividade que ela gostaria. A notícia foi o bastante para tia Marta colocar em ação uma série de planos. Primeiro, disse a Cris que compraria três caixas de chocolates da campanha para levantamento de fundos, e as venderia na sua próxima reunião de mulheres. E se ela não conseguisse os cem dólares necessários, Marta completaria o que faltasse com o maior prazer.

E é claro que Cris não poderia ir esquiar sem a roupa apropriada. Tia Marta compraria algumas roupas de esqui no dia seguinte e mandaria entregá-las diretamente na casa de Cris.

- As roupas devem chegar no máximo até o final de semana. Isso lhe dará tempo de

experimentar tudo e ver se falta mais alguma coisa.

- Tia Marta, você sabe que não precisava fazer tudo isso por mim.

- Por que você está sempre querendo acabar com a minha alegria, Cristina? Sabe que adoro ajudá-la nessas coisas. Deus sabe que sua mãe teria o maior prazer em dar-lhe essas coisas, se pudesse. Mas todos sabemos que isso não é possível com o salário do seu pai. Deixe-me fazer isso por você e, por favor, pare de agir como se fosse coisa tão séria. Na verdade não é nada!

Cris suspirou. Havia muito tempo, aprendera a não contrariar a tia.

- Muito obrigada, tia Marta. Quer que eu mande as caixas de chocolate pelo correio?

- Na verdade, o Bob irá jogar golfe no Rancho Santa Fé, quarta-feira. Peço a ele que dê uma chegada na sua casa para pegar o chocolate. Talvez ainda consiga mandar algumas das roupas de esqui com ele, isto é, se eu achar tudo de que você precisa. Agora, querida, sua mãe está em casa?

Acabou de entrar, disse Cris, erguendo o fio para que a mãe passasse por baixo dele.

O rosto redondo da mãe estava vermelho pelo esforço. Ela colocou dois sacos de compras no balcão e puxou para trás uns fios de cabelo que começavam a ficar grisalhos.

- É sua irmã, mãe, falou Cris, passando-lhe o telefone.

Com a mão livre, a mãe fez sinal a Cris para que ajudasse a descarregar o resto das compras.

Vamos lá, David! gritou Cris ao passar pela sala. Me ajude a trazer as compras pra dentro de casa.

- Não posso, disse David, empurrando os óculos para cima. Estou fazendo o dever.

Etâ irmãozinho! Você salta pra atender o telefone ou revelar os segredos do freezer da mãe, mas quando peço pra me ajudar, de repente você tem de fazer o dever de casa.

- Vamos lá, David! ordenou o pai. Você pode fazer um pequeno intervalo e ajudar sua irmã. Eu também vou nessa.

Ele largou a chave de fenda e foi ajudar os dois a tirar as compras do carro.

Alguns momentos depois os balcões da cozinha estavam abarrotados com seis grandes sacolas de compras. A mãe desligou o telefone e começou a guardar tudo.

- Por que você nunca compra coisa gostosa? perguntou! David. Os meus colegas de escola sempre levam bolo, balas e doces no lanche. Eu só levo biscoito.

- Estou tentando proteger a saúde da família. Já comemos porcaria demais. Não vou pagar um bom dinheiro por essas coisas quando um biscoito de aveia, feito em casa, é muito melhor para a saúde.

O pai virou-se para Cristina e disse baixinho:

- Parece que sua mãe andou lendo outro daqueles artigos sobre alimentos saudáveis. Observe bem. Aposto que no jantarvai ter bolo de soja e broto de feijão.

- Eu ouvi, viu? disse a mãe. E não vamos comer bolo de soja, não. Vai ser legumes à moda oriental.

- Com carne de boi? perguntou o pai, esperançoso.

- Não.

- Frango?

- Não; só legumes. Muitos legumes variados.

O pai ficou decepcionado. A mãe tentou convencê-lo.

- A gente não precisa comer carne em toda refeição, não. Além do mais, economizamos nas despesas, e é bom fazer um regime à base de legumes de vez em quando.

- Carne de porco. Essa seria uma idéia de primeira. Você podia colocar umas costeletas junto com os legumes, e daí seria uma refeição de verdade...

A mãe lançou ao pai um olhar que Cris conhecia bem. Era fingindo severidade. Ela levantava o queixo e abaixava as sobrancelhas. Mas só fazia o pai rir-se disso.

- Está certo, concordou ele.

Com dois passos atravessou a cozinha e envolveu a mulher num abraço de urso.

- Hoje seremos suas cobaias vegetarianas. E amanhã, à noite, se você quiser fazer uma experiência com um enorme bife de primeira, não vamos reclamar nem um pouco, não é, filhos?

- Isso aí, concordou David. liiih... Parece que vão começar a se beijar. Eu vou fazer meu dever de casa.

Cris continuou guardando as compras. Com o canto do olho, observou os pais se abraçando. Era uma gracinha, o jeito que ainda brincavam um com o outro, meio bobos, principalmente porque já estavam casados havia tantos anos.

- Ah! Pode deixá-los de fora, disse a mãe de Cris ao vê-la colocando o aipo e as cenouras na geladeira. Faz parte da comida oriental de hoje.

Vou deixar vocês duas fazerem o chop suey*, disse o pai, voltando para seu projeto na sala, ainda rindo.

* Chopsuey: prato chinês à base de legumes. (N. E.)

Cris ficou a imaginar como o pai, tão rude, tão severo a maior parte do tempo, teria sido na adolescência, e como seria a mãe quando se conheceram.

Noss vinte minutos seguintes, trabalharam picando legumes. Cris perguntou a sua mãe como ela conhecera seu pai e como as coisas eram para os dois quando jovens. Ela já sabia a maioria das respostas. Conhecia de cor e salteado a história do noivado e do casamento.

- E quando vocês começaram a sair juntos? Como foi? Como teve certeza de que gostava do pai mais do que daquele outro cara que conhecia, mãe? Como era o nome dele: Charles?

- Sabe, não é? Em cidade pequena todo mundo conhece todo mundodo. Eu conhecia

seu pai desde a escola primária. As outras garotas diziam que ele era um brutamontes, porque era um tanto grandão para a idade. Mas era tímido. E gostei dele como amigo durante muitos anos.

A mãe abriu novo vidro de óleo e colocou um pouco na frigideira elétrica.

- Então, quando ele, finalmente, me convidou para sair, achei que devia aceitar, pois éramos amigos, bons amigos, fazia tanto tempo.

- E como você soube que era com ele que queria se casar? perguntou Cris, empurrando as cenouras da tábua de cortar para vê-las dançar na frigideira.

A mãe estampou no rosto uma expressão calma e tranquila.

- Eu não conseguia me imaginar passando o resto da vida com mais ninguém!

O resto da noite, Cris ficou pensando no que a mãe dissera. Após o jantar, ela atacou o dever de casa. O primeiro que pegou foi a redação sobre a verdadeira amizade. A classe ficara sem entregar os trabalhos naquela manhã porque quem dera a aula fora uma professora substituta que nada sabia sobre a tarefa.

Na noite anterior, Cris fizera sua primeira tentativa, mas a jogara fora. Depois conseguira escrever uns dois parágrafos em que afirmava que o verdadeiro amigo é alguém em quem a gente confia. Lendo o trabalho agora, parecia sem graça.

"Uma amizade verdadeira é..." repetiu, pegando seu ursinho Puf e equilibrando-o nos joelhos.

- Puf, me diga aí: o que é uma amizade verdadeira?

Decidida a continuar com o que já tinha iniciado, em vez de começar outro texto novo, Cris escreveu sobre como sempre se pode confiar num verdadeiro amigo. Achou que seria bom incluir a Katie no texto, já que a amiga parecia estar escrevendo sobre ela, Cris.

"Um amigo de verdade nos diz aquilo que precisamos ouvir", escreveu ela, "mesmo

quando o que essa pessoa tem a dizer não é aquilo que desejamos ouvir."

Após escrever durante alguns minutos, Cris releu o trabalho e passou a verificar a gramática. Pensou se poderia terminar a frase com "é". Sabia que a professora ralharia porque ela empregara a palavra "radical", e mudou para "sincero". Mas daí viu que tinha usado a palavra sinceramente logo em seguida. Repetir palavras era outra coisa inaceitável para aquela professora.

Está muito mais difícil do que eu pensava. Mas eu queria tanto uma nota boa nesta matéria...

Levou pelo menos quinze minutos para reescrever as orações. Quando terminou, tinha perdido toda a inspiração de antes.

Não é possível o lado direito e o esquerdo do meu cérebro trabalharem juntos. Como posso ser criativa e crítica ao mesmo tempo? Esse negócio de escrever é difícil!

Forçando-se a continuar, Cris procurou descrever um amigo verdadeiro. Parecia levar uma eternidade. Achou que escrever três páginas inteiras era um trabalho grande demais para um assunto tão simples.

Pelo menos a letra era bonita. Quando acabou de escrever passou a limpo. Gostou da linha final: "Tenho de concordar com Constantino, que disse: 'Minha riqueza são os meus amigos'." Era a citação de que ela mais gostara na apostila que a professora distribuíra.

- Então, o que é que acha, Puf? disse Cris, levantando o trabalho para o ursinho "ver". Será que tiro dez pontos?

Cris colocou o trabalho dentro do caderno e preparou-se para deitar-se. Antes de apagar a luz, puxou uma caixa de sapato coberta de papel florido verde e fulvo de sob sua cama. Abriu-a e olhou para as três cartas que estavam ali.

Era sua caixa secreta. Continha cartas que ela escrevia ao seu futuro marido. Escrevera a primeira no dia em que completara dezesseis anos. Fizera as outras duas durante os últimos meses, quando trazia alguma coisa no coração que desejava comunicar ao rapaz com quem um dia se casaria.

Cada dia que escrevia para ele, orava por ele. Seu alvo era apresentar-lhe a caixa no dia do seu casamento. Ele veria que ela estivera orando por ele havia vários anos, e imaginando como poderia vir a ser a melhor companheira do mundo para ele.

Cris pegou um papel de carta branco liso, e com letra bem caprichada escreveu:

Querido futuro marido:

Hoje estive pensando sobre amizade e me ocorreu o desejo de que venhamos a ser bons amigos, antes e depois do casamento. Acho que ainda tenho muito que aprender sobre o que é ser uma boa amiga, mas estou tentando passar mais estímulo e apoio à Katie. Com isso, acabei deixando-a convencer-me até de ir praticar esqui! E você, gosta de esquiar?

Só queria que soubesse que estou orando por você e pensando em você.

Sua amiga,

Cris.

Dobrou a carta com cuidado e juntou-a às outras que já estavam na caixa. Em seguida, colocou a caixa de volta debaixo da cama, segurou o urso Puf bem apertado e orou por seu futuro m.arido, seja lá quem fosse e onde estivesse.

"É Isso Aí, Katie!"

5

- Na quarta-feira, Cris correu para casa depois da escola e terminou os deveres antes do jantar. A reunião do grupo de mocidade era às quartas-feiras, quando realizavam estudos bíblicos. Seus pais haviam determinado que ela tinha de terminar toda a tarefa da escola para poder ir. Só fora a esse estudo bíblico uma vez, pois nunca conseguia completar a tarefa a tempo. Hoje tinha uma razão muito boa para ir: a Katie. Cris pegou a Bíblia e a chave do carro, com pressa de sair as dez para as sete. Sua mãe gritou-lhe:

- Volte para casa até as 9:00. Não dê carona para ninguém. Tranque as portas e telefone se tiver algum problema.

- Está bem, mãe. Tudo vai dar certo. Estarei de volta às 9:00.

Sorrindo para si mesma, pensou:

Vou só aqui perto, à igreja. Meus pais dão a impressão de que vou fazer um safári!

Chegou na hora e encontrou a Katie no último banco, guardando um lugar para ela.

- Viu o novo cara que está aí? cochichou Katie, apontando para um dos bancos da frente. Ele acabou de chegar do Equador. Ouvi dizer que os pais dele são missionários.

Cris observou o rapaz que Katie apontava. Era um gato, com cabelo castanho-claro, ombros largos e pele clara, salpicada de sardas.

- Não parece um filho de missionários.

- Por quê? Porque parece normal?

- É. Você sabe o que quero dizer. Aposto que não é fácil fazer amizades e se adaptar numa outra cultura e tudo o mais depois de morar na selva.

- Será que ele morou na selva mesmo?

- Claro! Onde mais um missionário no Equador moraria?

Cris observou o moço sentado na primeira fileira e pensou: Esse garoto missionário não me parece o tipo do Tarzã. Será que ele morou mesmo na selva amazônica?

Luke iniciou a reunião com uma oração, e em seguida apresentou o Glen, o jovem recém-chegado, e pediu que ele dissesse algumas palavras.

Glen parecia meio nervoso de falar ao grupo. Explicou rapidamente que ele e sua família eram missionários na cidade de Quito e que seu pai era diretor de uma estação de rádio lá.

Cris e Katie se entreolharam, e Katie cochichou:

- E eu pensando que ele morava numa palhoça e comia casca de árvore!

O estudo daquela noite era sobre o significado de ser missionáirio. Pelo menos quatro vezes Luke disse:

"Todos nós somos missionários onde estivermos. Não é necessário ir a um país estrangeiro para falar aos outros sobre Cristo. Temos de começar vendo o nosso colégio como nosso campo missionário."

No final, ele perguntou se alguém tinha algum comentário a acrescentar. Para surpresa de Cris, Katie levantou a mão.

- Eu queria que vocês orassem por nós, por mim e pela Cris, porque vamos... hum... fazer uma espécie de viagem missionária.

Cris olhou confusa para a amiga, ainda mais que ela incluíra o seu nome na história. Com um sorriso, Katie continuou:

- Entramos para o clube de esqui do Colégio Kelly, e faremos uma excursão com eles no feriado de Ação de Graças. Acho que vai ser uma oportunidade para testemunharmos a muitos dos colegas, porque não são do tipo que iria à igreja.

- Isso é ótimo! comentou o dirigente. É uma oportunidade que vocês duas terão para

aprenderem o que significa estar no mundo mas não ser parte dele. Vamos estar orando por vocês.

Ele virou-se e escreveu no quadro: Katie Weldon e Cris Miller - excursão de esqui da escola.

- Mais alguém tem alguma coisa a acrescentar?

Será o que ele quis dizer por "estar no mundo mas não ser dele"? Esse passeio é tão importante para a Katie! Agora ela o transformou numa viagem missionária. Espero que não fique decepcionada se acabarmos não conseguindo ir.

- Tenho algo a dizer, falou uma garota no meio do salão.

Cris já a tinha visto antes, mas ela estuda em outra escola, e não sabia o seu nome. Parecia muito legal. Certa vez, na escola dominical, Cris havia pensado que ela era o tipo de garota que valia a pena conhecer melhor.

- Claro, Lisa, pode dizer.

- Comecei a fazer uma lista há umas duas semanas, e eu a trago dentro de minha Bíblia. Acho que se poderia chamar de "lista tiro ao alvo".

Alguns jovens que estavam perto de Lisa riram-se. Ela não parecia o tipo de pessoa a ter uma lista de tiro ao alvo. Alta e de aspecto meigo, Lisa tinha cabelo castanho comprido, levemente ondulado. Parecia uma dessas pessoas que sempre têm uma palavra inspirativa para todo mundo. Seu rosto se avermelhou um pouco, enquanto explicava:

- Não é uma lista de pessoas que estou tentando pegar... aqui ela parou e corrigiu: Bom, talvez seja isso mesmo.

Ela parecia meio indecisa. Luke interrompeu para incentivá-la a continuar:

- Continue, Lisa. Já sei o que está querendo dizer. Uma lista de tiro ao alvo talvez seja o nome certo. Explique o que é. Recobrando a coragem, Lisa continuou:

- Pedi a Deus que me mostrasse para quem eu deveria testemunhar este ano na escola. Então, quando certos amigos me vêm à mente, anoto os nomes. Já tenho seis

nomes e, à noite, oro por eles.

- O seu plano é simplesmente orar por esses seis amigos?

- Bem, eu queria começar a testemunhar para eles, mas não sabia como. Umas duas semanas atrás você falou que a oração é a chave para destrancar a porta. Então comecei a orar por eles. Daí, quando surgirem as oportunidades, vou falar-lhes de Cristo.

- É uma excelente idéia, Lisa. Deixe-me perguntar uma coisa. Você acha que é sua responsabilidade pessoal fazer com que cada um desses amigos entregue seu coração ao Senhor?

Cris pensou como responderia se Luke tivesse feito a pergunta para ela. Provavelmente teria dito "sim". Parecia que, se estivesse disposta a comprometer-se a orar por seis amigos, iria querer manter-se firme nesse propósito até que todos se convertessem.

- Não, respondeu Lisa.

Você tem muito mais coragem do que eu, Lisa, admitindo isso na frente de todo mundo!

- Quer dizer, acho que é minha responsabilidade pessoal orar diariamente por eles e falar-lhes de Cristo. Mas sei que a decisão é responsabilidade deles mesmos.

- Muito bem, disse Luke. Estou contente de ver que você sabe a diferença. É nisso que consiste testemunhar. Precisamos ser fiéis em orar e compartilhar, mas temos que deixar os resultados nas mãos de Deus. Se fizermos isso, e mesmo assim eles não se interessarem, não podemos tomar sua atitude como ofensa pessoal. Se eles rejeitarem a mensagem, lembre-se de que estão rejeitando o Pai celestial.

Luke virou-se e acrescentou o nome da jovem, Lisa Huisman à lista.

- Estaremos orando também por você, na sua atuação missionária. Sugiro que todos vocês façam sua própria lista de tiro ao alvo. Lembrem-se, a base de tudo tem de ser a oração.

Luke respirou fundo, cruzou os braços sobre o peito largo, depois olhou o relógio e disse:

- Precisamos encerrar. Vamos orar pela Katie, Cris e Lisa. Ele orou por elas e a seguir terminou a reunião, dizendo:

- Que todos se lembrem de vir cumprimentar o Glen. Mais uma coisa. Tem uma lista no fundo para assinar, se você for participar da pizza após o jogo de futebol, sexta-feira à noite. São três dólares para a turma da igreja, e de graça para os visitantes.

Todo mundo começou a conversar. Luke falou acima da balbúrdia:

- É disso aí que estivemos falando, prosseguiu Luke, tentando falar mais alto que o vozerio. Uma oportunidade de levar os amigos a um lugar onde ouvirão de Cristo e se divertirão ao mesmo tempo. Não venham sozinhos, nem só com os amigos da igreja. Considerem isso como a oportunidade missionária da semana.

Então, como se fosse um treinador, gritou:

- Vamos lá, pessoal! Vamos falar de Jesus para alguém nesta semana!

Cris achou uma pena ter de trabalhar na sexta à noite e não poder ir ao encontro da pizza. Contudo, após aquele estudo, ela se deu conta de uma coisa: tinha poucos amigos não cristãos. Se fosse ao encontro da pizza, a quem convidaria? Talvez fosse bom mesmo entrar para o clube de esqui. Assim poderia conhecer algumas pessoas que não eram crentes e convidá-las para irem à igreja.

- Vamos lá, disse Katie, puxando-a pelo braço. Vamos cumprimentar o Glen.

- Será que estou vendo uma garota interessada num gato aqui? gracejou Cris.

- Estou só querendo ser amigável. O Luke não disse para fazermos o Glen sentir-se bem-vindo aqui?

Naquele instante o Luke aproximou-se e disse:

- Fiquei contente quando você falou sobre o clube de esqui, Katie. É uma excelente

oportunidade para vocês duas.

Ele sorriu. E Cris se sentiu bem acolhida no grupo, quando ele continuou:

- Estou contente por vê-la aqui, Cris. Espero que possa vir sempre.

- É, eu também espero, falou a garota com um leve sentimento de culpa por não ter se envolvido antes. Gostaria de ir ao encontro da pizza na sexta, mas tenho de trabalhar.

- Talvez dê para você passar lá depois do trabalho, sugeriu Luke. A gente acaba ficando por aí até quase meia-noite.

Cris sentiu vergonha de explicar que seus pais lhe haviam imposto um limite muito severo: 10:00 da noite. Sorriu e disse apenas:

- Talvez.

Katie olhou por cima do ombro de Cris, obviamente procurando o Glen.

- É melhor irmos andando, Cris.

- Posso antes perguntar-lhes uma coisa? indagou o dirigente.

Katie olhou para onde o rapaz estava e depois para o Luke.

- Sim?

- Alguma de vocês tem visto o Rick Doyle ultimamente? Acho que alguém disse que ele estava namorando uma de vocês.

- Eu é que não! defendeu-se Katie rapidamente. Cris respondeu com timidez:

- Era eu. Eu o namorei no mês passado. Mas ele não está mais por aqui. Está estudando na Universidade Estadual em San Diego.

- Eu sei disso, mas estava curioso de saber se ele está tendo comunhão com cristãos. Parece que ele andou largando tudo no final do ano passado, e não o tenho visto. Queria saber quem manteve conta to com ele para saber notícias.

- Na verdade não sei como ele está, disse Cris. Mas pelo menos mudou para uma república com uns caras cristãos, e um deles, o Douglas, é meu amigo. O Douglas é um

crente firme.

- Ainda bem. Isso me anima. Se você vir o Rick, diga-lhe que perguntei sobre ele e que estou orando por ele.

- Ela, provavelmente, não o verá mais, disse Katie, dando um olhar de "vamos embora" para a Cris, e em seguida acrescentou: Preciso me inscrever para a pizza. Com licença.

Sacudindo os cabelos cor-de-cobre, ela virou-se e correu na direção da lista próximo à porta dos fundos.

Cris notou o Glen com caneta na mão, prestes a assinar, quando Katie quase pulou em cima dele. Ela deve ter-lhe dito alguma coisa muito divertida, porque ele sorriu, e daí a pouco estavam conversando animadamente.

É isso aí, Katie!

Cris olhou para o relógio da parede e percebeu que só tinha dez minutos para chegar a casa. Conseguiu fazer sinal para a Katie, despediu-se dela e foi para a porta da frente, menos abarrotada de gente.

No caminho para casa ficou pensando em como era bom ver a Katie interessada pelo Glen. Esperava que ele fosse um cara legal, que não viesse a entristecer sua melhor amiga. Mal podia esperar o dia seguinte na escola, quando perguntaria à Katie como fora o papo com ele.

- Então, me conte como foi, disse na manhã seguinte, quando entrou na sala de Inglês e encontrou Katie já sentada em sua carteira.

- Foi o quê?

- O papo com o Glen! Em dez segundos você conseguiu fazer ele rir. Como é que conseguiu?

- Então você também notou, hein?

- Claro que notei. Me conte o que aconteceu.

- Eu só lhe perguntei se ele comia larva no Equador.

- Larva!* Que horror! Por que você perguntou uma coisa dessas?

* Larva de um inseto, que os Índios comem. (N. da T.)

- Queria ser original, replicou Katie com um sorriso. Deu certo. Ele disse que me procuraria amanhã à noite, na pizza. A professora interrompeu a conversa:

- Isto aqui não é um clube social. Por favor, Cris Miller, vá para o seu lugar, para que possamos iniciar a aula.

Tenho a leve impressão de que essa professora não morre de amores por mim.

Cris voltou depressa ao seu lugar e se esforçou para ter um comportamento exemplar durante o resto do período.

No almoço, Cris conseguiu ouvir o resto da história de Katie. Parecia que ela e o Glen se tinham dado muito bem, e Katie estava animada porque iria encontrá-lo na sexta-feira. Cris sentiu-se deixada um pouco de lado porque teria de trabalhar. Mas resolveu entusiasmar-se e apoiar Katie, visto que a amiga também lhe dera uma grande força.

- O que você acha que devo vestir? Jeans seria uma boa, não cha? Com o quê? Uma blusa, camiseta ou malha? Eu poderia usar a malha da Universidade do Havaí que você me trouxe, ou seria muito careta?

- Acho que ficaria ótima.

- Você só está dizendo isso para me agradar. Na verdade, acha que eu deveria sair e comprar uma camisa nova. E eu acho essa uma ótima idéia. Você foi escolhida para ir comigo ajudar a escolher a camisa nova, está bem? indagou, e aí parou um instante e encarou Cris com esperança. Que tal? Pode ir comigo ao shopping depois da escola?

- Não sei. Vou ter de perguntar. Se você pensar bem, vai lembrar que já tem umas roupas bem bacanas que pode usar, se estiver sem dinheiro para comprar coisa nova.

Cris escolheu as palavras com cuidado, porque algumas semanas atrás Katie dissera que só tinha cinquenta dólares, que sua avó lhe dera para comprar roupas para a volta às aulas, e isso mal dera para o tênis.

- 'Tou' com vinte dólares de baby-sitting que eu ia usar na viagem de esqui. Mas isso me parece bem mais importante.

- E como estão as suas vendas de chocolate da campanha? Acha que vai conseguir vender dez caixas nas próximas três semanas?

Katie devolveu no ato a pergunta a Cris.

- E você? Quantas você vendeu até agora?

- Bem, o meu tio passou lá em casa ontem à noite quando estava na reunião da mocidade. Ele ia levar três caixas pra minha tia vender no grupo de mulheres que ela frequenta.

- Então você ganhou trinta dólares sem mexer um dedo? Sem nem estar em casa?

- Na verdade, ele acabou levando as dez caixas. Ele disse que passaria adiante para a meninada que viesse pedir doces ou travessuras no Halloween.*

* Hallowenn: festa tradicional do dia 31 de outubro, em que as crianças e os jovens saem fantasiados e pedem doces de casa em casa. Se não ganham doces, fazem travessuras na casa. (N.da T.)

- Deixe-me ver se entendi bem. Seu tio comprou todas as caixas ontem à noite, e você já tem a quantidade total para ir esquiar?

- É! É mesmo, já tenho.

Cris não tinha pensado nisso até então. Agora não tinha mais razão para desistir da viagem.

- E agora só falta a sua tia lhe comprar umas duas roupas novas de esquiar, e você está pronta pra partir!

- Eu lhe contei que ela ia fazer isso, não contei? Cris não acreditava que Katie estivesse zangada pela ajuda generosa que Bob e Marta lhe estavam dando.

- Meu tio trouxe as roupas ontem à noite, mas ainda não tive tempo de experimentar.

- Cris, eu estava brincando sobre as roupas! Quer dizer que sua tia realmente comprou um monte de roupas pra você?

- Tem que entender como minha tia é. Pra ela, isso não é nada. É o jeito dela participar da minha vida, ou coisa parecida. Eu não ando por aí pedindo pra ela me comprar as coisas.

Katie abanou a cabeça lentamente.

- Você é muito paparicada por seus parentes ricos, Cris Miller, e nem sabe disso!

Agora era a vez de Cris lançar-se na defensiva.

- Não sou não! Tenho de trabalhar pra ter dinheiro para pôr combustível no carro. Esqueceu-se disso? E você já viu onde eu moro. Minha família não pode nem comprar uma casa: estamos pagando aluguel. A sua casa é três vezes maior que a minha; você tem seu próprio carro, e seu pai paga seu seguro e sua gasolina.

- Tá certo! replicou Katie, e abaixou a cabeça como que entregando os pontos. Você está certa. É ridículo a gente ficar nervosa por nada. Acho que eu não esperava que você conseguisse o dinheiro tão depressa, principalmente porque eu estou no saldo negativo...

- O que você quer dizer?

- É que, bem, ainda não vendi nada.

- Espera aí! disse Cris, mexendo na caixa de chocolates da amiga e abrindo a ponta do papelão. Só tem dois aqui. Quer dizer que você já vendeu oito. Isso quer dizer oito dólares para a viagem. Que é que há errado com isso?

- Não vendi exatamente oito chocolates. Cris contou de novo.

- Só tem dois aqui. Com dez na caixa, quer dizer que você vendeu oito. Certo? Você

ganhou oito dólares.

Abaixando a cabeça e mordendo o lábio, Katie confessou:

- Na verdade, eu devo dezesseis dólares.

Cris arregalou os olhos azul-esverdeados e disse:

- Katie Weldon, você fez isso?

- Bem, sabe, né? Eu tenho loucura por chocolate. Não consigo ver um bombom. Ele começa a me chamar e fica dizendo "Me coma! Me coma!" No meio da noite ele me acorda. Quando estou tentando fazer o dever de casa, ele me chama. Eu tento não escutar; tento me dizer que ele está chamando alguma outra Katie e não a mim. Já tentei de tudo! O único jeito de fazer o chocolate calar é comê-lo!

Cris caiu então na gargalhada, pasma com a confissão da a miga.

- Oito barras gigantes de chocolate em dois dias?

- Três dias. Recebemos na segunda-feira, lembra?

- E você não ficou doente?

- Na verdade, estou me sentindo muito bem. Sinto-me um tanto apaixonada. Não foi o que disseram na aula de Ciências no ano passado? Que o chocolate libera uma substância química do cérebro e faz a gente pensar que está apaixonada?

- Sei disso não, mas é melhor você largar essas barras de chocolate hoje e amanhã. Senão, amanhã à noite quando você vir o Glen, não vai saber se é o verdadeiro amor ou é efeito do chocolate!

- Você tem razão! E o que faço sobre essa campanha de angariar fundos? Estou na pior situação possível. É para irmos juntas nessa viagem, e até agora, você já conseguiu todo o dinheiro, as roupas novas e eu devo ao clube de esqui dezesseis dólares. Você não iria esquiar sem mim, iria?

Criss riu-se de novo antes de oferecer sua solução.

- Que tal você me dar todo o seu chocolate e eu tentar vendê-lo na loja de animais? O Jon é legal sobre coisas desse tipo. Então em vez de você comprar uma camisa nova pra usar amanhã, por que não toma emprestada uma das minhas para sentir que está usando algo novo? Depois você passa dezesseis dos seus vinte dólares e deixamos quite sua conta da campanha de angariação de fundos.

- É, você está certa. Mas assim só fico com quatro dólares.

- E daí? Dá pra você passar o final de semana. A pizza vai ser três dólares e ainda lhe sobra um pra... dar de oferta no domingo!

- Boa idéia, concordou Katie. Eu estava mesmo pensando em contribuir para um fundo especial da igreja.

- E qual fundo será? Deixe que eu adivinhe? Seria o fundo de missões?

As duas garotas caíram na gargalhada.

- Sabe que esses missionários precisam de todo o nosso apoio, disse Katie.

- Tenho certeza de que você participará disso, apoiando socialmente um certo missionário amanhã à noite! gracejou Cris.

- Todos nós temos que fazer o que pudermos! E essa é minha pequena contribuição!

Tesouros Peculiares

6

Naquela tarde, Katie e Cris resolveram procurar uma camisa que Katie pudesse tomar tomar emprestada. Depois de quarenta e cinco minutos de procura, a cama de Cris estava coberta de roupas, e Katie ainda não tinha resolvido qual delas levaria. Tinha experimentado quase todas as peças dela, mas s nada parecia lhe agradar.

- Ainda acho que a verde é a que fica melhor em você, comentou Cris, sentando-se no chão e descansando as costas contra a cama.

Kaitie levantou-se e deu sua opinião sincera.

- Ela parece roupa de baixo de antigamente.

- Eu sei. É pra parecer assim. Mas ficou bem em você.

Katie vestiu-a de novo e estudou sua imagem no espelho.

- Mas tem manga comprida. E se fizer calor lá dentro?

- Dobre as mangas. É assim. Fica bem esportivo em você.

- Eu sempre sou esportiva. Mas dessa vez não quero parecer esportiva. Quero estar bonitinha. Não, retiro minhas palavras.Quero estar atraente. Não; mude isso pra deslumbrante. Não, na verdade... Katie parou, virou-se e disse de supetão: Não quero pareecer-me comigo mesma - quero parecer-me com você!

- Comigo? Por quê? Você é uma gracinha, Katie. Olhe só. Tem um corpo bem-proporcionado; cabelo diferente, ruivo, cheio de vida, e olhos verdes lindíssimos. Sério, Katie, você é uma graça!

- Não quero olhos verdes. Quero que os rapazes digam que são "olhos de matar", como dizem a você. E cabelo ruivo "cheguei" só tem valor pra cantora de rock. Eu

preferia ter cabelo castanho sedoso como o seu.

Cris ficou calada. Nunca tinha se comparado com a amiga e não podia negar o que Katie estava dizendo sobre ela.

- Vamos encarar os fatos. Com a sua aparência e a sua personalidade, você tem caras como o Rick e o Ted brigando pra ter sua atenção. Eu, não. Nunca que um cara se interessou por mim. Lembra do desastre que foi no ano passado quando convidei um rapaz para a festa de formatura?

Cris concordou com a amiga, lembrando-se do buque de cravos verdes da Katie e o jeito como Leo fingira a noite toda que ela não existia e depois a mandou embora na limusine alugada.

- A quem estou querendo enganar? Por que eu pensaria que o Glen se interessaria por mim?

- Porque você é você! Você é maravilhosa, e Deus a criou pra ser um tesouro peculiar dele.

- Ser o quê?

- Minha avó sempre dizia isso. Ela me mostrou no Velho Testamento, em Êxodo, acho. Deus chama seu povo de "tesouro peculiar". É isso que você é, Katie. Nós duas somos tesouros peculiares de Deus. E daí se ainda não há um cara na sua vida que aprecia você pelo que você é? Continue sendo como é e espere o seu herói, tá bem? Você merece.

Os olhos de Katie estavam cheios de lágrimas e ela se levantou e deu um abraço em Cris.

- Se você não fosse minha amiga mais chegada, Cris, eu seria totalmente infeliz!

- Não, não, não! Pelo contrário. Se eu não tivesse você como amiga, eu é que seria totalmente infeliz!

- Acho que somos um par de tesouros peculiares muito felizes, disse Katie com uma

risada gostosa.

- E esse tesouro peculiar inconfundível, disse Cris, apontando para a Katie, vai ficar lindo usando uma camisa verde que parece roupa de baixo de antigamente com as mangas arregaçadas. Vai ser ela mesma, e se divertir à beça!

- Se é você quem diz, comentou Katie, voltando a sorrir. Em seguida, olhando para as roupas em cima da cama, brincou.

- Tem certeza de que não há mais nada que eu possa experimentar?

- Espere aí! Tem sim! Volto já.

Cris saiu correndo do quarto e voltou um minuto depois com três grandes sacolas de compras.

- São as roupas de esqui que tia Marta mandou. As duas amigas começaram a tirar as roupas das sacolas e a experimentá-las.

- Essas calças são "cheguei", não são? perguntou Katie, verificando no espelho como ficavam as calças de esqui rosa-shocking com desenhos pretos.

Uma blusa de gola olímpica preta com os desenhos rosa-shocking completava o conjunto.

- Não sei se teria coragem de usar isso em público, concluiu.

- Aqui, disse Cris, pegando uma calça preta bem grossa na última sacola. Esta é mais discreta. Experimenta esta em vez da calça rosa "cheguei".

- Boa idéia. Esta aqui fica bem melhor em você. Eu não sou do tipo mulher-maravilha-rosa-shocking.

Katie passou o conjunto a Cris, que o vestiu, sentindo-se ousada e segura de si. Tendo a aparência de uma esquiadora experiente, talvez fosse mais fácil superar o medo de enfrentar as montanhas de neve de verdade. Sim, ela ficaria com o conjunto rosa-shocking.

- Está muito melhor em você, comentou Katie, vestindo a calça preta. Esta me serve bem. O que você acha? Você me empresta para a viagem?

- Claro. Experimente esta blusa, falou Cris, jogando-lhe uma blusa de lã branca com triângulos pretos no peito e nos ombros. As duas vão combinar bem, e as cores destacam o seu cabelo.

- Olhe só pra nós! dizia Katie ao examinar a imagem das duas no espelho. Parece que entendemos de esqui. Me dê aquelas luvas pretas ali.

Cris pegou as luvas novas no chão e um par de óculos de esqui no fundo da sacola. Katie pôs as luvas e os óculos e fez uma pose de esquiadora.

- Cuidado, lago Tahoe! Dois tesouros peculiares estão indo pra aí!

Mais tarde, naquela noite, Marta telefonou para saber se Cris gostara das roupas novas.

- São todas lindas, e me servem perfeitamente! Vou emprestar para a Katie a calça preta e a blusa branca, se você estiver de acordo.

- E então, você vai ter roupa suficiente? Vocês vão passar juntas todo um fim de semana, lembre-se disso.

- Tenho certeza de que não vou precisar de mais nada.

- Eu vou comprar mais uma calça preta e uma blusa de lã vermelha para combinar. Quase comprei a blusa um dia desses, mas lembrei que você me contou que o Rick gostava de ver você de vermelho. Não queria deixá-la triste, já que terminou o namoro com o pobre rapaz. Mas, como você precisa de mais um conjunto, vou comprar a blusa vermelha. Fique certa, Cris, de que não vou comprá-la só para que você volte a pensar no Rick.

Puxa vida! Será que minha tia "cabulou" na escola de lato, ou o quê?

- Aprecio muito os conjuntos, tia Marta. Mas você não precisa comprar mais nada.

Verdade!

- Bobagem! Eu mando as calças e a blusa amanhã e um par extra de óculos de esquiar para sua amiga.

- Obrigada, tia Marta. E agradeça ao tio por ter comprado o chocolate.

- Ele está aqui na cozinha, colocando adesivos de Halloween em cada um. Você conhece seu tio. Ele gosta de ter alguma coisa especial para a criançada que aparece por aqui no Halloween. E você, vai se fantasiar este ano?

- Acho que não.

- Nós devíamos dar uma festa a fantasia para você no ano que vem. Não seria divertido? Quando eu e sua mãe éramos meninas, tivemos uma festa, e eu me vesti de Flapper.

- Você se fantasiou de Flipper, o golfinho?

- Não, querida, eu disse Flapper. Sabe, uma dançarinn dos anos vinte. Provavelmente ainda tenho a fantasia. Bem, pense no assunto e resolva quando podemos dar a festa para voe. Podia ser uma festa de boas-vindas para o Ted. Você ainda não sabe quando ele vai voltar, sabe?

Cris engoliu em seco.

- Não, não sei.

- Entendi. Bem, divirta-se. Quero que saiba que estou muito orgulhosa por você ter entrado para o clube de esqui. Vai ter a oportunidade de conhecer outros jovens, e como você estará elegantíssima, quem sabe o que poderá acontecer?

Certo. Quem sabe? Posso quebrar todos os ossos do meu corpo. Mas graças a você, tia Marta, estarei muito elegante na maca.

No dia seguinte, no trabalho, Cris perguntou ao Jon se poderia vender o chocolate de Katie ali.

- Tudo bem comigo. Afixe um cartaz na caixa e fique de olho, pois alguma criança

pode pegar um e sair sem pagar. Quanto custa?

- Dois dólares cada tablete. Tem dez em cada caixa.

- Verdade? indagou Jon, parecendo animado. Eu levo uma caixa.

- Uma caixa inteira só pra você?

- Não, para minha irmã. Ela é louca por chocolate. Vou mandar-lhe uma caixa de aniversário. Assim não preciso quebrar a cabeça tentando resolver o que dar. E já vem na caixa. Vai ser mais fácil do que tentar mandar o vaso ou o perfume pelo correio.

Jon pegou uma das caixas da sacola de Cris e tirou uma nota de vinte dólares do bolso.

- Muito obrigado, Cris. Isso facilitou minha vida.

Cris olhou a nota que ganhara com tanta facilidade e depois para o Jon.

- Não foi nada. Sempre fico contente por poder ajudar.

Tirou um envelope da bolsa e colocou a nota junto com os dezesseis dólares que Katie havia dado pelas oito barras de chocolate que comera.

Katie, pode ser que, no final das contas, acabemos indo nessa excursão! Só faltam oitenta e duas barras!

Encontrou uma caneta hidrográfica nos fundos e fez um cartaz para a caixa de chocolates, levando-a para junto da caixa registradora. Beverly estava lá, dando troco a um freguês.

- Olá! disse Cris. Vou colocar isso aqui. O Jon disse que posso.

- Cheira a chocolate! Um cheiro bem mais agradável do que o dos animais. Devem vender bem. Jon deu uma saída. Disse que ia despachar o presente da irmã. Esqueci de perguntar se ele resolveu mandar o perfume ou o vaso.

- Nenhum dos dois. Vai mandar uma caixa de chocolates. Beverly riu-se e abanou a cabeça. Sua trança comprida sacudiu-se nas costas feito uma corda de pular.

- A gente nunca sabe o que esse cara vai fazer! Eu não lhe disse? O rei das

devoluções. Observe só: ele vai devolver o vaso e o perfume e vai comprar outra coisa. O que você acha que pode ser?

- Uma gravata?

- Não, nunca vi o Jon de gravata. Talvez ele compre um cinto de couro ou então alguma coisa maluca, como aqueles aparelhos de ginástica. É uma bicicleta ergométrica e esteira mecânica numa só peça. Ele anda falando em colocar uma nos fundos para fazer exercícios nas horas vagas.

- Que horas vagas? O cara nunca pára!

- Olhe o telefone. Eu atendo. Pode ficar na caixa registradora?

- Claro.

Cris observava enquanto Beverly corria para os fundos; percebeu então como sabia pouco a respeito dela e de Jon. Ambos pareciam gente muito boa e pouco estressada.

Mas como estariam com relação a Deus? Depois do que Luke dissera no estudo bíblico de quarta-feira, e a lista de tiro ao alvo da Lisa, Cris começara a se preocupar, desejosa de encontrar uma maneira de ser missionária junto aos que a cercavam. No intervalo, deu uma rápida chegada à livraria evangélica, no final do shopping. Comprou dois livretes que explicavam como tornar-se cristão, e um cartão para a Katie com os dizeres: "Nosso Deus é um Deus maravilhoso."

De volta à loja de animais, tentou resolver qual seria a melhor maneira de entregar os livretes a Beverly e ao Jon. Pensou em deixá-los na mesa "por acaso". Isso era covardia. Talvez devesse entregá-los pessoalmente e dizer algo como: "Isto é sobre a vida e a morte. Por favor, leia." Não. Seria dramático demais.

Até a hora de ir para casa, Cris já estava uma pilha de nervos, tentando saber como testemunhar. Tinha imaginado pelo menos umas vinte maneiras de entregar os livretes, mas não teve coragem de usar nenhuma, e eles ainda estavam na bolsa.

Espero que a Katie tenha mais sucesso do que eu na sua missão hoje, pensou Cris ao cair na cama.

Na manhã seguinte Katie ligou às nove e meia com um relato misto.

- Ele conversou comigo um pouco. Foi esquisito. Nenhum de nós sabia o que falar. Ficamos ali, parados. Estava um barulhão em volta, difícil de conversar. Mas ele ficou sentado ao meu lado a maior parte do tempo. Não disse nada sobre a gente se ver no domingo ou na próxima quarta-feira. Acho que estava só tentando ser educado.

- Ou então, sugeriu a amiga, nervoso e sem saber o que dizer. Você não pensou nisso? Os rapazes podem ficar nervosos também, sabe?

- Sei lá. Antes de começar, eu o vi conversando animado com um monte de rapazes no estacionamento. Daí, ele entrou e sentou na minha frente e não disse quase nada.

- Não entendeu? Lá no estacionamento ele estava falando mm outros rapazes. Rapazes, Katie. É diferente de tentar conversar com uma garota. Principalmente uma garota por quem e se interesse. Tenho certeza que o Glen estava nervoso, e foi por isso que quase não conversou.

- Acha mesmo?

- Claro. Olhe só quanta coisa positiva aconteceu. Ele deixou a turma dele e veio sentar ao seu lado.

- Eu não tinha pensado nisso.

Aí você tem uma prova de que ele está interessado em você. E a segunda coisa é que ele ficou por algum tempo. Podia ter ido embora ou voltado para junto dos rapazes. Acho que se ficou é porque queria. Vai ver que é tímido ou nervoso, ou inseguro. Mas acho que o Glen ainda vai se abrir com você.

- Espero que esteja certa, Cris. Ele me parece um cara bem legal e tem jeito de ser carinhoso. Espero ter outra oportunidade de conversar com ele alguma hora.

- Vai ter. Tenho certeza. Até que foi bem para a primeira vez juntos. Você ainda vai vê-lo domingo. O que vai vestir?

- Não goze de mim, mas acho que vou de vestido. Vai ser a primeira vez que muitos dos meus amigos me verão trajando algo que não seja short ou jeans. Pode até fundir a cuca de alguns! Vão pensar que uma irmã gêmea da Katie, que estava desaparecida, veio visitar a classe de jovens. Mas olhe, às vezes a gente tem que criar coragem e fazer alguma coisa diferente, não é?

- E por falar em criar coragem, eu queria falar de Jesus para o Jon e a Beverly ontem no trabalho, mas nada aconteceu. Acho que o Glen não é o único nervoso ou tímido demais pra abrir a boca.

- Espere uma oportunidade natural de falar. Vai dar certo.

- E vai dar certo com você também. Quer dizer, com o Glen. Espere uma oportunidade natural pra dizer alguma coisa a ele.

- Tem alguma coisa no livro de regulamentos que diz que eu não posso usar um vestido?

- Não. Acho que um vestido dará um toque muito bonito.

Mais tarde Cris ficou pensando no que poderia acrescentar um belo toque ao seu empenho de testemunhar. Talvez um cartão com um versículo bíblico. Aí ela poderia dar o livrete e o cartão e fechar o envelope.

A manhã no trabalho passou depressa porque estavam recebendo um novo estoque na loja. Durante a primeira hora, Cris ficou nos fundos, abrindo e marcando caixas de ração. Durante o intervalo para o almoço, deu uma corrida até a livraria evangélica. Ficou ali uns vinte minutos, procurando um cartão adequado. Nenhum dos que havia no expositor parecia certo para o Jon ou para a Beverly.

No final, comprou dois cartões com cenas de jardim na frente, sem dizeres. Achou

melhor ela mesma criar uma mensagem para escrever neles.

Ficou a tarde toda pensando no que deveria colocar ali para testemunhar de sua fé. Só lhe vinham frases curtas. Era como se estivesse tentando entrar num concurso para criar adesivos evangélicos para carros.

Ultimamente você tem pensado no seu destino eterno?

Sabia que para ir ao céu basta uma oração?

Acerte com Deus ou fique para trás!

Agora, uma palavra do nosso Patrocinador Celeste.

Por favor, não morra sem Deus.

Sabia que você precisa de um transplante de coração?

Quando se fizer chamada, você estará presente?

Você precisa de Jesus.

Posso testemunhar que...

Em vez de sentir-se inspirada, Cris estava totalmente frustrada.

Não devia ser tão difícil dar testemunho! Qual o meu problema afinal? A coisa mais importante do mundo é saber como podemos ser salvos e ter a vida eterna com Cristo. Por que eu não consigo achar um jeito natural de falar disso?

Quando chegou em casa naquela noite, os dois cartões e os dois livretes continuavam na sua bolsa. Nem tocara neles.

Mas, antes de dormir, pegou um papel de carta florido, dobrou-o e colocou-o na Bíblia. Era a sua "lista de tiro ao alvo". Debaixo do título escreveu dois nomes.

O Ratinho

7

As duas semanas seguintes foram cheias de dever de casa, reuniões do clube de esqui, estudos bíblicos às quartas-feiras e o horário habitual de trabalho da Cris na loja de animais às sextas-feiras e nos sábados. Os cartões em branco e os livretes permaneceram dentro de sua bolsa.

- Você acha que vou conseguir o dinheiro a tempo? perguntou Katie a Cris enquanto desciam o corredor da escola após uma reunião do clube de esqui. Faltam só dez dias. Quanto dinheiro falta pra mim? Trinta dólares?

- Deve ser isso, porque vendemos cinco caixas de chocolates na loja. Jon comprou uma caixa e você pagou a primeira. O Prof. Riley disse que você precisava de mais trinta e dois dólares.

- E vou conseguir até segunda-feira, certo? Vou fazer baby-sitting na quinta à noite e vender mais chocolate esta semana na loja de animais. Devo conseguir os trinta e dois, certo?

- Tenho certeza de que sim. Quanto trabalho de casa você ainda tem pra fazer?

- Não muito. Tenho de ler um capítulo para a aula de Estudos Sociais e decorar um diálogo de Espanhol.

- Venha em casa e estudamos juntas.

- Sabe, é melhor eu ir pra casa e decorar o texto de Espanhol. Eu lhe disse que tirei 10 na prova de Espanhol?

- Será por causa de um certo professor particular de Espanhol, que chegou do Equador? gracejou Cris.

Ela se sentia feliz pela amizade de Katie com Glen. O rapaz tinha mesmo encontrado um lugar na vida de sua amiga.

Tudo começou quando Katie, alguns dias após a festa da pizza, criou coragem e ligou para o Glen à noite, perguntando qual a correta pronúncia de uma palavra no diálogo de Espanhol. Glen não só lhe deu a resposta, como também ficou conversando com ela mais de duas horas.

No domingo seguinte, ele continuou a agir com timidez ao lado da Katie. Cris o achou mesmo inseguro e retraído. Mas no dia seguinte, ele telefonou para Katie e conversaram mais duas horas.

O relacionamento deles era um pouco estranho para Cris. Mas Katie parecia contente com o jeito pelo qual as coisas iam avançando, e Cris achou melhor não se intrometer.

- É melhor eu ir. Eu falei para o Glen que se eu tivesse dificuldades com o Espanhol, ligaria pra ele. Parece que vou ter de telefonar mais cedo. Nossa última conversa foi até bem depois das dez e meia, e minha mãe não gostou que eu ficasse tanto tempo no telefone. Vejo você amanhã. Bom dever de casa pra você!

É, bom dever, sozinha!

Cris se viu dominada por um monte de pensamentos estranhos. Agora sabia como Katie se sentira quando ela namorava o Rick. Era um sentimento estranho, quase de competição, como se estivesse zangada com o Glen por roubar-lhe a companhia dela. Não esperava sentir-se assim, e nunca pensara que Katie poderia ficar tão envolvida com qualquer coisa ou pessoa que a descartasse desse jeito.

Cris dirigiu até sua casa, entrou e tirou um casaco do armário.

- Vou fazer uma caminhada antes de começar a estudar, explicou à mãe.

- Você está bem?

- Estou ótima. Estive sentada o dia todo e preciso oxigenar o cérebro antes de enfrentar os livros.

- Bem, tome cuidado.

- Só vou dar a volta no quarteirão.

- O vento aumentou e está frio lá fora. Pegou um agasalho?

- Peguei, respondeu Cris, fechando a porta da frente, deixando a de tela bater ao vento.

Algumas folhas secas saltaram para a frente e o ar estava bem frio. Boa temperatura para refletir.

Andou depressa, pensando na excursão de esqui. Faltava uma semana e meia. Parecia que ia mesmo; não havia como escapar. Disse a si mesma que seria uma experiência boa e divertida. Percebera certa decepção no rosto da mãe, ao lembrar que esta seria a primeira vez que a família não estaria toda junta para celebrar o "Dia de Ação de Graças".

Em vez de peru recheado e as compotas especiais típicas da festa, dessa vez, ela estaria comendo cachorro-quente com milho e tomando chocolate. Não havia razão para desistir da promessa feita a Katie, mas ficou um pouco triste ao meditar em tudo isso.

A vantagem de estar fora nesse feriado era que, como o Rick provavelmente viria para casa, ela não teria de vê-lo nem conversar com ele. No fundo, sabia que tomara a decisão certa, terminando o namoro. Mas era triste saber que o relacionamento só poderia ser "tudo ou nada". Ela gostaria de que continuassem amigos. Até mesmo amigos melhores do que tinham sido antes.

A mudança no relacionamento com Katie também a deixava desalentada. Sabia que era bobagem ter ciúmes do Glen, mas reconhecia o sentimento, e, pelo menos para si mesma, admitia que era exatamente isso que sentia.

Se eu também tivesse um namorado seria diferente. Ou pelo menos alguém com quem estivesse saindo de vez em quando. Será que a Katie e eu teremos namorados ao mesmo tempo em alguma ocasião? Será que teremos oportunidade de sair juntos, dois casais?

Os pensamentos, que evitara nas últimas semanas, começaram a vir à tona quando ela dobrou a esquina e começou a subir a rua de volta para casa. Agora caminhava contra o vento que fustigava seu rosto. Deixou vir à tona os sentimentos do coração.

Quando será que verei o Ted de novo? Será que as coisas vão ser como antes, ou nós dois mudamos tanto que não dá mais pra voltar a ser como éramos? Será que ele recebeu meu cartão? Gostou? Não sei se devo escrever de novo ou esperar que ele me responda...

Abaixou a cabeça e foi em frente. O vento fazia os olhos lacrimejarem. Ela disse em voz alta:

- E por que acha que ele lhe escreverá? Nunca antes escreveu. O Ted é o Ted. Você não está na vida dele neste momento. Pode ser que um dia... E também, pode ser que não. A vida continua, Cris.

Subiu a escada da varanda da frente de sua casa e endireitou um vaso de barro que o vento tinha tombado. Lembrou-se da primeira vez que vira a casa. A tela da porta da frente estava rasgada, e havia ali um vaso de barro quebrado, os cacos espalhados pela varanda. Isso fora pouco mais de um ano atrás. Um ano só - mas tanta coisa na sua vida havia mudado!

Por que as coisas têm de mudar? Por que nada. fica do mesmo jeito só mais um pouquinho? Por que Deus sopra o seu vento impetuoso e forte na minha vida e espalha tudo e todos?

Abriu a porta. Logo que entrou na casa aquecida, Cris percebeu que suas faces castigadas pelo vento estavam ficando rosadas. Havia um cheiro maravilhoso do bolo de carne e batatas que a mãe assava.

Embora ainda faltasse uma semana e meia para o dia em que as pessoas deveriam relembrar as bênçãos por que eram gratas a Deus, Cris resolveu fazer uma vistoria

preliminar. Foi direto para o quarto, tirou o casaco, deitou-se na cama e começou a fazer uma lista no diário.

"Sou grata por meus pais, por esta casa, pela minha saúde e todas as bênçãos que Deus nos deu, como o alimento e o vestuário. Sou grata por minhas amizades e..."

E aqui se deteve um instante. Uma idéia veio tão depressa, que ela não sabia se deveria escrever. Resolveu deixar fluir seus pensamentos e escreveu:

"Sou grata pelo Ted. Pelo Rick. Pela Katie. E por meu emprego, minha igreja, meu relacionamento com Jesus, e porque posso conversar com ele a qualquer hora e em qualquer lugar."

No final notou que acabara parecendo uma oração, e acrescentou: "Amém."

Na quarta-feira, no estudo bíblico, houve quase a mesma situação. Luke distribuiu papel e canetas e pediu que todos escrevessem alguma coisa pela qual eram gratos, algo pelo qual nunca houvessem, conscientemente, agradecido a Deus. Então deveriam escrever uma carta para Deus, agradecendo-lhe pelo que haviam pensado.

Cris pensou muito e, finalmente, escreveu:

"Deus, agradeço-te pela minha visão. Sempre a considerei a coisa mais normal, mas sou muito grata porque posso enxergar."

Em seguida, Luke deu outro pedaço de papel a todo mundo e disse que pensassem em alguém a quem eram gratos, e escrevessem um bilhete àquela pessoa, explicando-lhe por que eram gratos.

Cris pensou primeiro que deveria escrever a Katie. Dando uma espiada na carta da amiga, viu que ela estava escrevendo ao Glen, agradecendo-lhe por havê-la ajudado com o trabalho de Espanhol. Perdera a graça escrever para a Katie. No final, decidiu escrever aos pais, agradecendo-lhes por tudo que fizeram por ela.

Apesar de ela e Katie estarem sentadas juntas no estudo bíblico, parecia que a Katie nem a notava. Encerrada a reunião, a amiga levantou-se ágil como uma pantera. Cris ficou olhando-a ir caminhando entre as cadeiras até chegar aonde estava o Glen. Ele parecia

gostar da atenção.

No momento em que ela entregou o bilhete de agradecimento ao rapaz, o rosto dele ficou vermelho. Enfiou o bilhete no bolso sem o ler. Continuou ali de pé, o rosto ainda rosado, enquanto Katie continuava falando, sem parar, usando os gestos para demonstrar tudo que dizia.

Embora Cris sentisse um pouquinho de ciúmes, não podia deixar de estar contente pela Katie. Glen parecia beneficiar-se da amizade, e Katie, não havia dúvida, também estava bastante satisfeita.

Cris voltou para casa, pensando que afinal se divertiriam muito no passeio. Ao mesmo tempo, teve sentimento de culpa por ficar pensando nisso. Sabia que uma das razões pelas quais as duas iam se divertir era que nenhuma estava interessada em qualquer dos rapazes do grupo.

Se o Glen estivesse planejando ir, provavelmente a Cris teria desistido da excursão. Isso poderia até ser imaturidade de sua parte, mas sabia que ela e Katie se divertiriam muito mais sem problemas de namorado no fim de semana.

Quando chegou a casa, sua mãe já tinha ido deitar-se, mas o pai estava assistindo à televisão sentado na poltrona reclinável. Cris entregou-lhe o bilhete e esperou para ver sua reação.

O pai leu o bilhete de agradecimento. Depois, puxou a alavanca do lado da poltrona reclinável para que o descanso do pé se erguesse, mas, em vez disso, o encosto da poltrona caiu, quase batendo no chão. Por um instante, parecia que seu pai ia cair de cambalhota para trás.

Cris saltou para junto dele, esperando atenuar a queda. Mas ele conseguiu equilibrar a poltrona e nada de mau aconteceu, nem com a "cápsula espacial", nem com o "astronauta".

- Bem, disse ele entre risadas, obrigado pelo bilhete. Com tanta coisa errada que faço por aqui, é bom saber que alguém acha que acertei em algumas coisas!

Bateu no lado da poltrona para emprestar mais força ao que dizia, e Cris lembrou-se que ele a tinha desmontado e montado de novo para tentar consertá-la. Deu um abraço carinhoso no pai e disse:

- Você faz muita coisa certa. Nem sempre me lembro de agradecer, mas eu deveria.

- Sabe, disse o pai, assumindo um ar de seriedade, eu e sua mãe vamos permitir que você participe dessa excursão de esqui, mas ambos estamos meio preocupados com isso.

- Mas por quê?

- Você nunca esquiou na sua vida e vai com uma turma que não conhecemos, e, pelo que sabemos, só você e a Katie são crentes. Estamos meio na dúvida se você deveria ir mesmo.

Cris parecia amedrontada.

- O senhor está dizendo que não posso ir?

- Não. Já discutimos o assunto, e você sabe perfeitamente que concordamos que você pode ir. É só que nós não nos sentimos muito tranquilos com relação a isso.

Cris não sabia ao certo o que responder. Será que eles queriam que ela desistisse do passeio por si mesma? Deixariam que fosse, mas sem sua bênção? Estavam deixando a decisão com ela? O que deveria dizer?

- Acho que a escola não permitiria uma excursão como essa se alguma coisa ruim já tivesse acontecido. O Prof. Riley é o responsável. Esse já é o quarto ano consecutivo que ele e a esposa acompanham o grupo. Tenho certeza de que vai dar tudo certo.

- Suponho que sim. Aliás, você já esteve em situações mais difíceis do que esta, sem dúvida. Só quero que saiba que tenho as minhas reservas.

Ele se levantou, desligou a televisão e concluiu:

- Bem, era só isso que eu queria dizer. Muito obrigado pelo bilhete.

Cris seguiu-o pelo corredor, lembrando-se dos tempos de menina na fazenda do Wisconsin. Uma das coisas que mais gostava de fazer era seguir o seu pai pelo estábulo. Ele era tão grande, que ela conseguia facilmente se esconder atrás dele. Se ela pisasse de leve no feno, ele nem percebia que ela se achava ali. às vezes ele parava de repente, e ela esbarrava nele. Aí ele a carregava, erguendo-a acima de sua cabeça, e gritava para as vacas ouvirem:

"Olhe só, achei um ratinho! Escutem só os gritinhos dele!"

A essa altura, Cris estaria rindo, dando gritos assustados e pedindo para descer.

Hoje, seguindo o pai, Cris percebeu que estava apenas uns vinte centímetros mais baixa que ele. É claro que, aos dezesseis anos, ele não mais a pegaria no colo, erguendo-a acima da sua cabeça, e chamando-a de "meu ratinho". Já era quase uma mulher, e ele, praticamente, a estava tratando como tal.

Seguindo um impulso, no momento em que o pai ia abrir a porta do quarto, Cris chamou:

- Pai?

Ele virou-se para ela, mas Cris não sabia ao certo o que queria dizer. Em vez de tentar achar as palavras, ela passou os braços em volta do pai e encostou o rosto no ombro dele. O pai retribuiu-lhe o gesto. Olharam um para o outro e sorriram. Cris tinha certeza de que ele sabia o que ela estava pensando.

Passando a mão calosa nas franjas compridas da filha ele beijou-lhe a testa e disse: - Boa noite, meu ratinho.

96817

8

- Por favor, tragam a autorização médica. Quem não trouxer, vai ficar no estacionamento na quarta-feira. Ninguém vai na excursão sem o formulário de autorização médica assinado por um de seus pais!

O Prof. Riley fez o anúncio em alto e bom som ao encerrar a reunião do clube de esqui, a última antes da viagem.

- E não se esqueçam que cada um é responsável por sua própria refeição no trajeto de ida e de volta. Será que lembrei de tudo? Ah, sim, a bagagem! Escutem, todos! Tragam a bagagem para a escola na quarta-feira de manhã, e levem-na para a sala dos professores. Uma mala cada, um saco de dormir, e uma bagagem de mão ou bolsa que ficará com você. O.K.? Mais alguma pergunta?

- Sim, disse um dos rapazes. Tem neve?

- Ouvi dizer que vem uma tempestade hoje à noite. Vamos esperar que caia uma tonelada de neve na montanha nos próximos dois dias, e depois o tempo clareie quando chegarmos lá na quinta-feira.

- Espero que não precisemos dirigir em meio à neve, cochichou Cris no ouvido de Katie. Certa vez, quando eu era pequena, nossa família ficou ilhada numa tempestade de neve, e tivemos de dormir no carro.

- Verdade? Que medo! Eu nunca vi neve!

- O quê? Nunca viu neve? Como pôde chegar aos dezesseis anos sem nunca ter visto neve?

- Morei no sul da Califórnia a vida inteira, e minha família não viaja muito. É por

isso que sempre quis ir esquiar.

- Não acredito, Katie! Você não tem a menor idéia de como a neve traz frio, lama, e deixa a gente até deprimida! Sabe como é difícil andar na neve ou caminhar numa calçada coberta de gelo?

- Não, disse Katie com sinceridade.

- Essa vai ser uma viagem e tanto. Já vi tudo. Você tem certeza de que tem roupas bem quentes? E resolveu a questão de dinheiro?

- Meus pais me deram os vinte dólares que faltavam, e o que recebermos dos chocolates que ainda estão na loja vai ser para as refeições da viagem.

- Vou passar lá a caminho de casa. O Jon é tão legal, ele vai me dar meu pagamento adiantado pra eu ter um pouquinho mais pra gastar.

- Imagine só. Você planejava usar aqueles cheques de salário todos pra comprar de volta a sua pulseira!

- Eu sei, e não tenho idéia de quem pagou, disse Cris, passando o dedo sobre a chapinha. De qualquer maneira, pego o resto do seu dinheiro do chocolate e lhe dou amanhã.

Cris esperava que os outros tabletes já tivessem sido vendidos. No sábado constatou que ainda havia pelo menos uma caixa e meia.

Quando entrou na loja aquela tarde, Jon estava perto da caixa registradora, fustigando o ar com uma rede para peixinhos dourados.

- O que está fazendo? Tentando pegar um peixe-voador?

- Engraçadinha! Não. Estou tentando pegar uma mosca. Gosto de alimentar os meus lagartos do modo antigo, orgânico. Upa!

Jon passou a rede rente ao rosto de Cris, e em seguida fechou a abertura com os dedos. Ela olhou para a rede que ele lhe mostrava. Realmente, Jon pegara uma mosca.

- Pode ficar na caixa enquanto levo isso para os lagartos? perguntou enquanto se afastava. Depois, virando-se de repente, se corrigiu: Espera aí! Você não veio trabalhar aqui hoje, veio?

- Não, vim pegar os chocolates e... Ela deixou a frase incompleta, pensando que pegava mal querer que o Jon ainda fosse dar-lhe o pagamento adiantado.

- Certo. Ia me esquecendo. Mas fique um pouquinho na caixa, pode? Volto já.

Por alguma razão, Cris teve uma sensação esquisita ao ir para a caixa registradora quando não era seu dia de trabalho. Era como se estivesse onde não deveria estar.

Naquele instante um homem, surgindo dos fundos da loja, dirigiu-se à caixa com um saco grande nos braços. Cris lembrou-se dele vagamente, mas não sabia de onde. Ele colocou de supetão o saco no balcão e disse:

- Ainda bem que vocês finalmente conseguiram alguém que sabe encomendar a mercadoria direito.

O rótulo no saco dizia: "Painço". Cris lembrou-se de onde o tinha visto. Sem demonstrar que o reconhecera, ela registrou a venda e esperou que ele saísse logo sem causar o escândalo da última vez.

- Dois dólares por uma barra de chocolate?!! berrou ele ao ver o cartaz na caixa. Que roubalheira é essa?! E que loja de animais é esta, que vende comida de gente? Provavelmente existe alguma lei municipal contra isso. Obviamente não é permitido vender alimento de gente e ração para animais no mesmo balcão.

- Aqui está o seu troco, senhor, disse Cris, estendendo-lhe três notas de um dólar, com a mão trêmula.

Ele puxou as notas e, agarrando o saco de painço, saiu como um furacão.

- Aí vai mais um freguês satisfeito! disse Jon, voltando para a frente.

- O que é que há com aquele cara? E, a propósito, obrigada pelo privilégio de

permitir que eu atendesse justamente a ele.

Cris colocou a bolsa no ombro e se afastou da caixa, demonstrando que agora estava de folga.

- Ah! não fique chateada por isso. Ele gosta mesmo de ser ranzinza. Vem aqui pelo menos uma vez por semana e sempre encontra alguma coisa para reclamar. O que foi dessa vez?

- Os chocolates. Mas não tem importância, porque vou levá-los embora, e ele não poderá chamar os fiscais para multá-lo por vender comida de cachorro e chocolate no mesmo balcão.

Ela contou rapidamente quantos tabletes ainda havia e perguntou:

- Tem mais algum lá atrás?

- Estes são os últimos, disse Jon, remexendo no bolso. Minha irmã ligou e disse que são uma delícia, e então, toma aqui, disse ele, colocando uma nota embolada na mão de Cris. Eu compro o resto.

- Não precisa, protestou Cris.

Abrindo a nota, viu que era de vinte dólares.

- Isso aqui é demais, falou. Só tem três chocolates. Dá seis dólares, não vinte.

- Fique com o troco, disse Jon. Para você gastar no seu passeio no final de semana. Compre alguma coisa para sua amiga lambém. Como é mesmo o nome dela? Katie?

- É Katie. Muito obrigada, Jon. Você é muito generoso. Jon enfiou a mão na caixa e tirou os três últimos chocolates. Jogou um para Cris.

- Tome aqui, fique com um chocolate. E aqui - jogou-lhe mais um - dê este para a Katie.

Desembrulhou o terceiro chocolate e deu uma mordida.

- Seu pagamento e o envelope com o dinheiro dos chocolates estão na caixa

registradora, continuou. Deixe que eu pego para você.

Cris acompanhou o Jon, começando a comer o chocolate. Descobriu que tinha amêndoas. Ela detestava castanhas de qualquer espécie. Depois lembrou-se de que uma vez, quando estava em Maui, experimentara nozes no iogurte gelado e gostara. Quem sabe gostaria também dessas amêndoas.

Deixou a primeira mordida derreter devagar na boca até sobrar apenas a amêndoa. Então mastigou-a.

Aqui está, disse Jon, dando-lhe os dois envelopes. Divirta-se bastante, não vá quebrar nenhum osso. Espero-a de volta no trabalho na sexta-feira que vem.

- Mais uma vez, obrigada, disse Cris.

Deu outra mordida no chocolate com amêndoas. Nesse momento compreendeu que não gostar de castanhas devia ter sido coisa de criança. Agora, com dezesseis anos, seu paladar era outro. Não havia nada nas amêndoas que lhe desagradasse.

- Ah! antes de você sair, eu queria lhe perguntar uma coisa, disse Jon. Que igreja você frequenta?

Cris nem quis acreditar no que ele estava perguntando. Talvez essa fosse a oportunidade de testemunhar que estava pedindo a Deus. Engoliu depressa o chocolate com amêndoas. Disse o nome da igreja, observou que ele pegou um pedaço de papel e uma caneta.

- Como se chega lá? perguntou ele, anotando com cuidado as direções. E a que horas começa o culto?

Cris deu-lhe as informações, depois, como sua curiosidade a estivesse matando, perguntou:

- Por quê? Quer dizer, corno você sabia que eu era cristã?

- Quando você se candidatou para o emprego, escreveu que não trabalharia no

domingo, então concluí que frequentava alguma igreja. Tenho observado você para ver se vive todas aquelas coisas que eles ensinam na igreja sobre honestidade, não roubar, e tudo o mais.

Cris franziu as sobrancelhas e esperou que ele continuasse.

- Até agora, tudo muito bem. Estou gostando do seu jeito de agir.

Isso é bom demais pra ser verdade! Deus está respondendo à minha oração sobre testemunhar para o Jon. E eu ainda não disse nada!

Animada e bem satisfeita com seu forte exemplo de cristianismo, Cris disse:

- Então você está querendo dizer que, como vê Jesus em mim, está interessado em ir à igreja?

- Não, respondeu Jon.

Cris tentou disfarçar a decepção e a indagação.

- Perguntei porque um velho amigo dos dias de faculdade vem passar o feriado comigo. Ele é crente, e sei que vai querer ir a uma igreja no domingo, ou talvez no próprio dia de Ação de Graças. Você é a única pessoa que conheço que frequenta alguma igreja.

Ela não queria deixar passar, assim sem mais nem menos, essa oportunidade de testemunhar. Muniu-se então de coragem e perguntou:

- Por que você não vai com ele, Jon? Acho que se sentiria bem na minha igreja.

Um sorriso amarelo surgiu no rosto dele.

- É, agora você me fez de alvo, não é? Eu não me importo com um empurrãozinho para o céu de vez em quando, mas por favor, não faça como a garota que trabalhava aqui antes de você. Ela nunca falou nada sobre nascer de novo ou nada disso. Mas deixava uns... como se chama? Folhetos? Bem, ela os deixava espalhados pela loja toda, mas em segredo. Acho que ela pensou que ninguém saberia que era ela. Nós a chamávamos de "coelhinha da Páscoa".

Cris suspirou aliviada porque não tinha tentado a mesma técnica com os cartões e

livretes.

- Acho que quando a gente crê em alguma coisa, deve acreditar mesmo e assumir uma posição clara, e não fazer as coisas por baixo do pano, explicou ele, olhando diretamente para a Cris.

As palavras brotaram no coração de Cris e saíram pela boca antes que ela tivesse tempo de detê-las.

- Acho que você precisa entregar sua vida a Deus.

- Acha, é? falou Jon, dando risadas. Cris o conhecia bastante para saber que ele estava achando aquilo muito divertido.

- Gostei dessa, Cris. Você acredita mesmo nisso e fala. Admiro você por isso. Seria bom você acrescentar um pouco de tato à sua sinceridade. Mas eu não me surpreenderia se você me dissesse que está orando por mim.

A coragem de Cris começou a sumir, e ela sentia que suas bochechas iam ficando vermelhas sob o olhar intenso do Jon. Em voz mais baixa, disse:

- Por sinal, estou mesmo orando por você. Agora o Jon estava surpreso.

- É, não vai me prejudicar em nada, comentou, entrando atrás do balcão para atender um freguês que se aproximava da caixa. Tenha um ótimo final de semana! concluiu, sorrindo em despedida.

No dia seguinte, no almoço, Cris entregou a Katie o dinheiro e contou sobre sua experiência de testemunho.

- Já imaginou o que teria acontecido se você tivesse dado aquele cartão e o folheto? indagou Katie.

- Eu sei. Com isso aprendi que a vida seria mais fácil se eu não tentasse correr à frente de Deus, disse Cris, enfiando a mão no saco do lanche. Olhe só o que eu lhe trouxe! continuou, apresentando o chocolate. Um presente do Jon.

- Parece que nós vamos mesmo à excursão de esqui amanhã! Vamos comemorar! Eu lhe dou metade do chocolate para saudarmos a vitória na campanha de angariar fundos que quase virou fiasco.

Quebrou o chocolate em duas partes, entregou o pedaço maior a Cris e ergueu o outro.

- Um brinde para a melhor amiga do mundo: Cris Miller! Sem sua ajuda eu nunca teria conseguido esse dinheiro, Cris.

- Claro que teria. Eu tive a ajuda da tia Marta. Nunca pensei que diria isto, mas, um brinde à tia Marta!

E as duas morderam o chocolate ao mesmo tempo.

- Então, está começando a sentir o efeito daquelas substâncias químicas sobre o cérebro? perguntou Cris após a primeira mordida.

Katie enrubesceu e disse:

- Ele me ligou de novo ontem à noite. Estou um pouco triste porque não vamos estar no estudo bíblico nem no culto. Acho que o Glen está ganhando autoconfiança. Depois de todas essas conversas quilométricas por telefone, tenho certeza que logo ele acaba sentando comigo na igreja, não acha?

- Bem, se você está com tanta pena de passar alguns dias sem vê-lo, podemos cancelar a viagem, não podemos?

- Está brincando? Depois de tudo que passamos com a campanha?! Nada disso! Temos um compromisso com esse passeio, não é? O Glen terá que esperar a minha volta, porque sou o tipo de garota que vale a pena esperar.

- É mesmo, Katie, e não se esqueça nunca disso!

Assim que chegou a casa, Cris começou a arrumar a mala. Parecia levar uma eternidade. Enrolou as roupas de esquiar porque desse jeito cabiam melhor. O difícil era

resolver o que mais deveria levar. Começou com dois conjuntos de moletom, mas eram volumosos demais. Conseguiu reduzi-los a uma calça e duas blusas. As blusas de gola olímpica e camisetas couberam com facilidade. A escolha de blusas de lã ficou difícil. No final, resolveu levar uma na mala e vestir a outra na saída para a escola, no dia seguinte.

- Como estão indo as coisas? perguntou a mãe, chegando à porta do quarto.

- Acho que consegui colocar tudo, disse Cris, lutando para fechar o zíper da mala.

- Você incluiu umas meias-calças de helanca? E as luvas de lã?

Cris soltou o zíper e se deitou para trás no chão.

- Não. E esqueci da minha roupa de baixo!

- Parece que você precisa de uma mala maior, disse, rindo, sua mãe.

- Só podemos levar uma.

- Acho que na garagem tem uma maior que você pode levar. Eu volto já.

A mãe voltou com uma mala velha do Exército que realmente era maior do que a mala nova, moderna, em que Cris tentava colocar as suas coisas.

- Mãe, essa coisa velha está caindo aos pedaços, e é horrível. Não quero ser vista nem morta levando uma coisa dessas.

Por um instante pareceu que a mãe iria insistir, mas ela só deixou a mala verde no chão e disse:

- Então, você resolve. O jantar estará pronto dentro de quinze minutos.

Cris ficou sozinha no chão do quarto, com vontade de fazer bico como uma menina, mas ao mesmo tempo querendo agir como uma jovem independente que se prepara para uma excurrsão de esqui. A decisão era sua: ou levaria tudo de que precisava e seria vista com uma mala antiquada, ou levaria menos roupas na mala legal.

Jogando tudo no chão, reavaliou o que realmentprecisava e o que poderia deixar para trás. Precisava de tudo e mais. Parecia que a mala do Exército era a única solução.

Que nojeira, que humilhação! Tinha até um cheiro ruim.

Quando estavam terminando o jantar, sua mãe perguntou se tinha solucionado o problema da mala.

- É, murmurou, comendo uma garfada de ervilhas. Vou levar a mala verde.

- Acho que você ficará mais satisfeita. Ah! a propósito, chegou isso aqui para você. Tem alguma idéia do que seja?

A mãe pegou um papel de cima do balcão e o entregou a Cris. Era um aviso do correio dizendo que havia um pacote para Cris Miller com taxa a pagar. Não dizia quem era o remetente.

- Não sei, disse Cris, virando o papel e examinando o verso. Só diz que tenho de pagar cinquenta e sete centavos.

- Deixa eu ver. De quem é? perguntou David.

- Não sei. Eu não encomendei nada. Estou com todas as coisas de esqui da tia Marta.

- Deve ter o CEP de onde vem, disse o pai. Posso ver? Cris entregou-lhe o aviso, e ele explicou:

- Foi mandado de 96817. Tem de ser algum lugar aqui da costa oeste. Pensei que talvez sua avó lhe tivesse mandado alguma coisa, mas o código de endereçamento dela não começa com nove.

- Você pode pegar pra mim amanhã? perguntou Cris. Vou sair de viagem depois da escola e só poderia ir ao correio na segunda-feira.

- Claro. Deixe o papel num lugar bem visível.

Quem será que me mandou o pacote? E o que será que tem nele?

Dentro, Mas Por Fora

9

Foi quase impossível prestar atenção à aula do quinto período na quarta-feira. Os professores já estavam em clima de feriado e os alunos, quer tivessem planos para o final de semana prolongado ou não, conversavam sobre qualquer coisa, menos sobre estudo.

Quando o sinal tocou, terminando a aula, Cris correu para a sala dos professores, onde Katie já estava, pegando sua mala do monte.

- Já peguei sua mala, Cris. Lá perto do sofá. Você está com a bolsa de mão e o casaco?

- Meu casaco ainda está no armário. Vou correr até lá, guardar os livros e pegá-lo. Precisa de alguma coisa do seu armário?

- Estou pronta. Espero aqui.

Cris correu, atravessando a multidão de alunos, no corredor, surpresa de que seu coração estivesse batendo tão forte e depressa.

Achei que esse dia nunca chegaria. Pensei que alguma coisa aconteceria e acabaríamos não indo na excursão. Mas agora chegou a hora e eu vou - com a mala verde e tudo o mais. Melhor parar de ser covarde e aproveitar o máximo!

Fez os giros necessários no cadeado para passar pelo segredo dele e abriu-o. Pegou o casaco; enfiou os livros no armário e encontrou-se de novo com Katie na sala dos professores, tudo isso nuns cinco minutos.

Katie trazia a sacola nas costas, o casaco amarrado à cintura, a bolsa de mão pendurada no ombro e o saco de dormir debaixo do braço.

- O Prof. Riley disse pra gente levar as coisas para o furgão no estacionamento.

Você está com tudo pronto?

- Acho que sim.

Cris pegou sua mala do Exército e colocou a bolsa de mão a tiracolo. Com a outra mão pegou o saco de dormir e o casaco.

- Sem querer ofender, disse Katie, olhando a surrada mala verde-oliva do Exército, mas vocês não tinham outra mala em casa? Parece que vai a um acampamento de treinamento do Exército.

Na verdade, Cris se ofendeu com o comentário. Não por Katie ter falado, mas porque ela já estava quase convencida de que ela não era tão horrível assim e que ninguém iria notar. Todos os seus temores de sofrer rejeição por parte do clube de esqui voltaram, provavelmente com fundamento.

- Vamos embora, disse, passando pela Katie com um empurrão.

Talvez, se andassem depressa, o Prof. Riley colocaria as malas delas no furgão primeiro, e ninguém mais notaria.

Mas, quando chegaram ao estacionamento, viram que eram as últimas a entregar a bagagem. Para vergonha da Cris, sua mala foi colocada em cima de todas. Quando se fechou a porta do veículo só aparecia sua mala velha do Exército. Na verdade, ocupava todo o vidro de trás. Pior é que na noite passada seu pai tinha resolvido marcá-la para ela, como se mais alguém fosse aparecer com mala igual. Ele escreveu, com marcador preto, MILLER, em letras enormes ao lado. Claro que era o lado que dava para fora. Não só a escola inteira saberia que a Cris Miller era a dona daquela mala velha horrorosa, mas todo mundo que passasse por eles de carro no caminho todo até o lago Tahoe também saberia.

Todos já tinham tomado seus lugares dentro do furgão. Cris e Katie se acomodaram em dois lugares apertados no banco logo atrás do motorista. Na verdade não era um lugar legal para se sentar. Cris ficou perto da janela, sentindo que todos os olhos estavam nela.

Uma coisa era assistir a uma reunião do clube de esqui com o pessoal todo espalhado pela sala de aula. Lá não tinha importância ninguém saber seu nome nem ligar para ela. Mas aqui, enfiada no furgão com essas pessoas, sabendo que estariam se espremendo uns contra os outros nos próximos quatro dias, era outra coisa.

O rosto quente pela vergonha e pela grossa blusa de esqui que vestia, Cris tentou abrir o vidro do seu lado. Apertou e empurrou, mas nada aconteceu. Katie se inclinou e soltou a trave num instante. O vidro abriu-se facilmente, e, com uma voz vigorosa, Katie disse:

- Tem de ser mais inteligente do que a janela, Miller.

Cris fitou com ferocidade a amiga repentinamente traiçoeira, e continuou mandando-lhe seus dardos visuais até que ela percebesse que seu comentário a tinha ofendido. Já era ruim ter acontecido ali, entre todos esses estranhos, mas Cris também ficou sem saber por que de repente Katie a chamou "Miller". Seria para que todos soubessem que a monstruosa mala verde era sua?

- Ei! Brincadeirinha! disse Katie. Fica fria, Cris! Você não vai me deixar, vai?

O que você está fazendo, Katie? Por que toda essa gíria de repente? F.stá tentando mostrar a essa gente que você é radical e eu não?

Naquele instante, o Prof. Riley sentou-se no lugar do motorista, e sua esposa, loira, com jeito de atleta, sentou-se ao seu lado no lugar de passageiro da frente.

- Ei, Donald, preciso do seu formulário de autorização médica! gritou ele para o fundo do furgão.

- Puxa! Esqueci no meu armário da escola. Vou buscar. Já volto, disse Donald e levantou-se do seu lugar privilegiado.

- Vai depressa, Donald. Não é justo você fazer o resto da turma esperar.

A esposa do professor se apresentou a Katie e Cris.

- Meu nome é Janet. Sei que meu marido quer que todos continuem tratando-o de

Prof. Riley, mas prefiro ser chamada pelo primeiro nome: Janet.

Ela parecia muito legal, e Cris sentiu-se aliviada por ser a líder feminina tão acessível.

- Vocês já foram ao lago Tahoe? É tão lindo!

Por alguma razão Cris acrescentou:

- A Katie nunca viu neve.

Parecia uma pontada de lança, e Cris percebeu que dissera isso para se vingar da Katie, pelos comentários que fizera sobre ela.

Mas Katie pareceu não se importar. Sem nenhuma vergonha admitiu que nunca vira neve e começou a pedir a Janet muitos conselhos sobre esquiar.

Donald voltou com o formulário médico. O Prof. Riley ligou o furgão, e daí a pouco estavam a caminho. Nos primeiros quarenta e cinco minutos, Cris ficou a olhar para fora da janela, enquanto escutava a conversa de Katie com o Sr. e a Sr.a Riley. Conversavam como se fossem velhos amigos. O cara sentado do outro lado da Katie tinha virado para trás e conversava com a garota que se encontrava atrás dele. O resto do grupo se acomodou nas suas conversas e agrupamentos naturais.

Os três rapazes "radicais" tomaram conta do banco de trás do furgão. Eram todos populares e o Donald parecia o líder do grupo. Já estavam de óculos de sol de esquiador e se esticaram no banco de trás, conversando alto, lembrando o vento que tinham pego em certas corridas de esqui no vale Squaw. Donald disse que um ano havia tanta neve, que ele chegou a esquiar ali no dia quatro de julho.* Ninguém o questionou nem perguntou se era mesmo verdade toda essa experiência que ele contava. Donald e os outros rapazes trouxeram os seus próprios esquis e o restante do equipamento. Todo esse material caríssimo estava amarrado no bagageiro em cima do carro.

* Quatro de julho: dia da independência dos Estados Unidos. Acontece no meio do

verão, época de muito calor. (N. da T.)

Na frente dos rapazes estavam as moças ricas. Eram três, e todas tinham o cabelo do mesmo jeito: na altura do ombro, com permanente, suporte e tratamento de "luzes" aloiradas. Todas tinham a dentição correta, os dentes alvos, a pele perfeita. Cris não sabia o nome delas, mas imaginou que todas deviam ter o mesmo tipo de nome também.

No banco do meio, havia um casal de namorados e uma garota de nome Julie, que parecia prestes a formar um par romântico com o sujeito sentado ao lado da Katie.

Não precisava ser um gênio para perceber que Katie e Cris eram as sobras. Gozado como uma pessoa podia estar "dentro" do grupo e ainda se sentir tão "por fora" dele!

Viajaram horas, e Cris dormiu um bom pedaço. O casaco acabou se tornando um bom travesseiro contra o vidro fechado do furgão. Estava arrependida de ter vindo. Com a Katie tratando-a do jeito como vinha fazendo, Cris não estava nada satisfeita com a idéia de passar mais quatro dias em companhia dela.

Estava escuro quando pararam para jantar. Cris saiu cambaleando e viu que estavam no Jacques Café, um restaurante pequeno num vilarejo. Alguém perguntou por que não tinham ido até ao Bishop para jantar.

- Esta é nossa parada tradicional, replicou o Prof. Riley. A comida é excelente e sempre gosto de trazer freguesia para o Jaque. Em frente, pessoal!

O grupo entrou e esperou para ser conduzido ao lugar de sentar. A recepcionista indicou-lhes três mesas grandes. Todo mundo se apressou. Katie sentou-se ao lado de Janet na mesa com o Prof. Riley e os três rapazes populares. Antes que Cris pudesse se enfiar num canto, os lugares foram todos tomados.

Na outra mesa havia os dois casais, e ela não estava disposta a segurar vela para os quatro. Só sobrou um lugar, com as três garotas ricas.

- Posso sentar aqui? perguntou à da ponta, esperando ser rejeitada, ou pelo menos

um olhar de desprezo. Para sua surpresa, a outra replicou.

- Claro, Cris!

Abrindo espaço para Cris, apresentou-a às amigas e em seguida, fez as apresentações para ela.

- Meu nome é Shannon e esta é Jennifer, e ela é Tiffany.

Cris ficou surpresa pela amabilidade repentina das três. Ao mesmo tempo, porém, desconfiou da rápida disposição delas de aceitá-la no grupo.

- Sabe, disse Shannon, entregando a Cris um cardápio, faz tempo que eu queria lhe dizer uma coisa e acho que agora é a oportunidade perfeita.

Cris ficou ainda mais surpresa. Essa garota não somente sabia seu nome como também tinha algo a dizer-lhe.

- Achei que o que você fez no ano passado na assembleia final da escola, quando abriu mão do seu lugar de líder de torcida em favor da Teri Moreno, foi impressionante, disse Shannon. Sempre quis lhe falar sobre isso, mas não a conhecia e você está sempre andando com aquela garota que foi mascote.

Jennifer e Tiffany riram-se por trás dos cardápios, e uma delas murmurou:

- Parece que, se a pessoa não tem tarimba para ser líder de torcida, pelo menos pode ser mascote.

- Assim se pode esconder numa fantasia de cougar*, e, se levar uns tombos no campo de futebol, todo mundo pensará que caiu de propósito.

*Cougar: um tipo de felino, semlhante ao puma, nativo dos Estados Unidos. Na Séria Cris, é o animal do Colégio Kelly High, onde estuda a personagem. (N. Da T.)

Cris não deu risadas com elas. Abriu o cardápio e olhou por longo tempo, querendo organizar os pensamentos. Doía-lhe ver as colegas gozando da Katie, mas no momento ainda estava meio zangada com a amiga. Impressionante era que as moças notaram a Cris

e a aceitaram no grupo.

Talvez essa seja mesmo uma viagem missionária, como disse a Katie. Se essas garotas estão dispostas a ser amigas, talvez eu possa falar-lhes de Cristo. Pode ser que tudo isso seja uma coisa de Deus, como diria a Katie. E se ela apenas pudesse me apoiar um pouco aqui...

Quando veio a garçonete, as três amigas pediram sanduíche de frango. Cris foi a última a fazer seu pedido. Tencionava pedir um hambúrguer e fritas, mas no último instante disse à garçonete que queria o mesmo.

- Maionese também, como as outras?

- Sim, está ótimo.

As meninas sorriram para Cris, que se sentia como se tivesse passado por alguma espécie de iniciação secreta para ser aceita entre elas. Seria a maionese ou o sanduíche de frango?

Covarde, pensou Cris. É isso que eu sou!

Durante a refeição, as três incluíram a Cris na conversa e deram-lhe dicas sobre como esquiar. Todas tinham aprendido o esporte quando eram pequeninas e pareciam bastante experientes, mas não estavam sendo chatas. Disseram inúmeras vezes a Cris que ela iria se divertir muito.

Antes que terminasse a refeição, Cris começou a acreditar nelas.

Bem Juntinho e Aconchegante!

10

Passava de meia-noite quando o furgão parou em frente de um prédio de apartamentos às margens do lago Tahoe.

- Escute aqui pessoal! Disse o Prof. Riley, desligando o motor e acendendo a luz. Vamos ficar nos apartamentos quatro e cinco. As garotas ficarão no quatro e os rapazes no cinco. Cada um pegue suas coisas e depois vocês, rapazes, voltem para cá e me ajudem a levar as caixas térmicas que estão em cima do furgão.

Ainda apertando os olhos por causa da claridade repentina, Cris desceu do veículo e tropeçou na entrada de cascalho. A primeira coisa que notou foi a camada branca de neve que cobria o chão na frente do prédio. A área de estacionamento e as calçadas estavam limpas, mas tudo mais sob a luz das lâmpadas da rua parecia recoberto de glacê branco.

- Neve! gritou Katie. Olhe aí!

Pegou um punhado e jogou-o para o ar, soltinho como pó.

- Viva! gritou de novo, formando uma bola de neve com a mão fechada.

As três garotas estavam próximas de Cris atrás do carro, e uma delas perguntou:

- O que é que ela tem?

- Nunca tinha visto neve.

- Nunca?

- Não. Esta é a primeira vez.

As moças se entreolharam como se houvessem sacado algo, e Cris percebeu o que estavam pensando. Katie não era rica como elas. Não viajava, nem usava apenas roupas de marcas famosas. Estava claro que não era "do seu meio social".

Não entendia por que aceitavam a ela própria, Cris. Será que era porque ela havia renunciado a ser líder de torcida, ou seria outra coisa?

Vestiu o casaco, cônscia do frio que parecia subir pelas pernas. Era uma sensação que ela conhecera bem em Wisconsin, mas da qual não tinha muita saudades desde que mudara para a Califórnia. Detestava ficar com os pés gelados.

Donald começou a entregar as malas, e, como a de Cris foi a primeira a sair, ela pensou: Se essas meninas pensam que eu sou do quilate delas, esta velha mala do Exército vai esclarecer tudo direitinho.

- É a sua mala? perguntou Tiffany, surpresa.

Ai! Agora vem! Bem, a popularidade foi boa enquanto durou...

- Sim, é a minha.

- Onde você arranjou? perguntou Tiffany, tocando nela como quem procura uma prova da sua autenticidade. Procurei uma dessas em todos os brechós, no Exército de Salvação, nas pontas de estoque do Exército e da Marinha, e ninguém tinha mais.

Cris achou que Tiffany estivesse gozando sua cara e ia ficar chateada, quando notou que as outras duas olhavam a peça com a mesma admiração. Nenhuma tinha ar de deboche.

- Eu... peguei na minha casa. Era do meu pai. Nem sei onde ele arranjou isso.

- Que menina de sorte! disse Tiffany com ar de sinceridade. Eu só consegui um par de botas do Exército. Minha mãe mandou impermeabilizá-las e colocar sola nova para esta excursão. Estão na minha mala; eu lhe mostro quando entrarmos. Você vai dormir no nosso quarto, não vai?

Cris nem quis acreditar no que ouvia. Aquelas jovens estavam falando sério. Aparentemente, equipamento antigo do Exército estava "na moda", e ela nem sabia. Por que uma menina tão rica, que poderia comprar qualquer tipo de bota no shopping, iria pro-

curar um calçado antigo em loja de artigos de segunda mão e mandar arrumá-lo? Cris tinha muito que aprender sobre essas garotas. Janet conduziu as sete garotas para o apartamento dúplex e acendeu as luzes. Era bem mais espaçoso do que Cris pensara. Havia três quartos, cada um com banheiro, e no andar de cima uma sala e cozinha com vista para o lago.

- É enorme! exclamou Katie. Onde você quer que a gente fique, Janet?

- Se vocês não se importarem, eu vou ficar com o quarto menor lá de cima. Só tem uma cama de casal. Estes dois quartos do andar de baixo têm quatro camas cada um, portanto com bastante espaço para vocês todas.

- Vamos ficar com este, disse Katie, preparando-se para jogar suas tralhas no quarto mais próximo.

- Já está ocupado, disse Tiffany. Jennifer e Shannon passaram por ela e jogaram suas malas no chão, reforçando assim a declaração de Tiffany.

Cris sentia-se como lacerada ao meio. Conseguira avançar bastante no relacionamento com as três riquinhas, e havia uma cama a mais no quarto. Inclusive, haviam-na convidado ajuntar-se a elas. Era uma oportunidade perfeita para testemunhar. Mas, afinal de contas, a razão por que concordara em fazer o passeio era dar uma força a Katie.

- É melhor eu ir para o outro quarto, disse baixinho às meninas. Eu e Katie planejamos esta viagem juntas, sabe?

- Bem, se mudar de idéia, pode vir para o nosso quarto a qualquer hora, disse Shannon.

Cris começou a levar suas coisas pelo corredor.

- Ei! chamou Tiffany. Logo que você acabar de colocar as coisas no lugar, venha aqui para eu lhe mostrar minhas botas.

- Tudo bem, concordou Cris.

Sentia-se uma traidora, mas era difícil saber a quem estava traindo.

- Olhe! exclamou Katie quando Cris entrou no quarto. Bicamas! Quer ficar na de cima ou na de baixo?

- Para mim não importa. Qual você quer?

As outras garotas entraram; seus namorados carregavam a bagagem. Disseram "Olá!", puseram as malas no chão e saíram com os rapazes.

- Aposto que não veremos muito essas duas neste final de semana, disse Katie. Eu fico com a de baixo. Você pode ncar com a de cima.

- Eu não me importo se ficar com a de baixo. Além do mais, dá para erguê-la para que fique no mesmo nível da outra.

- Não, assim está ótimo. Verdade.

- Cris! gritou alguém do final do corredor. Você vem?

Katie lançou um olhar de dúvida para Cris.

- A Tiffany quer me mostrar as botas dela, explicou.

- Então vamos lá! falou Katie e foi saindo para o corredor, como se tivesse sido convidada também.

Tenho um pressentimento horrível sobre isso...

- Katie, disse Cris, segurando o ombro da amiga e puxando-a de volta para o quarto. Lembra que algumas semanas atrás, no estudo bíblico, você disse que este passeio seria uma espécie de viagem missionária para nós?

Falava baixinho, esperando que Katie fosse sensível ao que desejava transmitir.

- Ah! exclamou Katie, meneando a cabeça afirmativamente. Certo! Você acha que essas três podem ser as pessoas para quem temos de testemunhar?

- Acredito que sim, disse Cris, mantendo a voz baixa. Sabe, acho que devemos estar

preparadas para alguma hostilidade ou coisa parecida. E não levar como afronta pessoal.

- Boa dica. Conheço essas garotas e, às vezes, elas são bem ferinas. Ainda bem que você sabe disso também, porque seria horrível se elas ferissem os seus sentimentos logo na primeira noite.

Meus sentimentos, Katie! Se estou tentando proteger os seus...

Katie já marchava pelo corredor como se fosse uma cruzada.

A Cris só restava segui-la. Como esperava, quando se aproximaram do quarto, as três meninas lançaram a Katie um olhar que dizia: "O que é que você veio fazer aqui?" Mas Katie parecia cega.

- São essas as suas botas? disse Cris depressa, esperando afastar de Katie a atenção das garotas.

Abaixou-se e pegou um dos fósseis pesadões.

- E servem em você? indagou.

- Fica um pouco grande. Mas assim posso calçar com minhas meias de lã. O que você vai vestir amanhã?

Cris notou que as três tinham virado as costas para Katie e se acercavam dela. Ficou nervosa, sentindo-se examinada. Era o centro das atenções, mas não de forma agradável.

- Bem, hã... acho que roupa de esquiar. Vamos esquiar bem cedinho, não é?

- Às seis e meia da madruga, disse Katie. As três ignoraram-na.

- Seis e meia, repetiu Cris. Puxa, é cedo! Melhor a gente dormir um pouco. Acho que vou arrumar meu saco de dormir.

Afastou-se devagar do casulo que se formara ao seu redor e foi caminhando em direção à porta.

- Meninas? chamou Janet, descendo as escadas. Estou com tudo aí para prepararmos os lanches de amanhã. Vocês podem vir me ajudar?

- Claro, respondeu Cris, ansiosa para sair dali. O que quer que façamos?

Katie foi junto, subindo dois degraus de cada vez. As outras seguiram devagar.

Janet explicou o sistema que arrumara no balcão da cozinha.

- Cada um terá um sanduíche. Vamos tentar fazer dois sanduíches com cada pacote de frios.

- Eu não como carne industrializada, disse Tiffany, os braços cruzados.

- Lembrei-me do ano passado, Tiffany. Trouxe Amendocrem e geléia especialmente para você. A garota fez uma careta. Janet continuou dando instruções.

- Temos que preparar um total de quatorze lanches. Aqui tem uma caneta hidrográfica para colocar os nomes. No final do balcão, perto dos saquinhos, tem uma caixa de maçãs. Aqui estão os biscoitos, e tem refrigerantes na caixa térmica. Alguma pergunta?

- Vamos fazer uma linha de montagem, sugeriu Katie. Eu começo aqui, passando a maionese no pão. Cris, qur tal ser a distribuidora da carne e ir colocando os frios?

- A distribuidora da carne, remedou Shannon.

As três garotas riram-se.

Cris tomou o lugar e, corajosamente, disse:

- Está bem, vamos fazer a distribuição da carne.

Com má vontade, as outras três começaram a escrever os nomes nos saquinhos e a colocar em sacos plásticos.

Katie tentou abrir o vidro de maionese. A tampa estava emperrada, e ela fez muita força, mas não conseguia. Shannon veio ver o que estava atrasando a linha de montagem.

- Me dá aqui, disse.

Enfiou sua unha acrílica no lacre de plástico e rasgou-o. No mesmo instante, a tampa saiu, devido à variação da altitude. Uma golfada de maionese espirrou, sujando o rosto e a

camisa de Katie.

Era uma cena de dar gargalhadas e, sem pensar, Cris disse:

- Tem de ser mais inteligente que o vidro de maionese, Katie.

Todas as meninas romperam em gargalhada, enquanto Katie procurava toalhas de papel para limpar o rosto.

Por que eu disse isso? De onde me veio essa idéia? Eu não devia humilhá-la na frente dessas garotas!

As meninas riram-se mais do que merecia a piada. Pela expressão da Katie, Cris compreendeu que a ofendera. Então se pôs a trabalhar em silêncio, colocando os frios em cada sanduíche.

Os lanches ficaram prontos em meio a muita conversa e instruções não solicitadas, por parte dos rapazes, que apareceram de repente e começaram a dar ordens especiais sobre seus sanduíches. Cris continuou calada, com medo de que sua língua soltasse mais algum comentário inconveniente antes da noite acabar.

Ao que parece, Janet pensou que o silêncio de Cris era devido ao deboche dos rapazes, porque se aproximou e cochichou-lhe:

- Amanhã eles é que farão os sanduíches, e você se vinga dando ordens para eles.

Cris sorriu, deixando que ela pensasse ser essa a razão do seu silêncio. Terminou sua parte e saiu do grupo para ir ao quarto preparar-se para dormir. Katie entrou uns dez minutos mais tarde, e estendeu em silêncio seu saco de dormir.

- Katie? disse Cris, já de moletom, com o cabelo preso para trás e rosto lavado. Katie, me perdoe por aquilo. Eu não devia ter falado.

- Tudo bem, replicou a outra sem levantar os olhos. Não se preocupe. Eu mereci.

- Mesmo assim eu não tinha direito de dizer aquilo, e estou arrependida. Por favor, me perdoe?

Katie ergueu a vista lentamente. Um sorriso forçado iluminou-lhe o rosto.

- Claro que a perdoo. Não pense mais nisso.

Provavelmente, Cris teria ficado acordada um bom pedaço de tempo, pensando na situação, mas estava tão cansada, que, no momento em que encostou a cabeça no travesseiro, ela já viajava noutro mundo.

Um despertador indiscreto assustou-a. Correu os olhos pelo quarto às escuras. Levou um tempo para se lembrar de onde estava.

- São cinco e meia, gente! anunciou Julie da outra cama. Quem quer tomar banho primeiro?

- Eu sou a segunda, murmurou Katie. Quero dormir mais cinco minutos.

- Eu vou! ofereceu-se Cris, percebendo que talvez fosse esta sua única chance, com tanta gente para se arrumar.

Tinha a sensação de que a cabeça estava cheia de algodão. Os ruídos típicos da manhã pareciam ecoar dentro dela. Foi rápida no chuveiro e tentou sê-lo também com o secador de cabelo, porque temia que o ruído do aparelho acordasse o prédio inteiro. Embrulhada numa toalha, voltou ao quarto escuro e evitou tropeçar na Katie ao procurar a mala.

- Já terminou? murmurou Katie.

- É todo seu, cochichou Cris. Se importa se eu acender a luz?

- Pode acender, disse Julie ainda na cama. Temos de levantar mesmo.

E, virando-se para Katie, acrescentou:

- Espero que você seja tão rápida quanto sua amiga.

Cris acendeu a luz, mas logo se sentiu desajeitada ali de pé, só de toalha, com as outras garotas ainda na cama, olhando para ela. Tirou da mala um dos novos conjuntos de esqui. A calça preta e o casaco rosa e preto. Quando Katie voltou do banho, já estava totalmente vestida, pronta para sair.

As outras garotas também tomaram o seu chuveiro. Katie sugeriu que ela e Cris ajudassem a preparar o café da manhã, já que estavam mais adiantadas do que as outras.

Em cima, encontraram o Prof. Riley e a esposa colocando a mesa. No fogão, a chaleira apitava.

- Bom dia, madrugadoras! disse o Prof. Riley. Vou ver sr os rapazes estão prontos. Você duas podem se servir de mingau de aveia.

- Tem suco e rosquinha também, acrescentou Janet. E chocolate e cider* de maça quentinhos, se quiserem aquecer o estômago antes de enfrentar o frio lá fora.

* Cider. suco de maçã, servido quente no inverno. (N. da T.)

Vinte minutos depois, todo mundo já comparecera à mesa do café. Alguns comeram, outros só pegaram seu lanche e enfiaram uma rosquinha entre os dentes ao correr para o furgão.

Sem dúvida, fazia frio. Só depois de oito tentativas o motor do veículo pegou. Todo mundo se encolheu nos bancos frios de vinil, esfregando as mãos e expirando grandes tufos de vapor, que mais pareciam fumaça.

Cris verificou na bolsa se levava os óculos de neve, creme umectante para os lábios e a carteira. Descobriu que tinha tudo, menos coragem. Achou que, tendo chegado até ali, a adrenalina daria um impulso e ela tomaria coragem e ousadia. Mas só sentia frio e nervosismo.

- Você está uma gracinha, comentou Shannon atrás de Cris. Adorei seu conjunto.

- Obrigada!

Então, como se Katie não estivesse ali, Shannon acrescentou:

- E a Katie deve estar usando mais um dos seus conjuntos. Achei linda a blusa.

Cris olhou para a Katie e de volta para a Shannon. Só podia dizer um fraco "obrigada".

Na meia hora seguinte, Cris imaginou várias cenas. Disse a si mesma que muitas pessoas esquiam o tempo todo e nem todas quebram a perna ou braço. E algumas devem até mesmo gostar de esquiar, porque, aparentemente, voltam todos os anos. Se começasse a ir depressa demais, sempre podia se sentar no chão. Parecia uma técnica segura. Afinal de contas, qual o perigo de aprender a esquiar?

Até ela e Katie se arrumarem, calçando as botas e pegando os esquis e as varas, já eram quase nove horas: a hora de começar a aula. Elas eram as únicas do grupo que ainda iriam aprender. Cris ficou satisfeita pelos momentos que estaria a sós com Katie, sem a pressão das outras meninas.

As duas tomaram o teleférico e foram até o local onde estariam os instrutores. Seguindo as placas de orientação, chegaram onde o grupo se encontrava, junto a uma encosta suave.

O sol rompera através das nuvens, e tudo tinha um brilho fortíssimo com o reflexo da luz sobre a neve. As garotas saíram caminhando, cada uma carregando seus esquis, ouvindo a neve ranger sob seus pés. Ali havia mais nove alunos, de várias idades, tipos e tamanhos.

- Olá, vocês duas! gritou uma voz do bondinho que passava no alto. Divirtam-se!

Olharam para cima e viram o Prof. Riley com a esposa a caminho do cume da montanha, já calçando os esquis, balançando na cadeira de madeira.

Cris acenou para eles. Katie, procurando os óculos para proteger-se dos raios fulgurantes do sol, perguntou:

- Era a Janet?

Cris fez que sim e perguntou:

- Você acha que aprenderemos mesmo e criaremos coragem para subir numa daquelas geringonças até lá em cima?

- Estou contando com isso. E aí, cadê nosso instrutor de esqui?

- Aqui mesmo, ressoou uma voz profunda atrás delas. Voltaram a cabeça e avistaram um moço alto, bronzeado, o tipo de instrutor ideal com que toda garota sonhava.

- Talvez eu não precise ter tanta pressa em terminar o curso, cochichou Katie.

- Meu nome é Dawson, disse o rapaz para o grupo de novatos. Serei o instrutor hoje. A primeira coisa que precisam aprender é a colocar os seus esquis.

Cris pensara que iria ser um procedimento simples, mas acabou sendo bastante complicado. Todos na turma fizeram pelo menos quatro tentativas antes de conseguir colocar os esquis corretamente. Segurando as varas de equilíbrio, a classe esperou as instruções seguintes.

Dawson começou mostrando como faziam para parar. Demonstrou como se posicionava os esquis em forma de cunha, como se equilibrava e como enterrava as varas na neve para maior apoio. Em seguida, a classe aprendeu a subir o morro de lado. Todos começaram a praticar.

- Até aqui, tudo bem, disse Cris a Katie.

- Não sei de você, disse Katie, mas acho que talvez eu precise de uma aula particular depois desta. Sabe, bem junto e aconchegante!

- Excelente! exclamou Dawson. Parem todos onde estão! Agora tentem dar meia-volta, mantendo a posição dos esquis em forma de cunha. Lembrem-se, equilíbrio. Permaneçam firmes.

Cris ergueu um esqui e o colocou de novo no chão. Mas acabou pisando em cima do outro. Ergueu de novo o pé direito e endireitou o esqui. Tentou erguer o pé esquerdo. No momento em que fez isso, o esqui direito começou a deslizar para a frente. Pôs depressa o pé esquerdo para baixo. Agora os dois esquis começavam a se mexer, ambos apontando para baixo, na direção de Dawson.

- Socorro! Me segura, Katie!

Katie estendeu a mão para a frente, tentando agarrar a perna dela, mas não conseguiu. A ponta da vara é que tocou nela, rasgando a calça nova da amiga.

Cris continuou descendo o morro, e a velocidade aumentando.

- Enterre as varas! Faça uma cunha com os pés! gritou Dawson.

Ela tentou tudo ao mesmo tempo, mas, apavorada, perdeu o senso de equilíbrio. Gritando, lançou-se para a frente, agitando os braços numa velocidade incontrolável, até trombar com o Dawson.

Parecia, inicialmente, que o pé firme do instrutor bastaria para deter a queda. Mas o problema era que os esquis de Cris deslizaram entre as pernas dele, que estavam plantadas em formato de A. Embora a parte superior do corpo tivesse parado, as pernas continuaram deslizando, levando-a junto. No momento em que ela ia passar debaixo das pernas dele e escorregar morro abaixo, de costas, Dawson pegou-a pelos braços e puxou-a, colocando-a de pé.

- Você está bem? perguntou, amparando-a nos braços, o rosto próximo ao dela.

- Aaacho que sim!

- Ei, Cris! gritou uma voz de cima do bondinho. Cris ergueu os olhos e viu Shannon agitando a máquina fotográfica, a gritar:

- Consegui capturar esse lance todo no filme!

Dawson deu um sorriso.

Cris retribuiu, sorrindo nervosa.

- Desculpe.

- Não tem problema. Agora vou soltar você e dar um passo ao lado. Tente andar de lado e voltar lá onde o resto da turma está. Acha que consegue?

Mais uma vez Cris deu uma risada nervosa e disse a única coisa que veio à cabeça:

- Acho que tenho de ser mais inteligente do que os esquis, não é mesmo?

- Você está indo muito bem, disse Dawson, sem rir da sua piada boba. Agora, tente lembrar de se equilibrar. Aí! É assim que se vai. Está conseguindo.

Cris subiu o morro de lado, com o resto da classe a olhá-la. Quando conseguiu se colocar na fila, atrás da Katie, esta disse-lhe:

- Atrevida!

- Não fiz de propósito! Você sabe!

- Você nunca me convencerá disso, sua ladra de instrutor de esqui, malandrinha!

- Ei, sirva-se à vontade! Ele é todo seu! falou Cris, devolvendo o gracejo. Tente o mesmo que eu tentei. Se você gosta de bater de frente numa parede de tijolos a toda velocidade, com todo mundo olhando, a minha técnica dá certo!

- Talvez eu espere até a hora do almoço para ver se ele quer me fazer companhia e comer biscoitos e tomar chocolate. O que acha? Será que ele gosta de biscoitos, ou de maçã?

Cris ajustou os óculos e passou a mão no nariz dolorido.

- Tijolos. Ele parece o tipo que gosta de tijolos e cimento. Acredite, estou falando do ponto de vista juntinho e aconchegante. Esse cara come tijolos.

Um Pouco de Antisséptico Bucal Ajuda Muito!

11

Antes do almoço, Dawson já tinha desaparecido e Cris e Katie estavam por conta própria com seu lanche e as xícaras de chocolate quente. Depois de tirar os esquis e calcar, firmes, as botas no chão, foram para uma mesa de piquenique e comentaram os eventos da manhã..

- Posso dizer que você foi a coelhinha de neve mais engraçada que já vi? perguntou Katie.

- Mas você ajudou muito. Tentando me arpoar com sua vara de esqui! replicou Cris, passando o dedo no rasgão da calça de esqui. A finalidade das varas é equilibrar-se, não espetar o próximo.

Katie riu-se e disse:

- Você devia ver a cara do Dawson quando você estava prestes a trombar com ele! Você viu?

- Não, eu estava preocupada em ficar na posição de "cunha", e depois só pude examinar o ponto detalhado de tricô da blusa dele.

- Bem juntinho e aconchegante.

- Muito juntinho e aconchegante, repetiu Cris, rindo-se ainda. Eu me senti uma completa desastrada!

- É, e eu acho que você...

Cris interrompeu-a, concluindo:

- ... parecia uma completa desastrada!

- Como sabia que era isso que eu iria dizer?

- Uma suposição maluca.

- Imagino só a "chamada" hoje na TV: "Inocente instrutor de esqui fica aleijado pelo resto da vida por causa de uma aluna desastrada - no noticiário das onze."

As meninas riram-se até o ar gelado fazer com que as lágrimas ardessem.

- Tem de admitir que, para quem esquia pela primeira vez, não fomos tão mal assim.

- Nós não fornos mal?

- Está certo. Você não foi tão mal. E eu superei um monte de temores. Estou disposta a tentar de novo, depois do almoço.

- Vai ser fácil localizar o instrutor. É o cara que está com uma depressão na blusa com formato dos óculos de Cris, disse Katie. E as duas caíram de novo na gargalhada.

- É provável que ele saia correndo quando nos vir voltando!

- Quando ele vir você voltando para outra rodada. Eu, até agora, não tive nenhum encontro bem juntinho e aconchegante com o cara. Porém, o dia ainda não terminou!

- Somos uma dupla de gozadoras de primeira, disse Cris. De manhã eu o aterrorizo, na aula da tarde você o apavora. Pode até ser que nos dêem um instrutor novinho em folha amanhã, e a gente comece tudo de novo.

Quando Katie parou de rir, tirou o sanduíche do saquinho e disse:

- Nós devíamos pelo menos ter insistido que fosse de peru. Hoje é Dia de Ação de Graças,* não se lembra?

* O cardápio tradicional do Dia de Ação de Graças é peru assado, porque, quando os colonizadores deram o primeiro banquete (para o qual convidaram os índios), serviram peru, que haviam caçado. (N. da T.)

- É mesmo! Será que minha família já almoçou? Provavelmente, não. Nós sempre costumamos fazer uma longa caminhada enquanto o peru está assando. É estranho não

estar lá. Feliz Dia de Ação de Graças, Katie!

- O mesmo pra você. E obrigada por ter vindo comigo nesse passeio. Está sendo exatamente como eu imaginava uma excursão para esquiar.

- Katie, ainda não esquiamos.

- Tudo a seu tempo, Cris. Ainda faltam dois dias.

- Quantos instrutores de esqui teremos se eu continuar no mesmo índice de estrago?

Katie riu-se tanto, que quase se engasgou com o sanduíche.

Apesar de todas as brincadeiras, as duas foram bem na aula da tarde. Mas às 3:00 horas, Cris já estava a fim de entregar os esquis. Queria descansar as pernas doloridas.

Encontraram o grupo em volta do furgão às 4:30 e humildemente escutaram os outros contando casos empolgantes de suas descidas no "Expresso da Sibéria", lago Shirley e outras pistas mais perigosas. Por alguma razão, quando Cris anunciou que conseguira sua primeira descida na neve ninguém ficou muito empolgado.

O Prof. Riley levou-os a um restaurante mexicano, no lugar dos barcos, em Tahoe City, e o grupo esperou uns vinte minutos até conseguir uma mesa suficientemente comprida, que acomodasse a todos.

A batata frita, servida à farta, foi imediatamente devorada, e todo mundo pediu pratos completos. Cris ficou meio desligada da conversa. Sentada entre Katie e o Prof. Riley, ela achou mais fácil escutar a barulheira toda do que tentar entrar na conversa. Parecia que todo mundo estava se divertindo muito.

Ao voltarem para seus aposentos, não houve muita reclamação quando o Prof. Riley pediu que todos fossem dormir logo, de modo que já estivessem prontos para sair às 6:30 da manhã seguinte.

Cris se dirigiu para a cama, ansiosa para cair no travesseiro. Mas Shannon chamou-a ao outro quarto, onde as três garotas estavam sentadas no chão, tirando as botas e

massageando os pés.

- Queremos que você venha esquiar conosco amanhã, disse. Já combinamos tudo, e só a levaremos aos morros mais fáceis, enquanto você não estiver preparada para os mais difíceis.

- Eu creio que preciso continuar na aula de esqui, com a Katie amanhã. Ainda não estou muito boa.

- Está sim! Nós a vimos esquiando, e você tem tarimba para tentar um morro maior.

- É, vocês me viram mesmo! Trombando com o pobre do instrutor. A propósito, depois que você revelar, quero a foto e o negativo, hein!

- Espero que fique boa, disse Shannon, rindo. Foi muito engraçado!

- E então, você vem conosco amanhã? perguntou Jennifcr.

- É, talvez eu possa esquiar com vocês na parte da tarde. Amanhã vou à aula, e depois eu e a Katie iremos com vocês na parte da tarde.

- Não estávamos precisamente convidando a Katie, disse Tiffany. Pensamos que seria mais adequado só com você, porque formamos um grupo de quatro, o que facilita muito no bondinho...

- Acho que vou ter de ver como vão as coisas amanhã, respondeu Cris com cautela.

Não queria perder a oportunidade de ficar "por dentro" do grupo dessas garotas mas, ao mesmo tempo, não queria atrapalhar sua amizade com Katie depois que tinham passado um dia tão divertido.

- Está certo, concordou Shannon. A gente se encontra na lanchonete, depois da aula da manhã, e aí você nos fala.

Instantes depois, Cris começou a soluçar. A cada soluço sentia na boca um gosto de comida mexicana.

- Posso tomar água no seu banheiro?

- Claro! Fique à vontade.

Cris foi até a pia e bebeu da torneira, esperando deter o soluço. Notou um vidro de antisséptico bucal na pia e perguntou:

- Posso usar um pouco do seu antisséptico? Ouvi dizer que gargarejar às vezes ajuda a curar o soluço.

- Eu acho que... principiou Jennifer, mas Shannon a interrompeu.

- Tudo bem, disse Shannon. Não é nosso. Estava aqui quando chegamos, mas tenho certeza de que você pode usar.

Cris ouvia o murmúrio da conversa das amigas ao fundo. Pôs na boca um gole de antisséptico, pendendo a cabeça para trás, a gargarejar.

De repente, sentiu a garganta pegando fogo. A boca toda queimava. Tossiu e cuspiu fora o líquido. Encheu a boca de água fria para aliviar a queimação. Teve a impressão de que uma das garotas falou: "Eu não disse?"

Puxou uma toalha para enxugar o rosto, mas continuou tossindo. A boca ainda queimava.

- Que negócio é aquele?

As três se entreolharam. Tiffany saltou da cama.

- Por quê? O que aconteceu? indagou ela, encaminhando-se para o banheiro.

As outras a seguiram.

- Tentei gargarejar com esse negócio, mas minha boca toda parece que pegou fogo! explicou, tossindo ainda. Nunca provei um antisséptico com esse gosto antes.

- O que será? perguntou Tiffany. Abriu o vidro e cheirou o conteúdo.

- Não tem cheiro de nada. Talvez devamos pô-lo debaixo da pia, onde o encontramos, sugeriu Tiffany. As duas amigas concordaram.

- Deve estar muito velho, ou algo assim. Devíamos ter deixado lá.

Tiffany estava prestes a pôr de volta o vidro debaixo da pia, quando Katie apareceu.

- Ah, é aqui que você está! Estava sem saber aonde tinham ido.

Vendo o frasco na mão de Tiffany, Katie perguntou:

- Ah! Vocês estão dando uma festa de halitose e não me convidaram?

- Tem alguma coisa errada nisso, disse Cris. Usei um pouco e tive a sensação de que ia morrer sufocada.

- É mesmo? Deixa eu cheirar.

- Já cheiramos, disse Shannon depressa, íamos recolocar onde encontramos. Acho que não devia mexer com isso, Katie.

Sem titubear, Katie estendeu a mão e pegou o objeto da mão de Tiffany.

- Só vou cheirar, gente. Qual o problema?

Abriu a tampa branca e deu uma cheirada. Uuuummmm! Cheirou de novo.

Cris notou que Shannon e as outras moças se entreolhavam. Estava "na cara" que censuravam Katie. Afinal a garota enfiou o dedo no vidro e provou o líquido.

- Vodca! anunciou. Não é antisséptico bucal, nada! Alguém encheu esse vidro de vodca e acrescentou anilina de confeiteiro para dar a impressão de que era antisséptico.

Cris estava chocada. Shannon olhou para ela e perguntou:

- Quem faria uma coisa dessas? Estava aqui quando chegamos, não é, gente?

As outras concordaram, e Katie disse:

- Acho que devemos entregar o vidro a Janet agora mesmo.

- Boa idéia! falou Tiffany, agarrando o frasco e fechando a tampa. Eu levo pra ela.

- Vamos todas levar juntas, sugeriu Katie. Podemos ir agora mesmo.

- Podemos deixar pra mais tarde, disse Tiffany com firmeza. Os rapazes estão lá em cima, preparando os lanches pra amanhã e não quero causar um escândalo.

Cris achou o raciocínio legítimo, mas Katie não estava aceitando.

- E daí se os rapazes estão lá? Acho que devemos levar agora.

- Olha! disse Shannon em tom firme. Nós dissemos que vamos entregar, e vamos mesmo.

Jennifer interpôs-se entre Shannon e Katie e acrescentou:

- Katie, você não está entendendo. Você e Cris não vieram no ano passado. Nós três viemos. Sabe, no ano passado tivemos alguns problemas. Não queremos causar nenhum problema este ano.

- Que espécie de problemas? perguntou Katie.

- No ano passado, vieram vários casais de namorados, e o Prof . Riley descobriu que estavam saindo de fininho à noite para ficar juntos, se entende o que quero dizer.

- E que tem isso a ver com o fato de acharmos um frasco de vodca verde?

- Você não entendeu mesmo. No ano passado, o Prof. Riley descobriu o que estava acontecendo às 4:00 da madrugada. Então, acordou todo mundo, nos fez arrumar a bagagem e nos levou de volta pra casa depois de havermos esquiado um dia só. Estragou nosso passeio.

- Eu me lembro de ter ouvido falar disso.

- Está vendo, então? Se ele por um acaso pensasse que esta garrafa de vodca era nossa, podia cancelar o resto da excursão na mesma hora. Todo mundo ficaria superzangado conosco por fazermos um estardalhaço desses por nada.

- Acho que o melhor a fazer é nós mesmas despejá-lo no ralo e não falarmos mais nisso, sugeriu Shannon.

- Ótima idéia, concordou Tiffany, afastando as garotas para fora do banheiro com uma das mãos e segurando a garrafa com a outra. Se vocês me derem licença, preciso usar o banheiro.

E antes que dissessem mais alguma coisa, Tiffany já tinha empurrado todas para

fora, e agora elas estavam no quarto, olhando uma para a cara da outra.

- Não sei de vocês, disse Jennifer, mas eu estou morrendo de sono. Boa noite, Cris e Katie.

- Boa noite, disseram as duas, saindo ao corredor rumo ao seu quarto.

Katie acendeu a luz, e as duas garotas, que já estavam na cama, protestaram. Imediatamente, ela a apagou e as duas foram ao banheiro adjacente.

Uma vez lá dentro, e de porta fechada, Katie ligou a luz e cochichou:

- Eu sei que elas estão mentindo.

- Como é que você sabe?

- Eu sei. Foram elas que trouxeram a vodca. Tenho certeza!

- Disseram que a encontraram no armário quando chegaram, disse Cris. Se elas trouxeram, e era para ser um grande segredo, por que a deixariam em cima da pia?

- Porque clamufaram naquele vidro com o corante verde. Nunca esperariam que você fosse usar. Elas não hesitaram um pouco quando você abriu o vidro?

- Não me lembro. Disseram que iriam despejar e acho que devemos acreditar nelas e lhes dar um voto de confiança. Se não jogarem fora, aí a gente conta para a Janet. Eu não quero estragar todo o passeio por causa de um mal-entendido.

- Você confia demais, Cris. Você está só preocupada com sua preciosa reputação junto a essas garotas. Não é mesmo?

- O que você quer dizer?

- Quero dizer que você quer tanto que elas gostem de você que está disposta a acreditar numa mentira!

- Não estou! Estou disposta a dar-lhes o benefício da dúvida. Você julga demais: é esse o seu problema!

- Julgo demais, hein? explodiu Katie, fazendo bico.

Antes que Katie pudesse terminar, Cris colocou a mão no ombro da amiga e disse:

- Espere um pouco. Me desculpe. Eu retiro o que disse. Não quero brigar com você. Nunca brigamos assim antes, Katie, e não quero brigar agora.

Katie se acalmou, e seu rosto, que estava vermelho, voltou ao normal.

- Você tem razão. Não devíamos estar discutindo. O problema são essas meninas e não eu, nem você.

- Na verdade, disse Cris, respirando fundo e tentando se acalmar, acho que o problema é que devíamos estar testemunhando pra elas e acabamos deixando que elas nos separassem.

- Tem razão de novo, disse Katie, apagando todo o fogo dos olhos. Talvez você também esteja certa ao dizer que julgo demais. Eu tenho a tendência de dar opiniões rápidas e duras sobre as pessoas.

- Eu não devia ter dito nada. Me perdoe. E provavelmente você tem razão quando diz que eu confio demais. Tenho a tendência de ser meio inocente sobre as coisas. Quer dizer, quase bebi aquilo e me engasguei, mas nunca teria desconfiado que era vodca. Nunca provei nada desse tipo antes.

- Sabe, acho que tem um jeito de descobrirmos se elas estão falando a verdade ou não.

- Como?

Katie fechou um pouco os olhos verdes que ficaram como os de um gato.

- Escute, tenho um plano.

Traidora

12

Na manhã seguinte, Cris e suas colegas de quarto seguiram a mesma rotina do dia anterior. Depois que ela e Katie se aprontaram, foram para cima ajudar Janet a preparar o desjejum.

Os rapazes apareceram primeiro, seguidos pelas outras garotas. A cozinha estava alvoroçada com os preparativos do café e a organização do lanche que levariam.

Cris olhou direto para Katie, que estava do outro lado da cozinha, e fez-lhe um aceno. Katie saiu do grupo, desaparecendo no andar inferior.

- Já pegou seu lanche, Cris? perguntou Janet, distraindo-a dos pensamentos fixos.

- Não. Obrigada. Vou pegar.

- Tem mais um saquinho aqui, disse Janet, virando-o para ver o nome. Katie. Onde está a Katie?

- Eu levo pra ela.

Aparentemente, Shannon ouviu Janet perguntando pela Katie, e virou-se para Cris.

- Cadê a Katie? Desistiu de esquiar depois das aulas de ontem? Vai ficar na cama o dia todo?

- Não, disse Cris com o coração batendo forte. Ela já vem. Teve de descer por um instante.

Shannon virou-se, cochichou alguma coisa para a Tiffany, saltou da cadeira e desceu a escada.

Ah não! Katie, cuidado! A Shannon vai lhe pegar bisbilhotando!

Cris foi depressa para o lado da cozinha e ligou a tomada do triturador de lixo. A conversa cessou imediatamente, e todos se viraram para ela.

- Êpa! liguei o interruptor errado.

Naquele instante Katie apareceu no topo da escada, correndo a vista em derredor, procurando Janet. Fazendo sinal para que Cris a seguisse, Katie foi até onde Janet se encontrava, sentada à mesa, e abaixou-se para dizer-lhe alguma coisa em particular.

Janet levantou-se e foi com ela até o seu quarto. Cris esperou que passassem por ela e seguiu-as, mantendo-se atenta a Tiffany e Jennifer, que permaneciam sentadas à mesa, observando os movimentos de Katie.

No momento em que Cris entrava no quarto de Janet, notou que Tiffany e Jennifer desceram as escadas. Janet fechou a porta e Katie, sem fôlego, começou a falar. Parecia uma espiã que acabara de voltar de uma missão secreta bem-sucedida.

- Achei, disse à Cris. E eu estava certa. Elas não esvaziaram o vidro. Não estava debaixo da pia. Foi por isso que demorei pra achar. Mas entendi o seu sinal. Obrigada!

Janet interrompeu.

- Você se importa de voltar atrás um pouco e me explicar o que está acontecendo? Parece que perdi alguma coisa.

Katie falava depressa, gesticulando com as mãos e fazendo caretas apropriadas. Explicou que as "garotas riquinhas" estavam com um vidro de vodca no quarto, e que, mesmo tendo dito que iam jogar fora, a garrafa ainda estava lá hoje de manhã.

- Então você achou a garrafa em cima da pia?

- Não; estava no boxe do chuveiro. Quase não achei, mas quando a Cris ligou o triturador de lixo, compreendi que era o sinal de que alguém vinha vindo. Virei-me bem depressa e vi através da porta do boxe. Quase não consegui sair antes da Shannon chegar!

- Por que não me disseram ontem à noite?

- Elas falaram que iam despejar no ralo, e eu acreditei, disse Cris.

Katie fez uma expressão tipo "eu-não-te-disse?"

- Não podemos deixar que isso passe de liso, disse Janet, principalmente depois do que aconteceu no ano passado. Vocês fiquem aqui. Vou chamar meu marido, e traremos as outras garotas também.

Cris ficou sentada na beira da cama, com a Katie ao seu lado. As mãos tremiam, e sentia que a garganta ia fechar de todo. Detestava encontrar-se em situações desse tipo. Por que as outras não haviam cumprido a palavra e despejaram aquela coisa? Será que era delas mesmo o vidro de vodca camuflado? Katie estaria certa sobre elas?

O Prof. Rüey entrou no quarto com Janet e as garotas, e fechou a porta. As três amigas também se sentaram na cama. Cris olhava para as mãos cruzadas no colo, não querendo fitar ninguém.

- Katie disse que vocês tinham uma garrafa de vodca no quarto ontem à noite. O que vocês têm a dizer sobre isso?

Shannon, com jeito inocente e parecendo ofendida pela acusação, disse:

- Era um vidro de antisséptico bucal que encontramos embaixo da pia. Cris tomou um pouco e ficou tossindo; aí a Katie entrou no nosso banheiro e disse que era vodca com anilina verde.

- E era?

- Como é que eu ia saber? Eu não provei, disse Shannon.

- Onde está o vidro agora?

- Despejamos e jogamos fora o vidro ontem à noite. Não queríamos nenhum mal-entendido como do ano passado.

- Isso não é verdade! explodiu Katie. A garrafa ainda está no seu banheiro. Eu vi no boxe hoje de manhã!

- E o que você estava fazendo no nosso banheiro?

- Verificando se vocês haviam cumprido o que prometeram, o que não ocorreu.

À medida que continuavam as acusações, Cris ia se sentindo pior. Não sabia o que dizer.

- Vamos todos lá embaixo dar uma olhada no seu banheiro. Vamos resolver a questão de uma vez por todas, disse o Prof. Riley, abrindo a porta.

Donald estava de pé junto à entrada, aparentemente escutando a conversa.

- Olá! disse quando o Prof. Riley abriu a porta, eu ia perguntar quanto tempo falta para irmos para o furgão. São quase sete horas.

- Sairemos dentro de dez minutos. Com licença. Passando pelo esquiador afoito, o Prof. Riley conduziu as garotas para o andar de baixo.

Os sete se espremeram dentro do banheiro.

- Está bem, Katie, onde você viu o vidro de antisséptico?

- No boxe. Atrás daquela porta de vidro.

O Prof. Riley abriu a porta do boxe e pegou um vidro cheio de líquido verde. Mostrou para a esposa e leu o rótulo: Herbal Garden Shampoo.

- Você usava essa marca, não é, Janet? Ela concordou e perguntou:

- Quem sabe você deve tirar a tampa e cheirar.

- Não era xampu, protestou Katie. Era antisséptico bucal. Um vidro grande, e estava aí hoje cedo.

Cris observou que as três garotas se entreolharam, dando de ombros e com ar de inocência.

O Prof. Riley tirou a tampa do xampu e enfiou o dedo. Passando os dedos uns nos outros até formar espuma, cheirou o líquido e disse:

- Isso aqui é xampu, Katie. Cem por cento xampu.

- Eu sei, disse Katie, exasperada. Estou falando de antisséptico, não de xampu. Olhe nos armários e nas malas. Estava aqui há vinte minutos.

- Cris, disse o Prof. Riley, virando-se para ela. O que foi que você bebeu ontem à noite?

Sentindo os olhares de todos como flechadas, Cris disse:

- Na verdade, não bebi nada. Estava tentando gargarejar. É que eu estava com soluço e entrei pra tomar água. Vi o vidro na pia e perguntei às meninas se podia usar um pouco.

- E elas não tentaram impedir você ou dizer que não era de gargarejar?

- Não, quer dizer, acho que não. Não me lembro. Pus só um pouquinho na boca, e ela parecia estar pegando fogo, então cuspi e bochechei com água.

- E o soluço dela parou, disse Shannon, sorrindo.

- E você não sabe se era vodca ou não? perguntou Janet.

- Não, nunca provei vodca ou nada parecido, e então não sabia o gosto.

- Foi a Katie que bebeu um pouco e disse que era vodca, acrescentou Shannon.

- Eu não bebi. Experimentei com o dedo porque não tinha cheiro.

- Está bem, está bem! disse o Prof. Riley, pondo o xampu de volta perto do chuveiro. E onde está essa garrafa de antisséptico agora?

- Ali, disse Shannon, apontando para o lixo. Já que a Katie fez um estardalhaço ontem à noite, despejamos no ralo e jogamos fora o vidro.

O Prof. Riley retirou o frasco vazio do lixo e cheirou.

- Nada, disse, entregando a tampa branca para Janet. Não tem cheiro de nada. Não sei o que tinha aqui. Janet cheirou a tampa e disse:

- Parece que estão fazendo uma tempestade por nada. Elas já o jogaram fora e é isso que importa. Não sou psicóloga, mas eu diria que talvez vocês, meninas, estejam discutindo por causa de outra coisa, como ciúmes ou amizades. Podemos esquecer o

incidente todo e terminar o passeio sem mais problemas?

- Concordo, disse o Prof. Riley. Fizemos o grupo esperar por causa disso. Aprecio sua preocupação, Katie, mas parece mais que alguém esqueceu aqui um vidro de antisséptico. Vocês chegaram e usaram, e tinha um gosto ruim. Despejaram o líquido e jogaram fora o vidro e fica por isso mesmo.

- Mas, Prof. Riley, disse Katie, apavorada. Eu sei o que vi. Não pode simplesmente esquecer tudo assim. A Cris me apoiará. Estou dizendo a verdade.

O Prof. Riley parou um instante e olhou para Cris. Ela gelou.

- Você, sinceramente, acha que era vodca?

Todo mundo a fitava. Tudo que ela conseguiu dizer foi:

- Não sei.

Virando-se para Katie, ele continuou:

- É melhor você parar de forçar a barra. Ninguém quebrou nenhum regulamento. Se quiser insistir, talvez terei de perguntar como é que você, menor de idade, que, legalmente, não pode ingerir bebida alcoólica, conhece o gosto de vodca.

E, apontando para as três garotas à sua frente, continuou:

- E se eu descobrir que vocês trouxeram bebida alcoólica nesta viagem, precisam saber, jovens, que as consequências para as três serão mesmo desastrosas. Entenderam?

- Sim, senhor! responderam quase em uníssono, com um ar sério.

- Está bem. Vamos para o furgão e zarpar. A neve está derretendo enquanto ficamos parados aqui, discutindo no banheiro. É uma loucura!

Todos saíram. Cris foi ao quarto pegar sua bolsa e seu casaco para passar o dia. Katie veio logo atrás.

- Traidora! murmurou baixinho ao entrar no quarto e bater a porta.

Cris sentiu o coração apertado. Por que Katie lhe dizia uma coisa dessas? Começou

a chorar e encarou a amiga irritada.

- Por que você não me defendeu? indagou ela, começando a chorar também. Você me fez parecer uma jumenta na frente de todo mundo, e sabe que eu estava falando a verdade! Por que não disse para eles que era vodca?

- Katie, só podia dizer a verdade. Eu não sei o que era! Não conheço o gosto de vodca. Não estava querendo trair você! Como você me diz uma coisa dessas? Eu só disse a verdade!

Katie limpou os olhos com as costas da mão. Com movimentos rápidos e bruscos, tirou a blusa de lã branca e preta e a calça de esqui.

- Não estou com vontade de usar essas roupas hoje, disse, jogando-as na cama de Cris.

Agarrando um jeans e uma malha vermelha, saiu bufando, batendo a porta, na direção do banheiro.

A vontade de Cris era de se jogar sobre a cama e chorar a não poder mais. Mas ouviu o Donald gritando no corredor que todo mundo se apressasse porque já eram 7:30. Juntando suas coisas, como que anestesiada, limpou os olhos e foi para a porta.

Culpada

13

Cris passou o resto da manhã aprendendo a esquiar em companhia da Katie. Mas não conseguiram falar uma com a outra. Katie?

Como é que posso estar a poucos metros da minha melhor amiga e sentir-me tão só como nunca estive em toda a minha vida? Esta situação é a mais horrível, pavorosa, alienante que já experimentei! Que é que vou fazer? Como posso acertar os ponteiros com a Katie?

Com frio, molhada e sem conseguir concentrar-se, Cris pediu licença para sair da aula e foi caminhando sobre a neve até a sede social. Foi ao armário e tirou a bolsa, à procura de um lenço de papel para assoar o nariz. Não tinha. O banheiro estava perto, e, satisfeita, ela percebeu que havia uma caixa de lenços, perto das toalhas de papel.

Cris assoou o nariz e pegou mais alguns lenços. Estava prestes a sair quando ouviu seu nome.

Num dos compartimentos, alguém estava dizendo:

- Foi bom a Cris estar do nosso lado, senão o Prof. Riley podia ter acreditado na Katie.

- É mesmo, respondeu uma voz em outro compartimento. Aquela bisbilhoteira quase estragou tudo. Você tem certeza que ela está totalmente do nosso lado?

- Vou descobrir isso ainda hoje. Ela deve esquiar com a gente hoje à tarde. Vou ser supereducada com ela só para cimentar a amizade.

A porta de um dos cubículos se abriu, e Cris gelou, pensando que fosse uma das meninas. Não era. Com o coração batucando, ela entrou num banheiro vazio e escutou o resto da conversa.

Ouviu outra porta abrir e, pelo som das vozes e da água corrente, Cris imaginou que

pelo menos uma das garotas tinha saído e estava perto da pia, lavando as mãos.

- Você acredita que a Cris nunca provou bebida alcoólica antes? Quer dizer, você viu? Ela fez o jogo de inocente melhor do que nós!

- Sei lá! Pode ser que estivesse dizendo a verdade. Não sei. Pelo menos não fica aí querendo a verdade a todo custo, como a Katie.

- Acho que não precisamos nos preocupar mais com a Katie. A voz fez uma pausa e depois exclamou:

- Credo! Por que vocês não me disseram como meu cabelo estava horrível? Você trouxe escova?

- Tem uma no meu armário. Vamos lá. A gente pega o nosso lanche, e eu pego a escova pra você.

- Então, acha que não vamos mais ter problemas com a Katie?

- Como disse a Cris naquela hora que a maionese espirrou: "Tem que ser mais inteligente do que o frasco de antisséptico, Katie!"

- Então estamos seguras.

E elas saíram do banheiro, dando risadinhas abafadas.

A Katie tinha razão. Era vodca mesmo! E parece que elas ainda estão com a garrafa! O que é que devo fazer?

Parecia que o melhor a fazer era ir encontrar-se com as garotas na hora do almoço, conforme haviam planejado. Até lá ela certamente conseguiria pensar numa forma de confrontá-las.

Jogando a bolsa no ombro, Cris se encaminhou para o ponto de encontro combinado. As outras ainda não tinham chegado. Cris resolveu ficar fria. Procurou um lugar para sentar-se, para comer o lanche. Sentou-se, pois, e abriu a bolsa, descobrindo então que não trouxera o lanche. Tinha ficado no apartamento.

Não acredito! Este dia está cada vez pior. O que mais vai acontecer?

A primeira coisa a acontecer depois disso foi que Shannon, Tiffany e Jennifer apareceram. Ela ainda não estava preparada para encará-las.

- Olá! Esqueceu o lanche. Eu o vi na cozinha e trouxe pra você. Está com fome?

Cris sorriu e pegou o pacote.

- Pegou o da Katie também?

- Não. Tem certeza que ela esqueceu o dela? Só vi o seu no balcão. Eu já lhe disse que gostei muito do seu casaco? Essa cor fica ótima em você.

Cris sabia que o seu lanche estava ao lado do da Katie. Não estava disposta a continuar "jogando" com essas meninas.

- Que pista você quer experimentar primeiro, Cris? perguntou Tiffany. Quer uma fácil ou vai encarar a mais alta?

- Ainda não tenho certeza. Ainda preciso assistir à sessão de treinamento da tarde.

- E você vai? Para que esperdiçar tempo ali, quando podia estar esquiando de verdade? perguntou Shannon.

- É, concordou Jennifer. Vem com a gente.

Cris deu uma mordida no sanduíche para não ter de responder e encolheu levemente os ombros.

Não posso fingir que não sei o que disseram. Eu devia ir procurar a Janet e o Prof. Riley, mas aí essas meninas nunca mais falariam comigo e eu me sentiria mal demais. Continuou mastigando devagar. Mas o que é que estou pensando? E eu lá me importo com o que elas pensam de mim? Não; eu me importo com o que a Katie pensa de mim. E acho que no final o que importa é o que Deus pensa de mim. Tenho de dizer alguma coisa. Senhor, me ajude!

- Shannon, principiou ela, sem saber direito o que dizer, posso lhe fazer uma pergunta? Posso perguntar sua opinião sobre uma coisa?

- Claro!

- Na verdade eu gostaria que todas vocês me dessem um conselho. Estou com um

problema.

- Começa com "K" e termina com "atie"? perguntou Tiffany.

- Só vou dizer que é sobre uma conhecida minha, continuou Cris sem ter muita certeza do que iria dizer.

Pôs-se a pensar rapidamente e notou que as garotas deviam adorar dar conselhos. Tinham parado de comer e estavam esperando, atentas, para ouvir o problema da Cris.

- Essa garota foi mais ou menos convencida a comprar uns cosméticos de uma amiga sua que vendia essas coisas, explicou.

- Nós todas já fizemos isso, não é mesmo? disse Jennifer, e as outras concordaram.

- Bom. Ela dissera a essa garota que os produtos eram ótimos e, se ela não gostasse, poderia devolver e receber o dinheiro de volta. Então ela experimentou, e não lhe pareceram grande coisa. Mas a moça que os vendeu pra minha amiga ficava elogiando-a e procurando fazê-la sentir-se bem sobre a maquiagem.

- Geralmente é assim mesmo. E daí? O que aconteceu?

- Na verdade, ela descobriu que a companhia de cosméticos estava sendo investigada por fraude. A amiga dela jurou que nada disso era verdade e até mesmo tentou vender-lhe mais coisas. Ela acreditou na amiga e comprou um monte de coisas, e até procurou convencer algumas das suas conhecidas de que o produto era bom.

- O que aconteceu?

- Sem querer, essa garota ouviu uma conversa e descobriu que a amiga dela tinha mentido. A amiga sabia o tempo todo que a companhia estava mesmo sob investigação e que os cosméticos eram de péssima qualidade. Estava enganando minha amiga o tempo todo.

- Que baixaria! exclamou Tiffany. Eu faria ela devolver todo o dinheiro e nunca mais falaria com ela!

- Eu processaria a companhia, disse Shannon.

- É por isso que eu queria o seu conselho. Essa minha amiga está pensando em procurar as autoridades e denunciar o caso. Só que ela não quer perder a amizade da moça que mentiu pra ela e a usou. Como é que ela deve conduzir as coisas para que sua amiga não se aproveite mais dela e ao mesmo tempo consiga revelar a verdade?

As garotas se entreolharam, e Shannon disse:

- Deixa a amiga pra lá! Ela deve ir direto às autoridades, e justiça seja feita!

- Concordo. Que espécie de amiga é essa que faz uma armadilha pra ela e continua a agir mesmo quando sabe que é uma mentira?

- Amigas como vocês, deixou Cris escapar.

- Do que você está falando? perguntou Shannon.

- É, que negócio é esse? Você não está falando de maquiagem, está?

Cris olhou direto para as garotas e disse:

- Sem querer, ouvi vocês conversando no banheiro agora há pouco. Sei que havia vodca ou alguma bebida mesmo naquela garrafa de antisséptico, que era de vocês e que vocês ainda não jogaram fora, falou com voz tremida. E não sei o que fazer. Se eu fosse seguir os conselhos que me deram eu deveria ir direto ao Prof. Riley e descartar vocês todas como amigas, porque me enganaram, mentiram e me usaram.

- Nunca mentimos e não armamos nenhuma arapuca pra você, disse Shannon. Foi você que pegou o antisséptico. Nós não o demos a você. Deixamos que tudo seguisse seu curso natural. Nenhuma de nós mentiu.

- Você está dizendo sinceramente que encontraram o frasco debaixo da pia?

- Bem, não. Tivemos de inventar essa parte. Mas fora isso, não mentimos.

- Se a Katie não tivesse vindo bisbilhotar, acrescentou Tiffany, tudo teria se resolvido e ninguém ia se machucar.

- Bem, eu me machuquei. E vou ser sincera com vocês. Não sei o que devo fazer. Seu conselho era que eu fosse direto às autoridades e acabasse com a amizade. Talvez seja a melhor coisa a fazer, mas não quero acabar nenhuma amizade, nem a da Katie, nem a de vocês.

Cris percebeu que iria romper em lágrimas ou vomitar, ou ambas as coisas. Pediu licença e buscou refúgio no banheiro. Saiu quinze minutos mais tarde, após ter chorado sozinha e ter lavado a alma.

Não tinha a menor vontade de voltar para a pista de esqui. Juntou seu equipamento e examinou os olhos inchados no espelho. Dirigiu-se à sede social e foi em direção à enorme lareira.

Havia uma poltrona vazia perto de uma janela alta. Sentou-se nela com os pés virados para o fogo. Lá fora, o sol da tarde se escondia por detrás de um bloco de nuvens que mais pareciam lençóis de neve, esperando o sinal para despejá-los sobre a terra.

Então, como se Deus tivesse dado o sinal, alguns "filhotes" de neve começaram a cair em busca de um novo lar. Alguns foram adotados pelos pinheiros sempre verdes que esticavam os braços para recebê-los. Outros pegaram carona nos ombros de esquiadores corajosos que desciam sobre a neve até a sede social. Mas a maioria dos silenciosos flocos encontrou morada nas encostas das montanhas, onde se juntou aos que a tinham precedido.

De alguma forma, tudo tem um propósito e um lugar, pensou Cris, acomodando-se melhor na poltrona, vendo o mundo se embranquecer mais. A única coisa que me conforta nessa confusão toda é que Deus conhece o princípio e o fim de tudo. Eu sei que ele se interessa pelo que estou sentindo, e sei que, de alguma forma, ele sempre opera tudo para o seu bem. Tudo tem um propósito.

- Desistiu? perguntou uma voz atrás dela.

Cris voltou a cabeça e viu o Prof. Riley com uma xícara de chocolate quente.

- Só fazendo uma pausa, disse Cris. Lá fora me parece frio demais.

- Está esfriando, e a visibilidade lá em cima piorou. Se o resto do grupo vier também ficar em volta da lareira, é melhor voltarmos ao apartamento. Podíamos alugar uns filmes e fazer pipoca.

- Parece uma idéia legal, disse Cris, sorridente.

- Foi bom eu encontrá-la sozinha por um instante, disse o Prof. Riley. Estive pensando numa coisa e queria consultá-la.

- Ótimo! Eu também queria conversar com o senhor sobre uma coisa.

- Percebi que quando cheirei a tampa do vidro de antisséptico hoje cedo, não tinha nenhum cheiro. Se estivesse cheio de antisséptico, seria um forte odor de hortelã. Eu uso aquela marca e ela tem gosto bem forte. Cris, você acha que há alguma chance de que a garrafa tivesse mesmo alguma bebida alcoólica?

Cris remexeu-se na poltrona e sentiu que era a hora de contar tudo Naquele instante ouviu a voz de Katie vindo de trás.

- Prof Riley, sua esposa está procurando o senhor. Aparentemente, a garota não percebera que Cris estava na poltrona, porque, ao notá-la, acrescentou:

- Ah' Eu não sabia que o senhor estava ocupado.

- Diga à Janet que vou já para lá. Cris estava para me dizer uma coisa. .

- Então é melhor eu deixar os dois a sós. Cris percebeu a amargura no tom da voz de Katie. Ela ainda estava magoada, e Cris sabia que tinha todo direito.

- Não fique aqui, Katie. Quero que você também ouça que vou dizer.

Katie ficou parada perto, evitando olhar diretamente para a amiga Esperando que ela falasse, assumiu um ar de quem diz: “Eu vou ficar firme!”

- A Katie tinha razão, falou Cris. Havia vodca no vidro de antisséptico. E provavelmente, estava mesmo no boxe do chuveiro de manhã, como ela disse.

- Ótimo! interrompeu Katie, jogando as mãos para o alto Agora você está do meu

lado. O que provocou a grande virada? As novas amigas despejaram você de repente?

Cris continuou olhando para o Prof. Rüey, continuando a explicar que tinha falado a verdade durante o confronto Smceramente não sabia o que era aquilo na noite anterior. O que a fizera mudar de idéia foi a conversa das moças que ela ouvira.

- Eu não estava querendo desacreditar você hoje de manhã, Katie Só queria dizer a verdade, disse Cris, olhando-a fixamente.

Afinal Katie também fitou-a. No momento que os olhos da amiga encontraram os seus, Cris murmurou:

- Desculpe!

- Não; a culpa é minha, disse Katie em voz fraquinha. Eu não devia ter duvidado de que você estivesse falando a verdade. Você me perdoa por tê-la chamado de traidora?

- Claro! E você me perdoa por não ter tido mais coragem de ficar do seu lado quando contava as coisas?

- É claro! replicou Katie, abaixando-se e dando um abraço na Cris. É preciso muito mais que isso pra acabar com dois tesouros peculiares como nós.

- Bem, se vocês duas conseguiram acertar as coisas, vou procurar a Janet, e vamos esclarecer essa coisa toda. Muito obrigado às duas, por sua honestidade. É surpreendente o quanto é difícil hoje em dia encontrar um colegial que diz a verdade. Minha opinião sobre ambas subiu cem por cento. Queria que houvesse mais estudantes iguais a vocês.

"Só Queria Ter Certeza de que Você Estava Aí!"

14

- Cris, acorde! Era sua mãe chamando baixinho. Tem visita para você! Cris virou-se no sofá e apertou os olhos, tentando ver a mãe.

- Eu dormi? Que horas são?

- São quatro horas. Você dormiu logo que chegamos do culto. Sabe de uma coisa? Foi muito bom você ter voltado da excursão um dia antes, ou não aguentaria ir para a aula amanhã.

Cris sentou-se e ajeitou no corpo o suéter vermelho.

- Eu desmaiei, hein? Você disse que tem alguém aí?

- Sim. Acho que talvez você vá ficar surpresa.

- Quem é? perguntou a garota, soltando o cabelo do clipe de rabo-de-cavalo e passando nele rapidamente os dedos à maneira de um pente. A Katie está aí com o Glen? Ela estava na expectativa de ele passar na casa dela hoje à tarde.

- Levante e venha ver. Eles estão lá na frente, conversando com seu pai.

Cris levantou-se, calçou os sapatos e passou um dedo debaixo de cada olho para o caso de a maquiagem ter manchado enquanto dormia. Abrindo a porta da frente, foi à varanda. Ouviu a voz do pai conversando com alguém no canto da casa, mas não deu para ver quem era. Deu mais uma arrumada no cabelo e ajeitou o suéter. Desceu a escada e foi para o lugar de onde vinham as vozes.

- Rick? Douglas? Olá! O que é que vocês estão fazendo aqui?

- Pare aí! brincou Douglas. É a "Bela Adormecida", segunda parte! E você não está

com cara de coelhinha de neve beijada pelo sol! Divertiu-se?

Douglas, um amigo que conhecera na praia havia dois anos, sem o menor constrangimento aproximou-se e deu-lhe um grande abraço na frente do pai e do Rick. Cris nunca conseguira entender se o rapaz não tinha mesmo desconfiômetro, ou se era tão autêntico, que, nada tendo a esconder, agia por impulso.

Cris aceitou o entusiástico abraço e depois, como lhe parecesse certo, virou-se para o Rick. Ele hesitou um momento, mas deu-lhe um abraço neutro, de lado, sem nada dizer.

No momento em que o Rick passou o braço em volta dela, Cris sentiu o cheiro da sua colônia. Não sabia a marca, mas era o mesmo perfume que ele usara nas vezes em que saíra com ela.

Imediatamente ela sentiu um aperto no estômago e o coração cheio de sentimentos confusos. Pelo jeito do Rick, parecia que ele se sentia constrangido de tocá-la na frente do seu pai, ou então a visita fora idéia do Douglas.

- Sim, replicou Cris, tentando concentrar-se no que o Douglas perguntara. A excursão foi bem. Não ótima, mas boa.

- Se vocês me derem licença, disse o pai, erguendo a chave de fenda, eu estou tentando consertar a poltrona reclinável.

Pobre pai! Será que dessa vez a cadeira vai cooperar com ele?

- Seu pai explicou que vocês tiveram de voltar um dia antes porque vem uma tempestade de neve, e não queriam ficar ilhados lá, disse Douglas, encostado no lado da sua camioneta amarela, estacionada logo ali.

- Essa foi uma das razões.

Cris relatou rapidamente o confronto que tivera com as três garotas por causa da vodca, e como elas acabaram confessando que a tinham levado secretamente, com planos de fazer uma "farra" na última noite.

- Parece que o clube de esqui teve um problema semelhante no ano passado com uns casais que saíam após a hora de recolher.

Rick deu uma risadinha e, entrando na conversa pela primeira vez desde que chegara, indagou:

- Aquelas três mencionaram que foram elas que saíram com rapazes no ano passado?

- Não, elas não falaram isso.

Lançou um olhar cauteloso para o Rick. Era estranho estar com ele assim de repente sem a menor indicação de que iria vê-lo. Ele parecia o mesmo: alto, ombros largos, cabelo escuro ondulado e olhos cor de chocolate. Mas estava também um pouco diferente. Será que mais reservado, ou estaria zangado?

Havia muita coisa que ela queria dizer, mas não era possível com o Douglas ali perto. Sobretudo sentia-se meio sem jeito porque o Douglas era o melhor amigo do Ted, e agora Douglas e Rick estavam morando no mesmo apartamento e frequentando a mesma faculdade, a Estadual de San Diego.

O que mais surpreendia Cris era que neste momento o Rick não parecia exercer aquele vigoroso domínio que tivera sobre ela no passado. Mas gostaria imensamente de ter a amizade dele. Queria que fossem amigos.

- Estamos indo de volta para a faculdade, e passamos aqui para pegar algumas coisas do Rick. Eu lhe disse que não poderia estar assim tão perto de você sem dar uma passada para dar-lhe um "alô"! Você está ótima! Fico contente que esteja indo tão bem. Gostei do seu cabelo assim.

Sem graça, Cris passou as mãos de novo em sua juba. Sentia em si o olhar do Rick enquanto fitava o Douglas. Rick sempre lhe dizia que ela ficava bem de vermelho. Era engraçado que por acaso ela estivesse usando uma blusa vermelha justamente no dia que ele resolvera aparecer de novo na sua vida. Pensou na pulseira de ouro "Para Sempre" que

trazia no pulso direito. Será que estava aparecendo sob a ponta da manga?

Será que o Rick a notaria? E isso teria importância para ela? Será que fora ele quem pagara para que ela pudesse recuperá-la?

- Vocês querem entrar? Querem tomar alguma coisa?

- Precisamos ir andando. Temos de estar de volta até às seis para a reunião do grupo "Amigos de Deus".

- "Amigos de Deus"? repetiu Cris, tentando lembrar onde ouviu a expressão.

- Sim, "Amigos de Deus", disse Douglas com um sorriso. Gostou do nome? Fui eu quem o escolheu. É um grupo de jovens cristãos que se reúne no nosso apartamento toda semana. Eu tenho dado os estudos, mas hoje o Rick vai dirigir pela primeira vez, explicou o rapaz, dando-lhe um soco brincalhão no braço. Tá ficando um pouco nervoso, hein, colega?

Rick devolveu-lhe o gesto e o ritual esportivo masculino começou. Cris olhou para os dois "garotinhos" de mais de dois metros de altura que lutavam um com o outro na rampa de entrada de sua casa.

Era bom ver o quanto o Rick e o Douglas se davam bem. Na condição de "melhor amigo" do Douglas ela só vira o Ted. O Ted e o Rick eram tão diferentes, no entanto Douglas parecia se dar bem com ambos.

Como a amizade entre rapazes é diferente da amizade entre garotas!

Rick parecia sair vencedor dessa rodada, o que não era surpresa para Cris. Certamente algumas coisas nunca mudam.

- Fiquei tão contente de vocês passarem por aqui! Pena não poderem ficar mais, disse, lamentando vê-los irem embora.

Teria adorado entrar na camioneta e ir com eles à reunião dos "Amigos de Deus", em San Diego. Seria bom ouvir o Rick dirigir um estudo bíblico e ver de primeira mão o

que estava acontecendo em sua vida. Será que ele estava mesmo levando a sério as coisas de Deus?

- Temos de nos encontrar e fazer alguma coisa juntos no recesso do Natal, disse Douglas. Você vai estar por aí, Cris?

- Sim, eu estarei por aqui. Precisamos mesmo nos encontrar. Seria muito legal!

Douglas deu-lhe outro abraço e sentou-se no banco da frente da camioneta.

- Você pode vir nos visitar a qualquer hora. Se não puder vir, pelo menos mande uns brownies!

Cris riu-se.

- Estou falando sério, disse Douglas. Lembra daqueles bwwnies que você fez para mim e pro Ted no Natal passado? Foram os melhores da minha vida!

- Verei o que posso fazer, disse Cris, sorrindo. Mas espere! Não tenho o seu endereço.

Douglas mexeu embaixo do assento da camioneta e tirou um pacotinho vazio de batatas fritas.

- Aqui, disse, entregando o papel para o Rick junto com uma caneta que pegara no porta-luvas. Escreva o nosso endereço para ela.

Rick rabiscou o endereço. Quando o entregou a Cris, ela estendeu a mão direita para pegá-lo, e sua pulseira ficou totalmente à vista.

Olhou o rosto do rapaz à busca de sinais de que ele tivesse notado. Parecia fitar a jóia, mas a única mudança que notou foi o canto dos lábios que se ergueram um pouquinho. Ele não a olhou, nem disse nada.

Sem um abraço de despedida, Rick entrou na camioneta do lado do passageiro. Pegou os óculos, colocou-os e descansou o braço na janela do carro.

- Tchau! disse Cris, triste por vê-los irem embora depois de uma visita tão rápida.

Fiquei contente com a visita. Fiquem mais tempo da próxima vez, está bem?

Douglas deu partida no motor. Antes de dar marcha a ré para sair para a rua, falou de novo:

- Não esqueça os meus brownies!

- Está certo, respondeu ela, balançando o invólucro de fritas com o endereço deles. Prometo mandar uns pra vocês.

Rick fez um aceno com a mão aberta. Eles deram ré e foram embora. Não dava para ver a expressão do seu rosto porque ele usava óculos que lhe encobriam os olhos. Muito perturbador.

O encontro deixou-a cheia de perguntas. O Rick não parecia o mesmo cara dominador de antes. Não parecia estar zangado. Será que estava ferido? Será que achava difícil estar perto dela com o Douglas junto, já que fazia tanto tempo que não conversavam? Ele sentia o mesmo que a Cris, que as coisas não estavam completamente resolvidas entre eles?

Resolveu entrar em casa e telefonar para Katie e saber sua opinião.

- Ela não está, disse o irmão de Katie, quando Cris ligou.

- Por favor, diga a ela que eu telefonei e que quem conversar com ela amanhã na escola.

No dia seguinte, quando Cris pegava o lanche no balcão da cozinha, a caminho da escola, sua mãe lhe disse:

- Cris, leva o aviso do correio e pega o seu pacole. Não tive tempo de ir durante o final de semana.

Cris tinha se esquecido do pacote misterioso de número 96817. Pegou o aviso, colocou-o na bolsa e correu porta afora.

Na aula, a professora devolveu as redações "A Verdadeira Amizade". Cris tirou um

9. Nela havia um bilhete: "Tente se esforçar um pouco mais na estrutura das sentenças."

Isso não devia ter sido tão difícil! Por que me é tão difícil colocar os sentimentos em palavras? Acho que não adianta muito eu receber nota pela estrutura das sentenças, com descaso pelo conteúdo.

A professora deu-lhes os últimos quinze minutos do período para trabalharem na próxima tarefa de leitura. Cris começou a ler, resolvida a terminar a tarefa em classe, para não ter mais que estudar em casa.

A colega que se sentava atrás de Cris deu-lhe uma batidinha no seu ombro e passou-lhe um bilhete. Era da Katie, e dizia: "Quer ler o meu trabalho? Tirei 10!!!"

Cris virou-se na direção de Katie e, sorrindo, concordou. O papel correu de mão em mão até chegar a Cris, enquanto a professora escrevia no quadro.

Em cima estava um enorme "10". A primeira linha de Katie era uma citação: "Porquinho aproximou-se de Puf. "

- Puf? chamou ele em voz baixa. "

- Sim, Porquinho? replicou Puf.

"- Nada, disse Porquinho, pegando na pata do amigo. Eu só queria ter certeza de que você estava aí!"*

* Extraído do livro The House aí Pooh Comer (A casinha da esquina), de A. A. Milne. Usado com permissão.

E ela continuava descrevendo a verdadeira amizade como uma situação em que alguém está sempre presente para o outro, não importa o que aconteça. Amigo é alguém que não precisamos impressionar, porque sabemos que podemos ser autênticos ao lado dele, e essa pessoa ainda nos aceita. Ela citou até Provérbios 17.17: "Em todo tempo ama o amigo."

Nas últimas linhas do trabalho, Katie dizia: "Sinto que sou mais feliz do que muita gente, porque tenho essa espécie de amizade. Tenho um amigo que está presente a toda hora. Um amigo que me aceita como sou, mas me ama demais para deixar que eu continue

assim. Sim, eu diria que sou abençoada porque tenho um verdadeiro amigo."

Cris mordeu o lábio inferior, sentindo-se meio sem jeito e com sentimento de culpa. Ela não possuía todas as qualidades que Katie citara como características de um verdadeiro amigo. Ela queria ser uma amiga melhor para a Katie. Devolveu a ela o trabalho na hora do almoço, dizendo-lhe:

- É realmente bom o seu trabalho. Mas preciso dizer que me fez sentir culpada.

- Por quê?

- O jeito que você descreveu seu amigo verdadeiro como quem sempre está presente e a aceita em toda situação... Achei uma declaração muito forte.

- Achou forte demais? Eu achei que deixei até "fraca" demais, disse Katie, examinando o trabalho. Até mudei a última linha antes de entregar. Inicialmente eu tinha escrito: "Tenho um verdadeiro amigo, e seu nome é Jesus Cristo." Mas aí fiquei com medo de que ela abaixasse minha nota.

Ah! Faz sentido. O Senhor está sempre presente, e todas as outras coisas que a Katie escreveu sobre ele são verdade também. Puxa! Eu fui arrogante mesmo em pensar que a Katie, veladamente, estivesse escrevendo sobre mim!

- A propósito, você podia me dar uma carona hoje? Meu irmão pegou meu carro emprestado de novo.

- Tenho de ligar pra minha mãe e pedir, mas tenho certeza que ela vai dizer que sim. Preciso passar no correio. Recebi essa notificação estranha de um pacote mandado com a postagem a cobrar.

- Provavelmente é a amostra grátis de protetor solar que nós pedimos no verão. Ainda não recebi a minha.

- É possível, explicou Cris com um tom de dúvida.

- O quê? Você acha que pode ser do Rick ou coisa parecida?

- Não. Ah! Eu ainda não lhe contei. Seu irmão não lhe disse que liguei ontem à

noite?

- Aquele "esquecedor" de recado! Não. Não disse nada.

- Onde você estava? O Glen passou por lá?

- Não; fui ao supermercado com minha mãe. O Glen nem ligou. Ou talvez tenha ligado, e meu irmão esqueceu de me dar o recado. Mas vou vê-lo no dia do estudo bíblico, quarta-feira, e então vou ficar sabendo. Por que você ligou?

- Nada muito importante. Só pra lhe dizer que o Rick e o Douglas estiveram em casa ontem.

Katie parou de comer seu sanduíche e esbugalhou os olhos.

- Por que não me disse? E o que aconteceu? Ele notou a sua pulseira?

Cris deu um relatório detalhado da situação. Katie apresentou a sua avaliação.

- Se quer saber o que penso, acho que o Rick ainda está machucado por você ter terminado com ele. E na minha opinião isso foi bom para o rapaz. Estava na hora de alguém lhe mostrar como a gente se sente quando se leva um fora.

- Não foi por isso que terminei com ele.

- Você terminou porque ele é um panaca, certo?

- Não, Katie, ele não é um panaca. Ele é simplesmente o Rick.

- Mesma coisa.

- Não é, não. É difícil explicar por que eu terminei com ele. Na época, me liguei muito aos meus sentimentos, e eu sabia que estava fazendo a coisa certa. Só posso explicar da seguinte maneira: o Rick não tinha uma dimensão espiritual, e eu sentia falta disso, porque o Ted é noventa por cento espiritual e dez por cento emocional. O Rick era noventa por vento emoções e não sei quanto de qualquer outra coisa. Mas ontem, quando o vi, parecia que ele estava mais espiritual. Não era o mesmo cara. Acho que o Douglas tem tido uma boa influência sobre ele.

- Ótimo! É verdade. Sei que não devemos julgar, mas o Rick parecia que estava sempre "brincando" de ser crente. Não dava pra saber se ele era sincero mesmo, ou se tudo que dizia era apenas encenação, já que ele frequenta a igreja desde pequeno.

- Quero crer que ele está se tornando sincero, disse Cris. É sobre isso que vou começar a orar por ele. Coloquei a Jennifer, Shannon e Tiffany na minha lista de oração. Talvez eu deva acrescentar o Rick também.

- Você devia estar orando é pelo Ted. Você não teve notícia depois que mandou o cartão?

- Não.

- Não fique assim, Cris.

- Assim como?

- Você está com o jeito de quem diz: "O Ted se esqueceu de mim, e nunca mais vou vê-lo na vida." Você sabe que isso não é verdade.

- Às vezes é difícil saber o que é verdade, falou Cris, tentando lutar contra a tristeza e remexendo na pulseira. Acho que é por causa das redações sobre amizade verdadeira e porque pensei nisso hoje. Creio que me sinto como seu "Porquinho". Às vezes queria ter mais certeza da amizade do Puf. Sabe o que quero dizer?

- Sim, sei exatamente. Mas Jesus é o único que sempre está conosco, o tempo todo. Você sabe disso.

- Eu sei disso quanto ao Senhor, mas nunca sei o que pensar com relação ao Ted.

- Se quiser saber a minha opinião... Cris sorriu e disse:

- Você sabe que eu sempre quero a sua opinião. Pelo menos quase sempre.

Katie devolveu o sorriso e disse:

- Bem, quer queira ou não, minha opinião sobre o Ted é que você deve sempre relembrar o que sabe sobre ele e repeti-lo para si mesma. Assim não se confunde com

essas incertezas.

- O que quer dizer?

- Como aqueles versículos que você escreveu pra ele de Filipenses, dizendo que dá graças a Deus por ele, e que é certo pensar assim porque você o traz no coração. Ele disse que seria o seu amigo pra sempre, lembra? Isso ele prometeu.

- Tem razão! Preciso lembrar de uma frase que citei no meu trabalho. Cris pegou sua redação e leu para Katie: "Minha riqueza são os meus amigos."

- E, acrescentou Katie. E alguns amigos são tesouros peculiares. Eu diria que o Ted entra nessa categoria.

A campanhia interrompeu as divagações das duas garotas. Cris enfiou de novo o trabalho no caderno e suspirou:

- Espero que você esteja certa, Katie.

- Claro que estou. Você sabe que estou. Pelo menos a maioria das vezes. Cris sorriu.

- Vejo você depois da aula. Vou para o Espanhol.

- Minha matéria predileta, ultimamente. Não esqueça de ligar pra sua mãe, perguntando se pode me levar pra casa.

O resto do dia passou depressa, e Cris encontrou-se com Katie no seu carro.

- Minha mãe me disse que posso levá-la pra casa. Podemos passar primeiro no correio?

- Você é a motorista, disse Katie, deixando os livros no assoalho. Como você consegue manter o carro tão limpo?

- Ordem da mãe. Ela tem fobia de carro sujo.

- E uma coisa que ajuda também é que seu irmão ainda não tem idade pra sair com o seu carro.

Na frente do correio, Cris estacionou e perguntou se Katie ia entrar com ela.

- Está brincando? Estou tão curiosa sobre esse pacote misterioso! Cadê o aviso?

- Aqui.

Cris tirou-o da bolsa. Havia quatro pessoas na fila à frente delas. Daí a pouco outras entraram atrás. Cris chegou ao guichê, entregou o aviso e disse:

- É um pacote com a postagem a cobrar. Aqui estão os cinquenta e sete centavos que faltam.

- Um momento, disse o funcionário. Ele foi até os fundos e voltou com um sorriso engraçado na cara.

- Você é Cris Miller? indagou.

- Sim.

- Conhece alguém chamado Fil?

- Fil? Não, respondeu e, virando-se para a Katie, acrescentou: Pelo menos acho que não.

- É só curiosidade. Aqui está.

Ele colocou um objeto grande, esverdeado, oval, sobre o balcão. O endereço de Cris estava escrito com letras negras, grandes.

- É todo seu.

- O que é isso? Um kiwi gigante? indagou Katie.

- Não, é um coco do Havaí, disse Cris. É assim que eles são, quando caem do pé.

No momento que disse "Havaí", seus olhos se arregalaram. Ela e Katie se entreolharam e ambas abriram a boca ao mesmo tempo. As duas se afastaram depressa para dar lugar aos outros fregueses.

- Vire do outro lado! O que está escrito no lugar do remetente?

- Fil 1.7. O que quer dizer isso?

- Filipenses. Fil é abreviatura de Filipenses. Entendeu? Ele está devolvendo-lhe a

sua mensagem. Não acredito! É incrível! E as outras palavras, o que dizem? Dá pra ler?

Cris colocou o coco sob a luz e leu: "Guardo-a... no... coração... também."

- Aaaiii! gritaram as duas ao mesmo tempo e abraçaram-se. De repente perceberam que as pessoas as observavam, e foram correndo para o estacionamento.

- Eu não lhe disse?! Isso é tão típico do Ted! Quem mais pensaria em mandar um coco pelo correio? E mandou a sua mensagem em código bíblico! Incrível!

Cris olhou para o coco e em seguida para a amiga, empolgada. Seus olhos ficaram turvos. Não sabia se as lágrimas eram de riso ou de choro, porque no momento não sabia se estava rindo ou chorando.

- Agora, declarou Katie com ar confiante, isso é o que eu estava falando! Você tem nas mãos evidências de que o Ted sempre será seu verdadeiro amigo.

- Ele é meu amigo de verdade, Katie, disse Cris, piscando para afastar as lágrimas e abraçando o coco perto do coração. Com o outro braço, enlaçou a Katie.

- E você é minha verdadeira amiga também.